

[DRAMATURGIA]

**EU QUERIA SER
UM PIANO DE
CAUDA OU UM
OBOÉ**

Alan Norões

[] []
[OUTRAS]
PALAVRAS

Biblioteca
Paraná 



**EU QUERIA SER UM
PIANO DE CAUDA OU UM
OBOÉ**

ALAN NORÕES



Copyright © 2024 para A. R. Publisher Editora

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, mesmo parcial, por qualquer processo mecânico, eletrônico, reprográfico etc., sem a autorização, por escrito, da editora. Todos os direitos reservados desta edição 2024 para a editora.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Angela Ramalho

Editora Chefe

Manuela Sanchez

Revisão

Eliane Arruda

Preparação dos arquivos e capa

Carlos Alexandre Venancio

Diagramação

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo, SP)

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Pedro Anízio Gomes - CRB-8 8846

N852q Norões, Alan.
Eu queria ser um piano de cauda ou um oboé / Alan Norões. – 1. ed. – Maringá, PR : A. R. Publisher Editora, 2024.
230 p.; 14 x 21 cm.

ISBN 978-65-5422-092-7 (impresso)
ISBN 978-65-5422-102-3 (e-book)

1. Sátira. 2. Dramaturgia. 3. Cenas. 4.História. I. Título. II. Assunto. III. Autor.

CDD 792

CDU 792

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

- Teatro.
- Peça teatral

NORÕES, Alan. **Eu queria ser um piano de cauda ou um oboé.** 1. ed. Maringá, PR: A. R. Publisher Editora, 2024.

**EU QUERIA SER UM
PIANO DE CAUDA OU UM
OBOÉ**

ALAN NORÕES

**OS SENHORES REPARARAM QUE A VISCONDESSA
DE MATABURROS É UMA PORCA?**

PERSONAGENS:

- **BARÃO**
- **BARONESA DUQUE**
- **DUQUESA**
- **VISCONDE DE MATABURROS VISCONDESSA DE MATABURROS JOVEM**
- **IMPERADOR PRINCESA**
- **GARÇOM CHILENOS**
- **NOBRES DA CORTE**

(Salão decorado. Som ambiente de vozes conversando e talheres tilintando. Um Garçon anda de um lado a outro oferecendo comes e bebes numa bandeja. Confabulando em quarteto estão o Barão e sua respectiva Baronesa, o Duque e sua respectiva Duquesa.)

BARONESA — Os senhores, por acaso, já repararam que a viscondessa de Mataburros é uma porca?

BARÃO — Baronesa!

DUQUESA — Que perversidade deliciosa!

DUQUE — A viscondessa de Mataburros era realmente uma mulher muito bonita quando jovem, mas agora que envelheceu decaiu de modo nunca antes visto na história do Império.

BARÃO — Cumprimentei-a minutos atrás e me pareceu ainda uma mulher formidável, de particular perspicácia. Além disso, foi impecável em sua toailete esta noite.

BARONESA — Acho que os senhores não me compreenderam.

BARÃO — Compreendemos que a senhora poderia guardar seus comentários maldosos para outra ocasião.

BARONESA — Mas é uma porca!

DUQUE — A Baronesa tem o frescor da espontaneidade.

DUQUESA — Toda criatura plena, como eu, diz a verdade de um jeito bem espontâneo. BARÃO — Como eu ia dizendo, minhas extensas propriedades/

BARONESA — Incredível que tenham dado o título de nobreza a uma porca! DUQUE — A senhora tem um dom! O dom tremendo do absurdo, Baronesa!

BARONESA — A isso se chama simplesmente realidade. Por isso nem quero imaginar como deve ter sido a cerimônia de investidura

ra!

DUQUESA — Duque, precisamos apresentá-la à marquesa de Abaporu, que também fala com espíritos.

BARÃO — Ela está precisada mesmo de amigas como a senhora.

BARONESA — Agora uma pergunta muito desesperadora: terá sido sempre uma porca? Ou é coisa que pode dar-se com o tempo?

BARÃO — Deixe os devaneios pelo menos para a madrugada.

DUQUE — A má essência já se vê no berço. Não que esse seja propriamente o caso da viscondessa.

DUQUESA — Ouvi de muitos que a casa deles em Petrópolis é um mausoléu. Fúnebre. E vive cheia de marechais.

BARÃO — A beleza excessiva do banquete está provocando alucinações. Não há outra explicação.

BARONESA — Ora, tem focinho, tem orelha pontiaguda, tem quatro patas e agora está mordendo a saia da marquesa de Paranguá: é uma porca!

BARÃO — Vexame logo no baile! (ao Duque) Puxou à mãe: enfática.

BARONESA — Doutos, mas anestesiados! A Duquesa, que é minha mais nova grande amiga, deve concordar comigo integralmente, não é?

DUQUESA — Como é que posso dizer? Estive com a viscondessa de Mataburros em dois ou três randez-vous. Não mais. Isto posto, talvez eu precise olhar mais algumas vezes para ter a certeza.

BARONESA — Pois olhe, olhe. Nem é preciso tanto cuidado. Apenas olhe.

(A Duquesa tira o lornhão da bolsinha e observa os convidados.)

DUQUE — Quem sabe a senhora queira beber alguma outra coisa. Será que o moscatel lhe caiu bem?

BARÃO — O moscatel que ela bebeu está causando uma indigestão. Em mim.

(O Garçom entra com bandeja e taças.)

GARÇOM — Sherry!

DUQUE — Veio. Um sherry para a senhora. BARONESA — Obrigada.

(O Garçom distribui as taças. Todos aceitam. E o Garçom se vai.)

BARONESA — (à Duquesa) Viu?

DUQUESA — Acho que ela sumiu.

BARONESA — Também não estou conseguindo encontrá-la.

DUQUE — O visconde de Mataburros está ali/

BARÃO — E aparentemente não é um porco. De onde você tirou isso, Baronesa?

BARONESA — O visconde de Mataburros, como é possível que os senhores não enxerguem?, é um tamanduá-bandeira!

(A Duquesa não se controla e dá uma gargalhada tão estridente que ela mesma se assusta. As conversas se intercalam.)

DUQUE — (à Duquesa) Pensando bem, ele tem mesmo um cara compridíssima.

DUQUESA — A língua encosta no joelho.

BARONESA — (ao Barão) Você, que trata as mulheres como se ainda vivêssemos no século passado, acha que eu não leio os jornais?

DUQUESA — O cruzamento de um tamanduá-bandeira com uma porca dá que tipo de animais?

DUQUE — Brasileiros?

BARONESA — Eu sei tudo o que se passa na corte. Sei o que está para acontecer. E estou descobrindo quem é essa gente. Essa festa não é apenas animada, é perigosa.

BARÃO — Sabe errado, porque os diários trabalham contra o Império. Por isso você está espalhando essas sandices.

DUQUE — (ao Barão) A Baronesa é muito espirituosa. Em que buraco os senhores estiveram que não a conheci antes? Deixe que ela se inspire nos jornais! Por favor!

BARÃO — Não se pode descansar, pelo bem da pátria. Permite-se um tico, e daqui a pouco estamos com a casa ocupada.

DUQUE — Não vai a tanto. E também o casal de Mataburros não anda mesmo bem falado.

BARONESA — Claro, o visconde coloca a língua em qualquer formigueiro.

DUQUE — Bem, talvez não fosse exatamente a metáfora que eu estava procurando.

BARÃO — Permita ao Duque terminar, Baronesa.

BARONESA — (à Duquesa) Fique atenta, porque a viscondessa volta já.

(A Baronesa pega na mão da Duquesa e põe-se junto

com ela, à espera. As conversas se intercalam.)

BARONESA — Que mão fria! DUQUE — (ao Barão) Digamos que/

DUQUESA — É ouro.

DUQUE — /o visconde de Mataburros fez maus negócios. Tentou comprar o Chile.

BARONESA — Uma mão de ouro?

BARÃO — O país?

DUQUESA — Duas. (mostrando) E um dente também. Não me pergunte.

DUQUE — Precisamente.

BARONESA — Preciso perguntar: por quê? BARÃO — E conseguiu?

DUQUESA — Eu respondo. Fui atacada por uma onça quando era pequena. DUQUE — Claro. Mas são cinquenta hectares. Perto de Goiás.

BARONESA — Meu Deus!

BARÃO — Ele acreditou que é possível comprar o Chile!

DUQUESA — Sobrevivi. O Duque é pior.

DUQUE — Mas é! Todos aqui nesta festa querem comprar o Chile. Estamos num encontro de negócios!

(O Garçom entra com bandeja e taças.)

GARÇOM — Málaga!

DUQUE — E dizem da viscondessa também.

(O Garçom distribui as taças. Todos aceitam. E o Garçom se vai.)

BARÃO — O quê?

DUQUESA — Voltou!

DUQUE — Que as viagens que ela faz só com o irmão, no fim do ano, nunca são para visitar a mãe na Argentina.

BARONESA — Não é uma leitoa? Confirme!

BARÃO — E para onde?

DUQUESA — (com o lornhão) Derrubou a bandeja! Quem é aquela dama que está do lado dela?

DUQUE — Enchem um navio com índios coletados ao longo do rio Amazonas e partem de Belém para o meio do mar.

BARONESA — Quem? A cacatua? BARÃO — E então?

DUQUESA — Que cacatua? Ela está falando alemão.

DUQUE — Depois de um ritual de asseio, chupa os dedões de todos os índios.

BARONESA — Diga logo a todo mundo que a senhora viu a leitoa. E a cacatua. E o tamanduá-bandeira.

BARÃO — Tão longe para chupar dedões? O Rio de Janeiro está cheio de índio. O sabor da excentricidade é único, não é?

DUQUESA — Meu problema talvez seja no direito.

(A Duquesa guarda o lornhão e tira o olho direito da órbita, soprando e limpando na roupa. A Baronesa se assusta.)

DUQUESA — Diamante! Não desviei do galho a tempo.

(A Duquesa repõe o olho de diamante. O Garçom entra com bandeja e taças.)

GARÇOM — Champanhe!

DUQUESA — (precipitando-se ao Garçom) Delícia de festa! Estou muito animada!

(O Garçom distribui as taças. Todos aceitam. E o Garçom se vai.)

DUQUE — (ao Barão) Preciso ainda investigar essa informação, mas me parece verdadeira pelo contexto.

BARONESA — A senhora não tem secretária?

BARÃO — A corte é prenhe/

DUQUESA — São anãs.

BARÃO — /de tantas histórias incríveis! Ficamos assim maravilhados!

DUQUESA — (com o lornhão) Eu diria que há uma porca, uma cacatua, um tamanduá-bandeira. Pronto. Mas não comente nada com o Duque.

BARONESA — (aos outros) A Duquesa acaba de confirmar que viu os animais.

DUQUE — A Duquesa não viu nada. A Duquesa é cega.

DUQUESA — Que exagero! Meu olho de diamante enxerga muito bem. O problema é o outro.

BARÃO — Baronesa, você está importunando os comensais. É gente que não pode ser incomodada. Vieram para se divertir, para ver o imperador. Aí uma mulher petulante aparece querendo dizer coisas.

DUQUE — Imagine, Barão! Ela está sendo a luz e a alegria da festa!

DUQUESA — É, mas fala muito.

(O Garçom entra com bandeja e copinhos preenchidos de líquidos em diferentes cores.)

GARÇOM — Liqueurs assorties!

BARONESA — (ao Barão) Esses cortesãos desprezíveis acham que vão nos enganar?

DUQUE — Baronesa! Licor, licor! Baronesa!

BARÃO — É nosso debute. Pelo amor de santo Cristo! Não é demais da sua parte? O fígado não apodrece se você fingir durante uma noite. Encha a boca de bebida pra não falar.

(O Garçom distribui os copinhos. O Duque entrega à Baronesa. O Garçom tenta sair, mas a Baronesa fica no caminho.)

BARONESA — Antes de o senhor ir, me responda: ali é uma porca e do lado dela um tamanduá- bandeira?

(O Garçom ri, desvia-se e sai.)

BARONESA — Ele riu, ele riu!

BARÃO — Óbvio. Está lhe achando completamente destemperada. A senhora está sendo humilhada até mesmo pelos serviçais!

DUQUE — Conte-nos uma história, Baronesa.

DUQUESA — Isso. Uma história divertida e breve. Quando servem o jantar?

DUQUE — Depois que eles nos entreterem com um caso, algo pitoresco da sua terra. Os senhores vêm do mato, não é? São fa-

mílias de pobretões que antes não tinham nada, e agora os senhores podem andar entre a gente de bem.

BARÃO — Mato. Que espírito! Gente de bem. Que chiste de uma grandeza penetrante!

BARONESA — A propósito, eu tenho uma história, sim. Do primeiro dia em que fui ao zoológico. A porca está vindo!

(Eles olham, se compõem. O Barão dá o braço à Baronesa, contra a vontade dela. Entram um porco, roncando, e uma cacatua, grasnando: a viscondessa de Mataburros e a jovem — que não param de se locomover enquanto os outros vão atrás deles. A Duquesa se acocora para dar-lhe um daqueles beijos falsos, que estalam a metros de distância. O Duque se deita para beijar a mão da viscondessa. Volta limpando, discretamente num lenço que tira do bolso, a boca agora suja. As conversas se intercalam.)

DUQUESA — Amiga, que bom revê-la!

BARONESA — Ela se acocorou; ele se deitou.

DUQUE — Nossa cozinheira/

BARÃO — Última moda em Paris.

DUQUE — /sempre pergunta quando a viscondessa vai nos visitar de novo para fazer aquele *crème brulée* que a senhora adora.

(A viscondessa ronca. Duque e Duquesa gargalham.)

DUQUE — Claro, aquela sua viagensinha costumeira de Natal, não é?

(Duque e Barão se entreolham, cúmplices.)

BARONESA — Só se acocora quem fala com criança e bicho.

DUQUESA — A senhora já conhece os novos? Vieram de/ De onde os senhores são mesmo? Enfim, têm um perfume saboroso de novidade. Não quer experimentar? São hilários!

(A viscondessa ronca. Duque e Duquesa gargalham.)

BARÃO — Na verdade, há pouco tempo, tive a felicidade de receber dessa grande dama o calor de sua inteligência fulgurante; mas, pelo visto, a Baronesa estava distraída, como sempre.

BARONESA — Meu encantamento, viscondessa, só não é maior do que a minha curiosidade.

(Duque, Duquesa e Barão se crispam, como se esperassem o pior. A viscondessa ronca.)

DUQUESA — Viscondessa, nos apresente a sua convidada, a alemãzinha.

BARÃO — Viscondessa, a senhora não gostaria de dançar?

DUQUE — Viscondessa, recomendo que a senhora prove o cliquot. Estava muito especial.

(A viscondessa ronca.)

BARONESA — Viram? Ela quer saber o alvo do meu interesse. Vamos agora frustrar o desejo das pessoas? Pois bem. A senhora/

(O Garçom entra com bandeja e taças.)

GARÇOM — Lait d'amandes à la vanille!

(O anúncio do Garçom cobre a fala da Baronesa. Todos, menos ela, avançam para pegar as bebidas.)

DUQUESA — Graças a Deus uma bebida para aplacar a sede. (abanando-se) Um forno!

(A viscondessa ronca. O Garçom se abaixa para ofere-

cer à viscondessa de Mataburros uma bebida, mas ela tenta mordê-lo. Ele sai, assustado.)

BARÃO — Onde é que estávamos? Ah, a viscondessa contava/

BARONESA — Não. Antes de todo mundo se distrair, eu perguntava se a senhora tem problemas de coluna.

DUQUE — Bela pergunta!

BARÃO — Soubemos que a senhora é uma grande pianista, por isso a indagação.

BARONESA — Não é por isso. De jeito nenhum. Ela não tem dedos de pianista. Quero saber se também come carne de porco.

DUQUESA — Sendo bem preparada, quem não gosta, não é?

DUQUE — Os franceses fazem a melhor carne de porco do mundo.

BARONESA — Duquesa, seria estranho, a senhora não acha?

DUQUESA — Como assim?

BARÃO — Viscondessa, e essa jovem?

(A viscondessa ronca.)

DUQUESA — Vejam só, que maravilha! Mocinha, por favor, diga para nós alguma coisa em alemão. Divirta-nos! Agora!

(A jovem grasna. Todos riem, menos a Baronesa.)

DUQUE — A senhora devia incentivar sua sobrinha a aprender francês. O francês é que é a língua da civilização e do progresso.

BARÃO — Eu até trocaria os barbarismos da nossa linguagem pela beleza dos voos poéticos de Balzac e Victor Hugo.

BARONESA — Não sabe falar uma frase sem cometer um erro. E estuda francês há vinte anos.

DUQUESA — Paris no outono! O rio Sena tem algumas das mais belas cores jamais vistas pelo olho humano. É o que dizem.

DUQUE — Há paraíso na Terra. Mas fica longe do Brasil.

DUQUESA — Meu olho de diamante chora!

(A viscondessa ronca intensamente. O grasnado da jovem também se amplia. As conversas se intercalam.)

BARONESA — O que é aquilo?

DUQUE — Aí vem o futuro presidente/

BARÃO — Aquilo o quê?

DUQUE — /do Conselho de Ministros, meu grande amigo/

BARONESA — Ela está/

DUQUE — /o visconde de Mataburros.

BARONESA — /defecando o salão inteiro!

(Da viscondessa explode um jato de fezes que suja os quatro. O Duque e a Duquesa fingem que nada aconteceu e riem. O Barão tenta disfarçar; a Baronesa está chocada. Ouvimos o barulho das pegadas do visconde de Mataburros, então entra um tamanduá-bandeira. O Garçon surge do outro lado com bandeja cheia de comidinhas. O Duque e a Duquesa aceitam os acepipes, enquanto o Barão obriga a Baronesa a comer e beber. O funcionário estende-se também ao visconde, que o derruba junto com a bandeja; depois recompõe-se rapidamente e sai, em disparada. As conversas se intercalam.)

GARÇOM — Pain mignons au foie gras!

BARONESA — Barão! Vamos embora! Chega!

DUQUESA — Caríssimo, a viscondessa estava nos revelando/

BARÃO — Você só quer me espezinhar! Egoísta!

DUQUESA — /a satisfação de ter uma família ilustrada. Os senhores são gênios da raça.

BARONESA — Estou me sentindo ultrajada!

BARÃO — Na hora de conhecer o visconde!

BARONESA — (engulhando) Socorro! E ainda abana o rabinho pra espalhar mais!

BARÃO — Fala baixo!

BARONESA — E olha esse quitute: parece que acabou de ser feito pela própria viscondessa!

(A Duquesa se aproxima do visconde para dar-lhe um beijo distante, ao passo que o Duque se acocora para cumprimentá-lo com um aperto de mão. É, então, subitamente puxado pelo visconde. O Duque geme alto de dor.)

DUQUESA — (gargalhando) É um pândego incorrigível!

BARONESA — Barão, o tamanduá vai matar o Duque! Ajuda, pelo amor de Deus!

(O Barão intervém e, após certa briga, resgata o Duque, que está com uma parte da roupa destruída. O visconde deambula pelo salão. As conversas se intercalam.)

DUQUESA — Prova viva do bem-querer e da amizade!

BARÃO — As altas rodas sociais são um exercício de altruísmo!

DUQUESA — Querido Duque, quando o visconde de Mataburros for presidente, certamente vai colocar o senhor como cabeça de algum ministério. Não é, visconde?

BARONESA — Não sei quem é mais medonho: se o visconde ou a viscondessa.

DUQUE — Estou contando com essa emoção tremenda, essa honra suprema.

(O visconde se agita, irrequieto. O Duque troca olhares com a Duquesa, empolgado.)

DUQUE — Não estou na posição de escolher cargos, mas, já que o senhor me concede essa estupenda dádiva de conjecturar a respeito, então devo dizer que gostaria de ser chefe do gabinete dos Negócios Estrangeiros.

(O visconde põe-se de pé, nas patas traseiras. O Duque e a Duquesa gargalham.)

DUQUESA — Não seria nada mal. Eu amaria viver trocando confidências com as rainhas europeias.

DUQUE — Nós, verdadeiros ocidentais! Homens do nosso tempo! Apaixonados pelo Brasil! Um brinde! Um brinde ao futuro presidente do Conselho de Ministros!

(O Garçom entra com bandeja e taças.)

GARÇOM — Cromesquis à la princesse, bières, modène et cognac!

(Todos aceitam as taças e algumas comidinhas. O Duque ergue a bebida.)

DUQUE — A todos os que amam o Brasil e aos patriotas verdadeiros e implacáveis!

(A Baronesa está hesitante. O Barão a cutuca.)

BARÃO — Você está diante do ministro.

BARONESA — Outro gabinete de pura decadência!

BARÃO — Vamos ser presos antes do fim da noite!

DUQUESA — Baronesa, estamos esperando a sua alegria para esse brinde junto conosco.

BARONESA — Estou francamente embriagada com tudo o que estou vendo, Duquesa. É muita energia vital. Mal me atento para tudo.

(Todos se abaixam para fazer as taças se tocarem na altura do visconde, da viscondessa e da jovem, que derubam tudo num golpe. Os animais estão ainda mais irrequietos.)

DUQUE — Que força, visconde!

BARONESA — Estão lambendo do chão! Misericórdia!

DUQUESA — É assim, Baronesa, que o Brasil entrará no rol das maiores nação do mundo. Com essas pessoas magnânimas.

BARONESA — Duquesa, a senhora me desculpe, mas um taman-duá-bandeira/

BARÃO — A Baronesa está muito emocionada.

DUQUE — Visconde, o que o senhor tem achado do governo desses liberais? O visconde de Ouro Preto não é mesmo um fraco? Por acaso ele já deu as caras no baile?

BARÃO — Talvez a Baronesa precise pedir licença para andar um pouco, tomar uns ares e depois voltar.

BARONESA — Não. Não preciso. O melhor lugar é aqui, ao lado de

peessoas tão importantes. Se eu sair é para ir embora.

(O Garçom entra com a bandeja cheia. O Duque se aproxima do visconde, com cautela.)

GARÇOM — Matonelles, thé vert et noiz, gâteaux fins aux Andes, biscuits suprêmes, pain grillé!

DUQUE — Duquesa, o visconde nos dá mais outra boa notícia.

DUQUESA — O que poderia ser?

(O Garçom põe as comidas nas mãos dos convidados para esvaziar a bandeja de qualquer jeito. Depois sai.)

DUQUE — Que comprou uma grande propriedade, perto de Goiás. E que lá tem muitos formigueiros.

(O Duque acena com a cabeça para o Barão. A Baronesa gargalha.)

BARÃO — Formigueiros têm sua importância garantida para o arejamento do solo, segundo os especialistas.

DUQUE — O próprio visconde é um desses profundos conhecedores dos terrenos brasileiros. Quando ministro, contribuirá enormemente para a política de agricultura do país.

BARONESA — Claro. Por que não? Por que alguém pensaria o contrário? Não há maior especialista do que aquele que tem uma urgência assim estomacal nas coisas a que se dedica.

DUQUESA — Interessa mais saber quando poderemos desfrutar desses campos. Existem riachos lá? E vitórias-régias? E macaquinhos-da-meia-noite? E hipopótamos? Eu adoraria ver vitórias-régias.

BARONESA — Por essa cara de desespero, eu apostaria que ele não gostou da pergunta.

DUQUE — O visconde nunca se desespera. É um reflexo da nação.

BARONESA — Mas está indo embora.

(O visconde, a viscondessa e a jovem impacientam-se de novo e afastam-se. O Duque e a Duquesa despedem-se, ao longe, desajeitados. Aos poucos, vamos escutando pegadas descomuns que se avizinham. As conversas se intercalam.)

BARÃO — Eles têm mais o que fazer a ficar vendo essa expressão amarga que você está exibindo.

DUQUE — Causamos uma boa impressão?

BARONESA — Anos do seu esforço. E agora?

DUQUESA — O senhor, Duque, foi o mesmo Duque de sempre.

BARONESA — Viemos nos misturar a esses imbecis, que nos retribuem com dejetos porque, afinal, são animais irracionais!

DUQUESA — Perfeito. Prodigioso.

BARÃO — É assim que tem de ser. Você tem princípios tolos, Baronesa. Sua visão de mundo tira minha paz de espírito.

DUQUE — É por isso que eu gosto de você, Duquesa: não tem coragem de mentir para me ofender.

BARONESA — O que tira a paz de espírito é a sua inércia.

BARÃO — Peguei um barco até aqui. Não saio desta festa sem dar minhas boas credenciais ao imperador. E dizer o que deve ser dito.

BARONESA — E nada vai lhe trazer de proveito esse império falido, com esse imperador caquético, nessa corte de gente desprezível.

(O Garçom entra com comidas. Todos aceitam, e ele

sai. As conversas se intercalam.)

GARÇOM — Filets de merlan farcis, sandwichs assortis, croquenbouches aux roses, sirops glacés variés, apollinaris et bissesborn!

BARONESA — Estou com nojo de você e de mim.

DUQUESA — Amo croquenbouches!

BARÃO — Bom, pois se lhe machuca tanto estar perto da gente mais importante do império, então fique à vontade. Vá embora. Volte sozinha. Mande aprontar o barco. Peça para o cocheiro ir deixar você em casa.

DUQUE — Os chilenos passeiam de chilenas, mas são marujos!

BARONESA — É o que deveriam fazer todas as pessoas decentes deste país: não compactuar com os abutres!

DUQUESA — Duque, é verdade que no Chile é possível comprar dignidade?

BARÃO — Então que seja!

DUQUE — Compraremos tudo e seremos donos de toda a dignidade que há no Chile.

BARONESA — Estamos nas mãos de crápulas por sua inteira e exclusiva culpa.

BARÃO — (aos outros) Amigos, infelizmente a Baronesa está com uma indisposição de estômago.

DUQUE — Que tragédia!

BARONESA — Uma bobagem que melhora já.

DUQUESA — Tenho uns preparados na bolsa para isso.

BARÃO — O único remédio é ir para casa. Não é, Baronesa?

BARONESA — Aparentemente sim. Mas não quero estragar a festa do Barão.

BARÃO — Nem vai. Todo espírito livre é imperatriz, me disse um dia o conselheiro Aires. Vou levar a senhora até a porta.

(Grandes portas se abrem, rangendo. A orquestra, ato contínuo, começa a tocar uma polca. Nesse momento, os presentes observam, pela moldura da entrada, a paisagem de um Rio de Janeiro apinhado de bichos. Um elefante começa a bramir ensurdecidamente; várias vozes de animais se misturam depois disso — jaguatiricas, papagaios, capivaras, sapos, gaviões, tucanos, jararacas, macacos etc.: o imperador e seu séquito entram no salão. O chão treme como num terremoto, e o espaço fica pequeno. O Duque, a Duquesa, o Barão, a Baronesa se espremem num canto, sufocados.)

DUQUESA — O imperador!

DUQUE — A princesa!

BARONESA — Os bichos estão por toda parte!

BARÃO — Que homem elegante é dom Pedro!

DUQUESA — Isabel: joia rara da sensatez!

DUQUE — O que agrada sempre o imperador nessas ocasiões? Baronesa, cuidado!

(O Duque agarra a Baronesa, de surpresa, e começa a dançar com ela.)

DUQUE — Dance! Dance! Dance! Por favor! Não vá embora! A senhora vai melhorar com música!

(A Duquesa também faz o mesmo com o Barão. Mal conseguem se movimentar. As conversas se interca-

lam.)

BARONESA — O elefante vai nos esmagar!

(O animal, sempre bramindo, esmaga o que há no salão: quebram-se cadeiras, talheres; rasgam-se tapetes, cortinas, bandeiras. Os outros bichos, cada um a seu modo, também participam dessa destruição absoluta do lugar. O piso vai se enchendo de detritos variados até ficar difícil de caminhar. A animada música da orquestra não para.)

DUQUESA — O senhor tenha cuidado com meu pé.

DUQUE — O imperador seria incapaz de permitir essa atrocidade.

BARÃO — Onde está o imperador? Vou cuidar para não lhe ferir.

DUQUE — Aliás, o imperador é um intelectual, um gentleman.

DUQUESA — Vai doer no senhor. É uma prótese.

DUQUE — O conde de Canhestras é que é um espalhafatoso.

(Esgueirando-se, entra o Garçom com comidas.)

GARÇOM — Sorbet de crème et fruits, gaufres de Vienne, petites bouchées à la normande, cuissots de faison à la chilienne, crosmequis à la princesse!

(Enfia comida na boca dos convidados, que não conseguem nem se desgrudar. E sai.)

BARONESA — (tossindo) Estou sufocada! Eles estão destruindo tudo!

BARÃO — A senhora tem uma prótese no lugar da perna?

DUQUE — Cômica! Sinta o ar puro! Dom Pedro trouxe as boas brisas para o salão.

DUQUESA — Duas próteses. Nas duas pernas. Fui atropelada. Duas vezes.

BARONESA — Chame o imperador. Precisamos falar com ele. Não vai sobrar nada.

BARÃO — A resiliência de uma dama da corte é a resiliência de toda a nação.

DUQUE — E a senhora não sabe que não se chama o imperador?

DUQUESA — Barão, o senhor é engraçado, como a sua mulher.

BARONESA — Então, me apresente a ele. O senhor não vai virar ministro um dia?

BARÃO — Isso é um elogio?

DUQUE — Às vezes, Baronesa, tenho vontade de apertar-lhe o pescoço até sua cabeça se desgrudar do corpo.

DUQUESA — Eu pensava que apenas meu cavalo, Boris Johnson, era um homem puro.

BARONESA — O senhor é um chacal!

BARÃO — Ingenuidade combina tão pouco comigo quanto, vejamos, graciosidade para dançar combina com a senhora.

DUQUE — Depois levo sua cabeça para um pequeno altar improvisado. A senhora não gostaria de ver a cripta com os crânios que temos em casa?

DUQUESA — Eu e meu olho de diamante, meu dente de ouro, minhas duas mãos de ouro, minhas duas pernas de prótese sabemos que o senhor está aqui para ser humilhado.

DUQUE — E de lá a senhora comandará todo o mundo apenas com um olhar mortal. É uma homenagem à sua pureza.

BARÃO — Duquesa, se o único tributo a pagar para estar aqui é a humilhação, então me considere seu vassalo.

BARONESA — É um elogio? O sapo-boi está esguichando mijó nos convidados! Ai!

DUQUE — A princesa, quando fala, cospe.

(A Baronesa se protege. Os animais continuam gritando: o elefante brame, um lobo uiva, um macaco guincha etc. Ainda esgueirando-se, o Garçom entra com bandeja e comidas. Enquanto fala, vai atirando os líquidos e sólidos nos convidados; ao fim, sai. Só a Baronesa reage.)

GARÇOM — Liebfraumilch/

DUQUESA — Barão, se o senhor me permite um último conselho/

GARÇOM — /château lafitte, crême à la Richelieu/

BARONESA — (ao Garçom) Chega! (ao Duque) As cascavéis estão se enroscando nas cortinas!

GARÇOM — /duplessins, langue écarlate gelée à l'anglaise/

DUQUESA — /deixe a corte, e as festas da corte, com os profissionais!

GARÇOM — /chartreuse de perdix à la prairie, purée à la reine/

DUQUE — O duque de Travessas criou filhos impossíveis!

GARÇOM — /mayonnaises à l'imperiale, salade historique!

BARÃO — A senhora quer ter o monopólio do convívio com dom Pedro?

BARONESA — O macaco derrubou a mesa de frios!

(Mais destroços explodem no chão.)

DUQUE — Dizem que é um grande espírito, mas não vale um vintém.

BARÃO — O imperador é patrimônio da nação brasileira.

DUQUESA — Barão, não posso chorar. Por favor, não insista.

BARONESA — O elefante!

(O elefante aproxima-se, bramindo. O Duque e a Baronesa desviam-se dele, empurrando o Barão e a Duquesa, que continuam dançando aos tropeções e sempre mais para longe, circundando o salão. As conversas se intercalam.)

BARÃO — Quero ter a chance, por que não?, de aconselhar Sua Majestade.

DUQUE — Continue dançando, Baronesa!

DUQUESA — Pronto! Estou emocionada! Estou chorando!

BARONESA — O elefante nos odeia! Há crocodilos guardando a saída!

BARÃO — Quando o imperador me ouvir, ele saberá que sou o conselheiro ideal.

DUQUE — A senhora tem uma única função no banquete: entreter o imperador!

DUQUESA — Ó Deus, dai-me esta clareza de ideias!

BARONESA — Lobos-guarás uivam nas janelas!

BARÃO — Porque hoje todos conspiram contra a pátria!

DUQUE — Viemos para homenagens! Muitas homenagens!

DUQUESA — Eu batera palmas se pudesse baixar os braços!

BARONESA — Os gaviões estão destruindo a porcelana. (mudando de tom) Olhe para o chão!

BARÃO — É preciso denunciá-los! Portanto onde está o homem?

DUQUE — O que é que há?

DUQUESA — Um verdadeiro templário!

BARONESA — Cobre-se de sangue e destroços do palácio!

BARÃO — O imperador deve estar prezando pelos valores do Brasil em algum cantinho!

DUQUE — (à Duquesa) A ilha está se desfazendo! Vamos morrer soterrados!

DUQUESA — (ao Duque) Minhas próteses não aguentam as belezas desse monumento!

(A música acaba. O elefante senta-se pesadamente ocupando grande parte do salão; ainda assim o resto acumulou-se de lixo e escombros. Todos param de dançar, também cansados. Um cachorro late para a Baronesa; ela se afasta e encontra uma cobra, que balança seus guizos; em seguida baixa-se para desviar de um pombo de voo rasante. Um rugido de onça explode ao fundo.)

DUQUESA — Teremos discurso?

DUQUE — Que pelo menos a princesa profira algumas palavras.

BARÃO — Também tem o dom da oratória?

DUQUESA — Dá um banho de perdigotos na plateia; mas é uma

boa moça.

BARONESA — A que tipo de festim fomos convidados? Como os senhores aguentam?

DUQUESA — Como assim, minha cara?

BARONESA — Mal se anda no salão.

BARÃO — A senhora se apegou a trivialidades.

BARONESA — Também não se pode sair, nem entrar. E a noite, a noite está ficando mais escura.

DUQUE — Noite? Do que a senhora está falando?

DUQUESA — A princesa vai mesmo falar! Ouçam! Ouçam!

(Entra o Garçom com bandeja e comidas. Enquanto fala, vai jogando os pratos no chão. A princesa dá alguns saltos e vai ao centro do salão, onde começa a discursar. O Duque, a Duquesa, o Barão e a Baronesa concentram-se para ouvi-la. Os três primeiros reagem, rindo; a última está apática, escondida atrás do marido para proteger-se dos respingos que vêm em jatos, sem poupar ninguém. A Duquesa acompanha o discurso com seu lornhão. O coaxar da princesa vai se entremendo ao cardápio do Garçom. Ao fim, todos aplaudem, e o funcionário sai.)

GARÇOM — Jacutinga et pigeons sauvages à la Guanabara, dinde aux massons, jambon, bijupirá, galantine à la province de Minas, manger du paradis, gelée Macédonie aux fruits, veau à la siberienne, badejo, fruits fondants, cosaques, grand pudding à la diplomate, crème au chocolat et aux violettes, vicomte vellar, la-crima christi, heidsièch monopol, bontet canet, charlotte russe.

BARONESA — Que ultraje, Barão!

BARÃO — Diga um único motivo para desabonar esse lindo dis-

curso humanista!

DUQUESA — Emocionante! Carnívoro! Apoteótico!

DUQUE — Sim, mas ainda precisamos ouvir o imperador.

BARONESA — Ininteligível! Abjeto! Líquido!

DUQUE — Minha admiração jamais diminuirá, mas a senhora escolheu adjetivos muito fortes.

BARÃO — Onde? Onde?

(Como pode, uma capivara corre pelo salão, transitando entre os convidados. Em cima do animal está o imperador, que se desequilibra, quase cai e pousa no chão batendo suas asinhas de papagaio.)

IMPERADOR — O monarca escorregou, mas a monarquia não caiu! O monarca escorregou, mas a monarquia não caiu!

(Todos riem, exceto a Baronesa.)

DUQUE — A monarquia é inquebrantável, é eterna, é a rocha sone dos valores brasileiros! Viva a monarquia brasileira!

IMPERADOR — Brasil!

DUQUESA — Viva o imperador!

BARÃO — Viva!

IMPERADOR — Brasil!

(O Barão tira um lenço do bolso e enxuga os olhos.)

IMPERADOR — Magnânimo! Magnânimo!

(A Duquesa ajeita o lornhão para admirá-lo.)

IMPERADOR — Pedro de Alcântara João Carlos Leopoldo/

BARÃO — Ele fala vinte e três idiomas.

IMPERADOR — /Salvador/

BARONESA — É.

IMPERADOR — /Bibiano Francisco Xavier de Paula/

BARÃO — Veja que português castiço!

BARONESA — Sei.

IMPERADOR — /Leocádio Miguel Gabriel Rafael Gonzaga!

(Aplausos.)

IMPERADOR — Isabel Cristina Leopoldina/

DUQUESA — Ele já foi melhor.

IMPERADOR — /Augusta Micaela Gabriela/

DUQUE — Escute primeiro.

IMPERADOR — /Rafaela Gonzaga de Bourbon-Duas Sicílias e Bragança!

(Mais aplausos.)

IMPERADOR — Democracia racial! Democracia racial!

(Ainda mais aplausos.)

IMPERADOR — Europa! Europa!

(Explosão de aplausos.)

IMPERADOR — Monarquia eterna! Viva! Viva! Cansei.

(Uma valsa soa pelo salão. O imperador passeia dando saltinhos. O Duque vai tirar a Baronesa para dançar, mas o Barão o impede.)

BARÃO — Duque, antes disso, o senhor nos dê licença, precisamos ir ao imperador.

BARONESA — O elefante vai ficar deitado aí o tempo inteiro? E os morcegos?

DUQUESA — Uma ideia não menos que brilhante!

BARÃO — Não há ninguém ao redor dele, então considero que seja o momento propício.

DUQUESA — (com o lornhão) O senhor vai perceber que ele tem uma tendência à grandiloquência.

BARONESA — Se fosse sério, estaria preocupado com essas montanhas de lixo.

DUQUE — Mas é possível contornar esse pequeno contratempo sendo apenas miúdo.

DUQUESA — MUITÍSSIMO pequenininho, como uma pulga. Assim ele prefere.

BARÃO — Acho que tenho alguns pendores que o imperador pode vir a reconhecer.

DUQUE — Claro, Pedro é justíssimo nos seus desígnios; põe todos numa longa fila de espera.

DUQUESA — Nunca se esqueça de que ele é como se fosse/

DUQUE — O Brasil!

DUQUESA — Obrigada. Muito bem: o Brasil.

BARONESA — Os mijos do sapo-boi ainda estão pinicando!

DUQUE — Um assunto particular?

BARÃO — Prefiro participar ao imperador em pessoa.

DUQUE — Um assunto particular! Mas saiba que não há segredos com uma nação inteira.

(A Duquesa solta uma gargalhada estridente.)

DUQUESA — Barão, o Duque só está brincando. O Brasil sabe guardar segredos.

(O Duque aponta para o imperador. O Barão pega na mão da Baronesa e se acerca de dom Pedro.)

BARÃO — (à Baronesa) Você precisa me apoiar. Fique calada.

BARONESA — (ao Barão) Pois não, Majestade.

(Barão e Baronesa ficam diante do imperador. Duque e Duquesa rondam, ouvindo a conversa.)

BARÃO — Majestade! (pigarreia) Majestade! É uma honra incensurável ter sido convidado para um banquete tão esplêndido. Tudo reluz feito ouro, tudo exala a fragrância dos manjares divinos, tudo mostra a essência de nossa receptividade. A maior nação das Américas se consagra também como a pátria da humanidade e da esperança. Porém nada seríamos sem vossa augusta figura. É o que digo sempre à Baronesa. O império teria se despedaçado e, repito aqui, se não fosse por vosso pulso firme, hoje estaríamos sob o jugo de caudilhos analfabetos num território polvilhado de republiquetas inexpressivas. Mas quis o destino, ou as boas graças de Deus, que vossa Majestade fizesse do Brasil mais do que um país, mais até mesmo do que um império: um exemplo para o mundo, em que a conjugação de muitos povos deu origem a um novo homem, o *homo brasiliensis*, com o peito cheio de ternura e perdão. Que esse modelo não se perca jamais e os séculos vindouros possam imitá-lo e imitá-lo ad *aeternum*, ad *infinitum*.

Para que assim o seja, Majestade, permanecendo-se esse estado social, eu gostaria, se me permite, de apontar algumas coisas imprescindíveis para a sobrevivência da monarquia.

IMPERADOR — Ratos! Ratos!

(O imperador se agita, bate as asas e morde a mão do Barão. As conversas se intercalam.)

BARONESA — Meu Deus! Machucou?

BARÃO — Quê? Machucar?

DUQUESA — (com o lornhão) Ele nunca amou o senhor assim.

DUQUE — Dom Pedro sabe se portar diante de um pulha.

IMPERADOR — Ratos! Ratos!

BARÃO — É muito bom ouvir que o senhor está interessado.

IMPERADOR — Ratos! Ratos!

BARÃO — Não concebo um cenário mais feliz.

(O imperador bica o Barão novamente. O Barão e a Baronesa vão dando passinhos para trás.)

BARONESA — Vai voltar para casa sem dedo. Eu avisei.

IMPERADOR — Ratos! Ratos!

BARÃO — Isso é de uma nitidez absoluta. Estou estupefato.

DUQUESA — (com o lornhão) O senhor deveria falar igual ao Barão.

DUQUE — Ele me detestaria imediatamente.

BARONESA — E não para de sangrar.

IMPERADOR — Ratos! Ratos!

BARÃO — É apenas um conselho, um único que mudará tudo.

IMPERADOR — Ratos! Ratos!

BARÃO — Então, os negros do cais/

IMPERADOR — Ratos!

(Uma onça ruge lá atrás. A Baronesa percebe a movimentação.)

BARONESA — Uma onça. Está ouvindo?

BARÃO — Um momento, Baronesa! É importante! (pigarreia)
Como eu ia dizendo, os negros do cais fazem carregamentos de/

IMPERADOR — Ratos!

(A onça ruge novamente. Dessa vez mais alto. O Barão limpa o suor da testa com um lenço.)

BARONESA — Esse rugido é para nós.

DUQUESA — (com o lornhão) O leão de chácara!

DUQUE — Como é mesmo o nome dele?

DUQUESA — Afonso.

BARÃO — (pigarreando) Os negros levam carregamentos muito grandes. Geralmente no ombro esquerdo! Estapafúrdio!

IMPERADOR — Ratos! Ratos!

BARÃO — Tudo vai mudar se eles levarem os pesos no ombro direito! Direito! Essa é a denúncia! Essa é a conspiração que estão tramando! Os negros têm o ombro esquerdo ruim, mas o ombro

direito é bom e honesto.

DUQUESA — (com o lornhão) Temos um novo Rui Barbosa.

DUQUE — Doutor Barbosa só existe um. E está morto. Que Deus o carregue. Incréu dos infernos.

(O imperador pula, desesperado, num pé e noutro. A onça aparece e, rugindo, começa a rondá-los, deslocando-se pé ante pé, ameaçadora. O Barão limpa o suor do pescoço.)

BARONESA — Tem olhos mais tenebrosos que o diamante da Duquesa.

BARÃO — Baronesa, por favor! Mais tarde! O que é que vossa Majestade achou dessa informação tão importante?

IMPERADOR — Ratos! Ratos! Ratos! Ratos!

BARÃO — Ah. (pausa) Entendi. (pausa) Mas o que significa dançar?

BARONESA — Vai nos comer!

(O imperador sai rapidamente em saltinhos. A onça se prepara para pular neles. A Baronesa puxa o Barão para a valsa. As conversas se intercalam.)

DUQUE — Nada como dançar por pura necessidade imperial.

BARONESA — Estou sentindo uma felicidade terrível agora: infelizmente estou certa.

DUQUESA — Dançam numa alegria! Parecem dois urubus!

BARÃO — Você é mouca? Vamos pôr em prática. Precisamos apenas azeitar as ideias.

DUQUE — Falta total de classe. Estamos ao lado de patetas!

BARONESA — Ele disse: “Mande-me uma carta”. As garras da onça!

DUQUESA — Pensei que Afonso tivesse ido morar em África.

BARÃO — O imperador à nossa disposição e você preocupada com onça, com garra de onça, com olho de onça!

(A onça ataca, saltando com a bocarra aberta. Num reflexo, a Baronesa empurra o Barão, e os dois caem no lixo, esquivando-se do animal. O Duque e a Duquesa rapidamente pisam neles e voltam-se para a onça.)

DUQUESA — Afonso, o imperador está lhe chamando ali num outro cômodo.

DUQUE — Ouça a Duquesa! Vá imediatamente!

DUQUESA — Não decepcione o imperador. Corra! Corra!

(A onça ruge e sai, contrariada.)

DUQUESA — Pobrezinhos, Duque, Afonso os assustou sem motivo.

BARÃO — A Baronesa é dada a esses arroubos de histeria às vezes. Mas não foi nada.

DUQUE — A corte inteira o conhece e por isso já não põe medo em ninguém. O imperador só o mantém acho que por estimação, mas não serve aos propósitos originais.

BARONESA — Obrigada pela atitude. A festa hoje está animada demais!

(A Baronesa tenta se levantar.)

DUQUE — Com todo o respeito, Baronesa, mas não entendo seu comportamento. A senhora tem a melhor visão do baile agora e

parece incomodada.

BARONESA — O senhor está com o pé no meu pescoço.

DUQUESA — Meu gato, Tony Blair, também tem torcicolo. Passa quando come peixe.

DUQUE — Barão, é possível explicar esta visão de mundo tão avessa aos princípios lógicos?

BARÃO — (tossindo) Não.

BARONESA — Se ela tirar os pés do seu pulmão, talvez você consiga respirar melhor.

DUQUESA — Quem? Eu? Minhas próteses são totalmente inocentes, Baronesa.

BARONESA — Por favor.

BARÃO — Duquesa, não leve a sério.

DUQUE — Nenhum de nós está tomando essas observações como ofensas, porque fomos talhados nas boas maneiras.

BARONESA — Fico tão comovida com a boa vontade dos senhores!

BARÃO — O imperador gostou muito das minhas sugestões.

DUQUESA — Aceite os canapés, conselheiro real! Ainda se ganha salário com isso?

BARÃO — Haveria realização maior? Nem que seja de maneira informal. Onde estão os canapés?

DUQUE — (apontando para o chão) Aqui. Ora, os conselheiros desempenham função importantíssima no império, de modo que não pode ser exercida por qualquer aventureiro.

BARÃO — O que não seria meu caso, não é? Onde?

DUQUE — Aqui, aqui. Não está vendo?

DUQUESA — Talvez ele não esteja conseguindo alcançar.

(A Duquesa pega dois canapés do chão: come um e põe o outro na boca do Barão.)

BARÃO — Deliciosos.

BARONESA — Era do chão.

DUQUESA — Talvez a senhora esteja precisando usar minha luneta.

BARONESA — Era do chão.

BARÃO — Pois nunca vi chão tão delicioso. Eu lamperia esse chão. Eu me esfregaria nesse chão.

(O Barão lambe e esfrega-se no chão. Começa a resgatar outras comidas abandonadas antes pelo Garçom.)

BARÃO — Tudo está sublime na festa do imperador. Um primor! Coma também, Baronesa.

BARONESA — Meu paladar é avesso ao gosto da sola de sapato!

(O Barão enfia-lhe comida à força. A Duquesa deita-se junto com eles e também aproveita dos petiscos.)

BARÃO — Duquesa, há bondade no império. Há felicidade para os que acreditam na justiça.

DUQUE — A nossa justiça, Baronesa!

DUQUESA — A nossa! A de sempre!

BARÃO — E nunca falaremos amor sem que amor tenha uma di-

menção superlativa e vital.

DUQUE — O senhor é um homem ousado.

DUQUESA — A verdade, Duque, é que o Barão deve estar treinando na frente do espelho.

BARÃO — E jamais diremos harmonia quando não buscarmos, de fato, a harmonia.

DUQUE — O império pede mais é decência.

DUQUESA — São palavras tão antigas que os dicionários já nem as trazem mais!

(O Duque junta-se aos outros. A Baronesa, espreguiçando-se, tenta se erguer, mas o marido puxa-a de volta e mantém-na firme. Até o fim não se levantarão mais.)

BARÃO — Aonde é que você vai? Escute aqui: nunca se dirá a palavra liberdade sem que ela tenha significado.

(A Duquesa solta uma mistura de gargalhada e grito, desmaiando em seguida. O Duque tenta reanimá-la.)

DUQUE — Duquesa! Duquesa!

BARÃO — O que está acontecendo?

DUQUE — Essa palavra, essa palavra terrível!

BARONESA — Que palavra?

(O Duque abre o vestido dela e de lá tira as próteses dos seios; pega uma manivela da bolsinha.)

DUQUE — (entregando as próteses ao Barão) Segure.

BARÃO — Meu Deus, o que é isso?

DUQUE — Não pergunte.

(O Duque enfia a manivela no coração da Duquesa e gira.)

DUQUE — O coração dela tem apenas uma ventoinha que, se não for bombeada, provoca um desastre. A Duquesa é feita de muitas peças de proveniências completamente distintas. A propósito, o senhor não estaria disposto a vender a preço justo a cabeça da sua mulher para eu atarraxar no corpo da minha? Estou sempre querendo renová-la.

BARONESA — Ele não quer.

(De supetão, a Duquesa recupera a consciência e ergue o torso. Ao acordar, nota que o Barão está segurando os seios e toma-os de volta num golpe, pondo-os no lugar.)

DUQUESA — Então os senhores sabem de tudo.

BARONESA — Acho que não sabemos.

DUQUE — Eu pedi que não perguntassem.

DUQUESA — E não perguntaram?

BARÃO — Nada.

DUQUESA — Mas eu digo: um atirador de facas errou o alvo. Duas vezes. E quando ouço aquela palavra que o senhor pronunciou com tanta dedicação é que me lembro de que esse homem alto, beiços fartos, nariz largo, espadaúdo, ainda está à solta. Mas não se pode mais colocar anúncios nos jornais.

DUQUE — O melhor é comer. E não pensar mais no assunto.

(O Duque enfia comida do chão na boca da Duquesa.)

BARÃO — A senhora me desculpe. A resposta positiva do imperador me empolgou sobremaneira. Acabei sendo tomado de uma súbita imodéstia. De qualquer forma, pensei que as palavras fossem agradar.

BARONESA — Barão, ela disse bem: o atirador de facas errou o alvo.

DUQUESA — E esse jantar que não é servido nunca!

DUQUE — Os garçons também pararam de passar!

DUQUESA — Por favor, ajudem-me a caçar algo para comer. Tenho alucinações de que minha calopsita, Margaret Thatcher, está fazendo negócios na rua sem mim!

(Obedecem ao pedido da Duquesa e se arrastam à cata de comida, farejando e testando a língua nos objetos, animalescos. Sempre que encontram algo entregam à Duquesa, mas também comem um pouco. Falam, o mais das vezes, de boca cheia.)

BARÃO — Para dissipar esse mal-estar que causei, gostaria de convidá-los.

DUQUESA — A quê?

BARONESA — A quê?

BARÃO — Como eu ia dizendo, tenho muitas e extensíssimas propriedades que os senhores não se arrependeriam se conhecessem.

DUQUE — Não iremos.

BARONESA — Graças a Deus!

BARÃO — Mas eu receberia os senhores como se hospedasse a própria família real.

DUQUE — É muito o que o senhor nos pede.

BARÃO — Foge-me ao entendimento.

DUQUESA — Duque, nós nunca visitamos propriedades extensíssimas subterrâneas.

DUQUE — Nem vamos, Duquesa. Veja, Barão, o senhor está exigindo que a gente conheça alguma coisa fora da corte.

BARÃO — Duquesa, eu tenho uma coleção de gente.

DUQUESA — E é possível tocar neles?

DUQUE — Por que a senhora quereria fazer isso?

BARÃO — Poderia, aliás, dispor deles como lhe aprouvesse. A Baronesa é useira e vezeira em lhes lançar mão.

BARONESA — Não é verdade.

DUQUE — Baronesa, quanto encanto!

BARÃO — É verdade, sim. Ficam na cristaleira, junto da prataria e dos santos. Não são só homens. Tem mulheres e crianças também.

DUQUESA — Incrível! Dizem que eles fedem.

BARÃO — Não sei. Mergulhamos todos em água-de-colônia, depois desinfetamos com veneno.

DUQUE — Devem causar uma impressão, pelo menos!

BARÃO — Divertem-nos bastante. E isso é o que interessa.

DUQUESA — Principalmente porque essa gente, essa gente aí que o senhor tem, o que é essa gente, Barão?

(O elefante brame enfurecidamente e levanta-se; o imperador, batendo as asinhas, reaparece em cima da ca-

pivara, que corre; a princesa pula e coaxa, coaxa e pula; o visconde de Mataburros, a viscondessa e a jovem fogem, olhando para trás, apavorados. Os vários animais se agitam, num vozerio espetacular, em direção às portas, que se abrem. Os quatro escondem-se num canto para ver o imperador ir embora com seu séquito. Uma fumaça invade o salão aos poucos.)

BARONESA — Feras sinistras; patas horrendas!

BARÃO — Pelo visto a viscondessa de Mataburros está apressada.

DUQUESA — (com o lornhão) Duque, nem tínhamos visto o marquês de Nióbio!

DUQUE — Os chilenos que usam chilenas mas são marujos também estão indo!

BARÃO — Até de costas dom Pedro tem um porte soberbo! Como amo nosso imperador!

BARONESA — Se ele conseguisse ouvir, responderia: “Obrigado”.

DUQUE — Por que fui me distrair? Ainda há tempo de fazer alguma oferta!

BARONESA — Que irracionalidade animal ir atrás deles agora! O senhor vai ser pisoteado.

(O Duque procura-os e recebe dos chilenos profundos relinchados e alguns coices, que quase o acertam.)

DUQUE — Ofereço duzentos mil réis pelo Chile!

DUQUESA — (com o lornhão) Cada dia com mais asinhas, a condessa de Laranjais!

DUQUE — Melhor: quatrocentos mil!

BARÃO — É preciso pensar nas palavras corretas para escrever

um projeto.

DUQUE — Novecentos mil!

BARONESA — Estão sentindo esse cheiro? Queimaram o jantar?

(Mais fumaça entra no salão.)

DUQUE — Um milhão!

DUQUESA — (com o lornhão) Olho para o Rio de Janeiro, e o Rio de Janeiro é exótico!

DUQUE — Dois! Três! Sete milhões!

BARÃO — O senhor tem sete milhões de réis?

DUQUESA — E precisa?

BARONESA — As portas estão abertas para nós também, Barão.

DUQUE — Levem uma parte do Brasil, se quiserem!

BARONESA — Quem diria que talvez não seja mais possível ir embora?

DUQUESA — Vão dispensar o melhor, que ainda está por vir? O imperador, pelo menos, é um ancião. Já os senhores são jovens.

BARÃO — Com companhia tão agradável, dançaremos e comeremos enquanto houver noite. Até porque a indisposição dela já passou.

DUQUE — Peguem tudo!

BARONESA — Esturricaram as carnes. Não quero vomitar na comida.

BARÃO — Você de novo cumulando a festa de maus presságios e suposições descabidas. Mas até agora nada de ruim aconteceu

a ninguém. Aliás, ao contrário. Perigos imaginários, que só você enxerga!

BARONESA — Por que você não disse tudo ao imperador, Barão?

DUQUESA — Tudo o quê?

BARONESA — Que está prestes a desabar um golpe sobre o império/

DUQUESA — Saiu de moda!

BARONESA — /e depois outro,/

BARÃO — Você é muito imaginosa!

BARONESA — /e depois outro,/

DUQUESA — De repente, isso tudo?

BARONESA — /e depois outro;/

BARÃO — É uma lista infinita!

BARONESA — /que eles vão destituir o imperador, expulsá-lo do país; que implantarão a República, mas andarão a cavalo nas ruas do Rio de Janeiro, e a população, bestializada, pensará que se trata de uma parada militar; que eles tomarão o poder para sempre; que haverá guerra; que sempre haverá a destruição, o abismo e a ruína.

(A Duquesa solta uma gargalhada; o Barão a acompanha. O fim do desfile faz desabar um soturno silêncio. No fechamento das pesadas portas, um sopro de ar apaga algumas velas do salão, o que deixa o ambiente fantasmagórico. Tudo fica suspenso por instantes. As conversas se intercalam.)

DUQUE — Vermes! Idiotas! Prenderam-me consigo, distraíram-me do essencial!

BARONESA — Está falando de nós.

DUQUESA — O Uruguai é mais perto. Pense no Uruguai.

BARÃO — Quem?

DUQUE — Agora algum fidalgo mínimo comprou o Chile. E eu fiquei discutindo amenidades com essas pulgas.

BARONESA — (tossindo) Para ele, fomos transformados em besouros gigantescos.

DUQUESA — Duque, quando o senhor for dono dos assuntos estrangeiros do império, compre também a Argentina.

BARÃO — Você é uma baronesa da corte agora. E eu trato de temas diretamente com dom Pedro.

DUQUE — Esses indigentes deveriam pagar pelo que fizeram. A senhora não acha?

BARONESA — Barão, o senhor tem sempre as melhores análises da conjuntura.

DUQUESA — Não consigo pensar em nenhuma resposta elaborada, porque ouço os garçons se agitando lá dentro.

(Barulho de talheres e pratos. O Duque encontra uma taça no meio do lixo e ergue-a.)

DUQUE — Gostaria de propor um brinde.

BARÃO — Pois não. Precisamos de taças!

DUQUE — Não precisam.

DUQUESA — (tirando três taças da bolsinha) Ah, podem usar, por enquanto, essas que eu roubei.

(Todos empunham taças vazias.)

BARONESA — Obrigada. (ao Barão) O senhor quer mesmo ouvir?

BARÃO — Por que não?

BARONESA — Duque, estamos ansiosos para saber quais serão as doces palavras.

DUQUE — Muito poucas, Baronesa, mas muito verdadeiras.

DUQUESA — Talvez a gente devesse esperar por mais algum cli-
cquot.

(Em meio à sujeira, juntam-se num pequeno círculo. O Duque alterna o olhar ora ao Barão, ora à Baronesa.)

DUQUE — Não carece. Ergo meu brinde, Baronesa, escute bem, à nossa saúde, ao bem-estar dos que trabalham pelo Brasil há séculos, e nunca às aves de rapina temporãs que vêm apenas para dilapidar as joias da coroa quando tudo já foi feito. Faço uma louvação aos antigos e, ao mesmo tempo, me insurjo contra a degeneração que acompanha os novos. Parasitas! Estes são meus votos contra os canalhas que se acham sensatos, contra a balbúrdia dos poderes, contra os que estão tomando o país como se fosse deles, contra a horda de bárbaros forasteiros. Por favor, Barão!

BARÃO — (aproximando a taça) Com todo o prazer! Contra essa corja!

BARONESA — (aproximando a taça, olhando o Duque) Corja!

BARÃO — Gosto do senhor, Duque, porque, apesar de tudo o mais que nos separa, somos iguais!

DUQUESA — Acho que tenho direito a propor um brinde também.

DUQUE — A respeito do quê?

(O Garçom entra calmamente empurrando um carrinho de restaurante com quatro pratos cobertos por cloches

metálicos. Com ele, labaredas avançam pelas cortinas e daí por todo o salão. Tudo crepita.)

DUQUESA — Estou emocionada! Finalmente o jantar!

(Os comensais se alinham, no chão, um ao lado do outro para que o funcionário coloque na frente de cada um seu prato. Ao fim, ele retira as tampas, revelando um amontoado de carnes escuras. Os quatro começam a comer com as mãos, como se esfomeados, cheirando às vezes o que levam à boca. O Garçom lança um longo olhar à plateia e sai, empurrando o carrinho.)

BARÃO — Estou curioso para saber a que seria dedicado o brinde.

DUQUESA — Ah, que cabeça a minha! Que cabeça a minha? Esqueci. Essa comida está divina!

DUQUE — É a força do império e das tradições do Brasil, Duquesa.

BARONESA — De fato, muito boa. Mas os senhores repararam que ele não disse o nome do prato?

DUQUE — Tem um modo de preparo especialíssimo.

DUQUESA — Que eu terei o maior prazer em explicar, já que os senhores querem ouvir.

BARONESA — Parece que sim.

DUQUE — É uma receita que demanda atenção e casualidade. Primeiro caça-se o animal.

DUQUESA — Não necessariamente a senhora, Baronesa, nem o senhor, Barão, mas alguém que caça caçará o bicho.

DUQUE — Escalpela-se ele inteiro.

DUQUESA — A pele deve-se aproveitar para fazer bolsas e sapatos.

DUQUE — A carne submete-se a um intenso processo que gostamos de chamar de amaciamento.

BARÃO — Amaciamento?

DUQUESA — Um capataz deve dar nas costelas, nas coxas, nas patas dianteiras e nas traseiras, na cabeça e até mesmo no rabo com um pesado porrete.

BARÃO — Por isso tão suave!

DUQUE — De meia em meia hora ao longo de dias.

DUQUESA — Aliás, para ficar ideal, Duque, só semanas e semanas de porretes diários.

DUQUE — Eu diria que mesmo meses ou anos.

BARONESA — A essa altura, as carnes já terão apodrecido.

DUQUESA — Apodrecido?

DUQUE — O que é isso? Apodrecido?

BARÃO — É quando a ação do tempo/

DUQUE — Recusamos esses termos.

DUQUESA — Acho que não representam o que realmente acontece.

DUQUE — De modo nenhum!

BARÃO — Mas isso é intrigante!

BARONESA — Isso que faz ser tão/

DUQUESA — Delicioso, sim.

DUQUE — Não acabou, é evidente.

DUQUESA — Tem muito mais. Por exemplo: é importante o isolamento.

DUQUE — Daí é que vem a reflexão da carne, as atitudes da carne. O arrependimento da carne!

DUQUESA — E só quando a carne está refletida, curtida de porrete e nostalgia, é que podemos levá-la à panela.

DUQUE — Muita pimenta.

BARÃO — Nem parece.

DUQUESA — Muito sal!

BARONESA — Não consigo sentir. Diluiu-se na água.

DUQUE — Que água? A senhora, Baronesa, tem sempre um modo de ver a vida que me fascina. Pois bem.

DUQUESA — Depois de cozida, frita-se. Depois de fritada, mói-se. Depois de moída/

DUQUE — Não restou mais nada da fera que povoava o mundo.

BARÃO — Já pensou se fosse uma ostra ainda viva? Ou um molusco que mexe as patinhas?

DUQUESA — Barão, a corte não come nada que é vivo. A corte mata antes de deglutir.

BARÃO — A corte deveria ser o Brasil inteiro!

BARONESA — Meu Deus!

(A Baronesa tira do meio de seu prato um dedo humano com um anel de rubi. A Duquesa olha, a princípio assustada, e depois explode numa de suas gargalhadas.)

DUQUESA — Duque! É totalmente inacreditável!

BARONESA — Um dedo num prato de carnes é típico da corte?

DUQUE — Não conseguiram macular o anel, que está perfeito.

DUQUESA — O senhor não está reconhecendo?

BARÃO — O que há para reconhecer?

DUQUE — Por favor, diga! Diga!

DUQUESA — O atirador de facas.

(Ela rouba o dedo segurado pelo Baronesa e come, admirando o anel.)

DUQUE — Que gosto tem o dedo do atirador de facas?

DUQUESA — (apontando ao prato dele) O mesmo gosto do resto. O mesmo gosto de sempre. Parece frango.

(Eles voltam a comer.)

BARONESA — Tinham-me dito que elefantes têm medo de ratos. Mas é mentira.

(O incêndio aumenta. Cai do teto uma viga em chamas.)

A CABEÇA DE TIRADENTES COSPE

PERSONAGENS:

- **A CABEÇA**
- **MULHER DE LEQUE MULHER DE BOLSA HOMEM DE LENÇO OFICIAL DE CARABINA EXECUTOR**
- **ALGOZ TRAIADOR**
- **MENSAGEIRO RAINHA CRIADO**
- **PROFESSOR EURÍPIDES TUPINAMBÁ**
- **DOUTOR PIERRE GUIGNON (PAPAGAIO)**
- **VISCONDE MARQUESA CONDESSA**
- **MEMBRO DA ORDEM CRUPIÊ**
- **ROBESPIERRE SOLDADO**
- **GOVERNADORA CAPITÃO-MOR FUNCIONÁRIOS**
- **NOBRES DOM PEDRO INIMIGOS IMPERADOR IMPERATRIZ POVO**
- **ANTÔNIO CONSELHEIRO AJUDANTE**
- **CORONEL**
- **ORGANIZADOR**
- **FOTÓGRAFO**
- **CONCHITA**
- **MILITAR A**
- **MILITAR B**
- **MILITAR C**
- **MILITAR D**
- **ASSESSOR**
- **OUTRO ASSESSOR ASSESSORA**
- **OUTRA ASSESSORA ZUMBI**
- **PAVÃO**
- **além de VÁRIOS MILITARES, MULTIDÃO, MANIFESTANTES, ESPECTADORES, PARTIDÁRIOS, ASSISTENTES, PELOTÃO, MATADOR, DAMA DA CORTE, CARREGADOR, INTERROGADOR, FANTASMA DO PROFESSOR, TRÊS JOVENS, REPÓRTERES, POLÍTICO, CORRELIGIONÁRIOS, APOIADORES**

CENA 1

(De madrugada, a Mulher de Leque encontra-se ao pé do poste com a Mulher de Bolsa.)

LEQUE — Roubaram a cabeça do Tiradentes.

BOLSA — Dentro da bolsa é cocada.

LEQUE — A senhora viu o facínora, o perverso, o meliante?

BOLSA — Não há a menor necessidade de colocar esses nomes nas pessoas.

LEQUE — O governador! O chefe da guarda!

BOLSA — Mas envolver gente dessa categoria pra quê?

LEQUE — Ainda deve haver um conspirador entre nós. Alguém que não foi pego na devassa.

BOLSA — É um argumento muito forte. Exagerado, eu diria.

LEQUE — Um criminoso à solta. Um bandido tramando contra as reputadíssimas instituições da rainha.

BOLSA — Às vezes é uma pessoa de bom coração que se achou no objetivo de angariar algum dinheiro para comprar o próprio futuro.

LEQUE — Ninguém seria tão estúpido.

BOLSA — A dor nas costas também é um fator muito cruel. Hoje em dia não se faz uma sangria por menos de quinze dias de trabalho.

LEQUE — Algum soldado deve estar fazendo a ronda neste momento. Vou tentar achar.

BOLSA — Escute uma coisa: seu problema é o semblante de

preocupação. Não tem quem lhe acredite.

LEQUE — Àquele que diz a verdade está reservado o império das leis!

BOLSA — É uma história muito incomum denunciarem que uma cabeça foi roubada e levada numa bolsa de pano.

LEQUE — Pode ter sido numa caixa. Quem sabe?

BOLSA — Ainda mais uma mulher! Uma mulher!

LEQUE — Ora, as dúvidas recaem apenas nas que não têm estirpe/ Bolsa?

BOLSA — Que desmoralização se rirem na sua cara! Um simples soldado lhe achando pura graça!

LEQUE — De onde é que precisamente veio essa história do transporte?

BOLSA — Eu, sendo uma grande dama, tomaria minha erva-cidreira, meu capim-santo em casa, variando os beijos com a cocada.

LEQUE — (escondendo o rosto) Quem rir de mim perde a língua. Seja quem for.

(A Mulher de Bolsa começa a rir sarcasticamente.)

LEQUE — Quanto atrevimento!

BOLSA — Ainda mais porque vão questionar o que a senhora fazia fora de casa.

LEQUE — (titubeando) Eu queria me consultar com o padre.

BOLSA — Que horas são? O sol ainda está para nascer.

LEQUE — Não estou entendendo muito bem. Agora eu sou suspeita?

BOLSA — De nada, nada, porque leviandade requer muita competência. Mas padre?

LEQUE — Na verdade mesmo eram cartas.

BOLSA — Sei.

LEQUE — Ah, também sabe!

BOLSA — Na Curva do Chafariz. Ela joga búzios e lê o futuro. É de conhecimento público. Mas me admira a senhora descendo a ladeira! Nossa Senhora Aparecida que lhe perdoe!

LEQUE — (benzendo-se) Além disso, todo mundo tem direito de ver o conjurado!

BOLSA — Num desconforto total, ao pé do poste, olhando pra cima, não vale a pena.

LEQUE — E haveria de ser na minha casa?

BOLSA — Por que não? A senhora considera o homem um mártir.

LEQUE — Um mau exemplo!

BOLSA — De todo jeito, um exemplo. Responda: ele lutou pelo Brasil?

LEQUE — É, lutou.

BOLSA — Morreu pelo que acreditava?

LEQUE — Bom, morreu.

BOLSA — É uma desgraça ser livre?

LEQUE — Não! O contrário.

BOLSA — Então a senhora é a favor da felicidade?

LEQUE — Sou! Muito!

BOLSA — Pois compre minha cocada.

LEQUE — Nem que eu quisesse lhe fazer essa caridade. Não tenho nada cá comigo.

BOLSA — É muito barato. Uma moedinha de ouro: dois mil réis. Aliás, pra senhora eu faço por um.

LEQUE — A unidade?

BOLSA — Cinco minutos.

LEQUE — E como é que se vende cocada assim?

BOLSA — Não maltratando a pobre coitada é tempo suficiente para o desfrute e para confundir os olhos da coroa.

LEQUE — Ah, pois bem! O tabuleiro não está aí, não é?

BOLSA — É que é um doce muito delicado pra deixar exposto a essa Vila Rica está cheia de varejeiras. As moscas sabem de tudo nesta cidade.

LEQUE — Claro!

(Cavalos começam a trotar pelas pedras das ruas.)

BOLSA — Se provam o gosto do meu quitute, será que nos prendem no Rio de Janeiro?

LEQUE — (agitada) Saiu o sol. Preciso ir. Mas ande alguns passos atrás de mim. Vamos pelos fundos, em silêncio.

BOLSA — O preço vai a contento?

LEQUE — E eu posso escolher?

CENA 2

(Na sala da casa da Mulher de Leque, ela tira uma moedinha de dentro da cômoda e entrega à Mulher de Bolsa, que guarda na roupa. Entra o Homem de Lenço.)

LENÇO — Quem a senhora está recebendo tão cedo?

LEQUE — Uma criatura terrível, que já está no rumo da saída.

LENÇO — Não se dá dinheiro a um monstro. Eu vi.

LEQUE — Essa mulherzinha quer destruir nossa família.

LENÇO — E que poder ela tem?

BOLSA — Cocada.

LEQUE — Mas errou de porta.

LENÇO — Somente a senhora pode, então?

LEQUE — Ataca sua má digestão, homem.

LENÇO — Não me censure.

LEQUE — A essa hora da manhã atrapalha o desjejum.

LENÇO — Conversa! Mocinha, é feita de quê?

BOLSA — Coco.

LENÇO — (impaciente) Bem.

BOLSA — Muito coco.

LENÇO — (esticando a cabeça) Deixa ver. Abra.

BOLSA — Estraga imediatamente.

LENÇO — Se eu olhar?

LEQUE — É muito sensível. Uma delicadeza.

BOLSA — Vai leite, rapadura e um ingrediente especial.

LENÇO — Que seria?

LEQUE — A quem não pode provar não carece explicar.

LENÇO — O que não é o meu caso. Pode dizer. Diga.

BOLSA — Cachos de anjo.

LEQUE — Nada há nada nem de cacho nem de anjo. Faça o favor de desistir.

LENÇO — Do que se trata?

BOLSA — Avalie o senhor mesmo.

(A Mulher de Bolsa arranca um tufo de cabelo da bolsa e entrega ao Homem de Lenço.)

LEQUE — Quando ficar doente, não me peça chá de boldo.

LENÇO — (investigando na mão) Parece cabelo.

BOLSA — De anjo. É o que estão comendo no estrangeiro.

LEQUE — A Europa tem as modas mais exóticas e dispensáveis!

LENÇO — A senhora sempre filou tudo o que vem de fora com renovado prazer e de repente parece uma brasileira! Pois deve ser ótimo! (pondo o cabelo na boca) Que invento!

LEQUE — Tenebroso, asqueroso, horrível.

(A Mulher de Leque e a Mulher de Bolsa ficam na expectativa pela reação do Homem de Lenço.)

LENÇO — Meio salgado.

LEQUE — (à Mulher de Bolsa) Ele achou repugnante. Pode ir embora.

(O Homem de Lenço tira uma moedinha da cômoda e entrega à Mulher de Bolsa, que a guarda na roupa.)

LENÇO — Adorei. Veja duas! E quem mais teve a chance de saborear a iguaria antes de nós?

BOLSA — De maneira nenhuma. Os senhores são os primeiros. A gente sempre dá a preferência a quem sabe apreciar as inovações do mundo.

LENÇO — Quem foi que lhe ensinou tudo isso, menina? Duas.

BOLSA — Ninguém/

LEQUE — Um chefe francês.

(A Mulher de Bolsa lança um olhar de reprovação para a Mulher de Leque.)

LENÇO — E como era o nome dele? Morou aqui na província?

BOLSA — Não. Num outro lugar.

LENÇO — Onde mesmo? Duas!

LEQUE — O doutor François Pierre La Varenne.

LENÇO — Então é aquele do livro?

BOLSA — É.

LENÇO — Inacreditável!

BOLSA — (consultando dentro da bolsa) Duas? Acabaram-se.

Uma lástima!

LENÇO — Não adianta tentar me enganar pra agradar minha mulher! E o que mais aprendeu com ele? Duas!

BOLSA — Muitas coisas.

LENÇO — Não existe contentamento maior que ouvir falar de comida. Duas.

BOLSA — Ele era um homem muito elegante, sério; comia leitão de cinco quilos por almoço.

LENÇO — Bons tempos em que a azia não sufoca o sujeito.

LEQUE — (puxando o Homem de Lenço) Senta então para escutar as histórias.

LENÇO — Primeiro as cocadas.

BOLSA — Claro. Os docinhos. Que eram dois.

LENÇO — Pois não.

BOLSA — O senhor é mais para o coco direto da quenga ou lhe apetece assim as queimadinhas?

LENÇO — Uma de cada.

BOLSA — (olhando dentro da bolsa) Vou lhe servir as mais generosamente preparadas.

LEQUE — Vá à cozinha. Peça para colocarem num prato, o mais refinado que encontrarem.

BOLSA — Certamente.

(A Mulher de Bolsa vai saindo em direção à cozinha.)

LENÇO — Deixe o refinamento pra outra hora. A receita é france-

sa, mas eu não. Anda, mocinha!

LEQUE — Estou casada com um bárbaro!

LENÇO — Um momento! La Varrene não morreu há mais de cem anos?

(A Mulher de Bolsa não sabe o que dizer. Batidas na porta. Entra o Oficial de Carabina.)

CARABINA — Senhor, com o coração gotejando de aflição e respeito, venho a sua presença declarar o que segue: descumpriram as ordens da rainha, levaram a cabeça do condenado e o comando do governador exige prisão e imediata execução dos responsáveis e de seus coadjuvantes, que podem, segundo os relatos que nos alcançam, estar escondidos nesta residência.

LENÇO — Corremos perigo?

CARABINA — É possível.

LEQUE — Meu Deus! Mas não ouvimos nada desde cedo.

CARABINA — Duas figuras foram vistas entrando pelos fundos.

(Ouve-se um forte pigarro na bolsa. O Oficial de Carabina olha ao redor.)

LENÇO — Talvez tenham usado o quintal de passagem.

CARABINA — Um dos suspeitos carregava uma bolsa de pano.

LENÇO — Para onde será que iam os crápulas?

(Tosses ecoam da bolsa. Eles se entreolham, desconfiados.)

CARABINA — Pelo menos um deles trajava-se de mulher.

(O Oficial descreve brevemente as vestes da Mulher de

Bolsa sem olhar para ela.)

LEQUE — A corrupção não perdoa nenhum ser humano, pelo visto.

CARABINA — Mas pode ser um disfarce. Não sabemos ainda.

LENÇO — Quer olhar o quintal? Encontrar alguma pista?

(Ouve-se um espirro. A Mulher de Bolsa nota que algo está se mexendo dentro da sacola e o deixa escorregar para seus pés, assustada.)

A CABEÇA — Ai!

LENÇO — As cocadas!

LEQUE — Vai emporcalhar a sala!

CARABINA — Quem disse “ai”?

BOLSA — O tempo está muito abafado.

(A Mulher de Bolsa rouba o leque da outra e se abana.)

A CABEÇA — (da bolsa) Não. Fui eu. Aproveite e me tire daqui.

(O Oficial aponta a carabina para todos os lados. Os outros se encolhem.)

CARABINA — (procurando) O senhor está preso em nome da rainha! Apareça agora!

(Num golpe, a Mulher de Bolsa recolhe seus pertences e corre para a saída. Ela grita e larga tudo de novo no chão.)

LEQUE — Enlouqueceu.

BOLSA — Valha, minha Nossa Senhora do Perpétuo Socorro!

Mordeu! LENÇO — O quê?

BOLSA — (apontando para a bolsa) Isso. Isso morde.

A CABEÇA — (da bolsa) Claro. Sabe-se lá para onde é que querem me levar. Ainda tenho dente e língua.

(Todos entenderam de onde veio a voz. O Oficial de Carabina cutuca com a espingarda.)

A CABEÇA — (da bolsa) Minha orelha!

(O Oficial de Carabina futuca outra parte com a espingarda.)

A CABEÇA — (da bolsa) Ai! Vai me cegar, imbecil!

(O Oficial de Carabina abre a bolsa, tira a Cabeça de Tiradentes e a coloca em cima da cômoda. Olhos e boca fechados, ela parece sem vida. Silêncio.)

LEQUE — Bruxa!

BOLSA — Não!

LENÇO — E não eram cocadas! BOLSA — Eu só queria/

LEQUE — Prendam essa mulher!

LENÇO — La Varrene ensinou a roubar cabeças também?

CARABINA — D. Maria não vai ficar feliz se souber que seus súditos da América portuguesa estão travando conversações subversivas com ladras de cadáveres que pertencem ao aparato burocrático real!

LENÇO — Minha culpa foi acreditar demais!

LEQUE — Feiticeira! Foi ela que trouxe a aberração à vida!

(A Cabeça arregala os olhos e cospe no chão.)

A CABEÇA — Vermes! Abutres! Façam cocadas com as minhas entranhas que eu quero ver Vila Rica decadente bebendo do meu sangue envenenado e comendo da minha carne putrefata! Odiosos! Repulsivos! Enterrem a monarquia! Matem todos os que querem a rainha! Matem os reis! Que venham abaixo todos os alicerces, com as inteligências fajutas e suas riquezas necessariamente perversas e espoliadoras! Não deixem ninguém porque são piores que baratas — eles voltarão algum dia!

CARABINA — Chega!

(O Oficial de Carabina tira um punhal do cós e enfia-o na testa da Cabeça. Esta solta um grito de dor e desfalece, como morto.)

LEQUE — Morreu?

(Silêncio.)

LENÇO — (verificando) Morreu.

A CABEÇA — (abrindo os olhos) Estou vivíssimo para o desgosto dos inimigos. Escroques! Embusteiros! Eu quero a balbúrdia da república! Eu preciso da confusão livre das bocas para sobreviver! Eu cuspirei sobre o cadáver de todos esses tratantes! Patifes! Canalhas!

LEQUE — Tirem logo essa coisa de perto de mim!

A CABEÇA — Onde está a pulsação das ruas? Pulhas! Onde desovaram o corpo do Brasil? E os braços do Brasil? E as pernas, os dedos, os pelos do Brasil? Desenterrem. Encontrem as carnes! Que cada cartilagem ressurgja como morto-vivo para assustar seu algoz! Os mortos estão vivos, porque só há mortos. Os mortos que nunca mais morrerão! Nunca mais! Biltres! Velhacos!

LENÇO — Tapa a boca dele!

(O Homem entrega o lenço para o Oficial, que se aproxima para enfiá-lo na Cabeça.)

A CABEÇA — (sério, calmo) Não se aproxime. Não faça isso.

(O Oficial afasta-se, assustado, e devolve o lenço.)

A CABEÇA — Os indignos não venceram! Torpes! Abjetos! Tranquem as portas das casas- grandes! Incendeiem todos os que estão dentro! Queimem os navios! Destruam os latifúndios! Quebrem o arado!

LEQUE — O bispo, por favor!

A CABEÇA — Chamem os bispos que eu quero receber a primeira excomunhão!

LENÇO — Qual terá sido a última vez que esse cabelo foi lavado?

A CABEÇA — Distribuam as pepitas! Compartilhem todo o ouro pra que as bocas se encham de amarelo, e se preencham os buracos e as cavidades, nossas reentrâncias! Mucosas! Secreções auríferas! Exportem o mijo brasileiro! Nossa merda será o chão das catedrais e o batente dos altares! Garfos feitos de nosso catarro e pratos da saliva!

LEQUE — Joguem fora o bicho! Rápido!

A CABEÇA — Com licença, minha filha, eu sou uma cabeça que fala! Vis! Tudo é ouro! Sórdidos! Ouro! Miseráveis! Rasguem as bandeiras! Aniquilem os brasões, que não servem de nada! Desprezíveis! Arrasem o ouro, esse metal pobre e turbulento!

CARABINA — Uma cabeça subversiva! Traidora!

A CABEÇA — Capachos! Vendidos! Lambe-botas! Despedacem todos os grilhões! Pensem na palavra que o sonho humano alimenta! Ninguém mais será submetido à autoridade! Abaixo toda forma de poder! Morte ao latifúndio! Morte à mineração!

LENÇO — Aí o senhor exorbitou!

A CABEÇA — Morte aos oficiais de carabina! Morte ao exército! Morte aos bancos! Morte aos juros! Morte à carestia! Morte aos negócios espúrios dos ricos! Morte à justiça falida desta colônia! Morte aos tribunais! Morte aos juizes que se rebaixam à categoria de marrecos! Morte à pobreza! Morte à abstinência!

LEQUE — Ela deve saber como calar a boca dele!

BOLSA — Não tenho a menor ideia!

A CABEÇA — Não me calo! Nunca! Morte à desigualdade!

LENÇO — Que humilhação!

A CABEÇA — Morte à morte!

CARABINA — O patíbulo já está lhe esperando de novo lá fora!

A CABEÇA — Nunca mais conseguirão me enforcar de novo. (muda de tom) Até porque nem dá.

CARABINA — (à Mulher de Bolsa) À senhora também!

BOLSA — Por favor! Pelo amor de Deus! Eu sou uma pessoa humilde! Como é que alguém pode ser condenado por tentar sobreviver?

A CABEÇA — Eu ouvi tudo. O plano foi deles.

LENÇO — A cara nem treme! (ao Oficial de Carabina) O senhor vai acreditar numa cabeça?

BOLSA — Eu só executei. (mostrando as moedas) Até me pagaram!

LEQUE — Mentirosa! Quer assombrar nossa existência!

CARABINA — Todos neste recinto serão levados à cadeia!

LENÇO — Isso é inadmissível! Acordei achando que ia comer cocada e vou terminar o dia enforcado por conspirar contra d. Maria! Absurdo!

A CABEÇA — Só aceito se me conduzirem algemado!

BOLSA — (à Cabeça) Perdoe o que eu vou lhe dizer, mas o senhor morto era melhor pra todo mundo!

A CABEÇA — Voltei para espezinhar a vida desta cidade. Agora não preciso mais ter pudor nenhum. Porque eu sei os nomes e me lembro dos fatos! Um a um todos vão cair! E depois: inflamar esta nação de norte a sul!

LENÇO — Vai acabar perdendo a língua!

LEQUE — Quanta violência!

CARABINA — E é porque estamos aqui apenas dialogando!

BOLSA — E são Pedro lhe concedeu a chave do mistério por quê? Foi e voltou. Sabe de tudo.

A CABEÇA — Porque no Brasil eu não valho nada.

CENA 3

(O Executor, em cima do cadafalso, já está lendo a sentença para uma Multidão, que se aglomera diante dele. Atrás, o Algoz amola a faca. Ali perto, sobre uma bandeja metálica, repousa a Cabeça.)

EXECUTOR — Tentaram-se ainda serrinhas, serrotes, alicates, enxós, bedames, cinzéis, grampos, ganchos, martelos, brocas, gandanhas, ciscadores, ancinhos, terçados, alabardas, pistolas, espingardas, carabinas, arcabuzes, chuços, piques, mas absolutamente nada arrefeceu o ímpeto vituperante, o afã contestatório, a língua viperina da Cabeça.

A CABEÇA — (à Multidão) Aquele que luta a favor da liberdade e da justiça nunca é derrubado pela arma dos celerados!

(A Multidão comemora, em êxtase.)

EXECUTOR — (à Multidão) Silêncio! Atenção! (lendo) Nada restando ainda a ser dito sobre o réu, que, a despeito das ordens reais, se recusa a morrer e insufla a revolta às massas populares,/

A CABEÇA — (à Multidão) Quem for verdadeiramente contrário ao despotismo precisa se unir agora para impedir a arbitrariedade!

(A Multidão vibra.)

EXECUTOR — Silêncio! (à Cabeça) Tenha a misericórdia de se aguentar dois minutos.

A CABEÇA — (à Multidão) União, compatriotas!

(A Multidão urra, empolgada.)

EXECUTOR — Sem manifestações de apreço, por favor! Silêncio! (lendo) /e tendo já sido duramente reprimidos com degredo e morte os envolvidos no malfadado resgate do Tiradentes, procederemos agora ao último recurso, a fim de que cesse por completo seu comportamento antimonárquico e independentista, que

tanto mal faz às mentes dos súditos portugueses.

A CABEÇA — (à Multidão) A mão atroz dos colonialistas quer esganar nosso futuro para sempre! À liberdade, cidadãos! Às armas!

(A Multidão, de novo, se anima.)

EXECUTOR — O senhor está proibido de produzir rebeliões!

A CABEÇA — Minha jurisdição não é mais a dos homens.

EXECUTOR — (à Multidão) Atenção! Silêncio, cambada! (lendo) Antes que a sentença expedida pelos juízes da alçada desta comarca seja levada a termo, porém, requeremos que venha à presença de todos aquele que só a muito custo concordou em vir do Rio de Janeiro: o coronel do Regimento de Cavalaria Auxiliar da Borda do Campo, o senhor Joaquim Silvério dos Reis.

(Entra o Traidor, sob intensa vaia.)

EXECUTOR — Controlem os apupos!

A CABEÇA — Pelo menos trouxeram esse pérfido.

EXECUTOR — Não mais que alguns minutos.

TRAIDOR — O visconde de Barbacena nos reuniu. Ele parece que gosta do senhor.

A CABEÇA — Finalmente sua cabecinha maligna está diante da minha cabeça magnânima.

TRAIDOR — Seu objetivo mesquinho, me indispor com a gente do lugar, será em vão.

A CABEÇA — (à Multidão) Povo de Vila Rica!

(A Multidão aplaude.)

A CABEÇA — (à Multidão) Joaquim Silvério dos Reis deve pagar

por ter impedido que o Brasil seguisse um destino próprio?

(A Multidão grita, em êxtase, e aplaude.)

EXECUTOR — (à Multidão) Sem arroubos dos presentes!

(A Multidão vaia.)

TRAIADOR — Todos já me odeiam.

A CABEÇA — No que fazem muito bem.

TRAIADOR — Estou ainda pra encontrar no Rio quem não me vire o rosto.

EXECUTOR — Não precisa se alongar. O encontro pode terminar por aqui.

A CABEÇA — Que pelo menos a língua o enforque.

TRAIADOR — Até na Igreja me escorraçam, como se eu tivesse feito o pior dos atos.

A CABEÇA — Agora vai dizer que se arrepende.

TRAIADOR — Mas por quê?

EXECUTOR — Não se arrependa.

TRAIADOR — Para que eu me lamente, preciso ter feito alguma coisa de mau.

A CABEÇA — Cínico.

TRAIADOR — Apenas cumpri meus deveres como comandante de regimento.

A CABEÇA — Quando eu era vivo, não conheci essa desfaçatez.

TRAIADOR — (ao Algoz) O senhor, por exemplo.

A CABEÇA — Apelação!

TRAIADOR — A quais leis desobedece por matar pessoas?

ALGOZ — Ao contrário, as estou cumprindo.

TRAIADOR — Considera-se um bom sujeito?

ALGOZ — Meu serviço tira criminosos das ruas. E isso basta.

TRAIADOR — Qualquer outro que queira agir do mesmo modo nos logradouros será arremessado aos calabouços.

A CABEÇA — Deixe de tergiversar!

TRAIADOR — Calma. Eu concluo: a vida humana está nas mãos deste homem, assim como a vida do país esteve nas minhas um dia. E eu optei por seguir o que a mim havia sido estabelecido em, confesso, doloroso juramento. Porque sou um homem honesto.

A CABEÇA — Sob a opressão nenhum desses compromissos foi válido.

TRAIADOR — (à Multidão) Povo de Vila Rica!

(A Multidão vaia ruidosamente.)

EXECUTOR — Sem vaias, por favor!

TRAIADOR — (acenando) Ouçam o que tenho a dizer!

(Mais vaias.)

A CABEÇA — Só palavras mudas saem da boca de um traidor!

TRAIADOR — (à Multidão) Por que o Tiradentes há de cumprir as promessas de soberania e liberdade que fez a todos, se ele, como alferes pertencente ao Regimento Regular da Cavalaria de Minas Gerais, começa renegando quem havia garantido proteger e zelar?

(As vaias diminuem de intensidade.)

A CABEÇA — Meu pacto não é com o poder tirânico, mas com valores que o senhor nunca vai compreender! (à Multidão) Eu defendendo o povo e a dignidade humana!

(As palmas e os gritos diminuem de intensidade.)

TRAIADOR — A propósito, o que seria povo? E mais: quais os componentes da dignidade humana?

A CABEÇA — (à Multidão) Liberdade não é mercadoria! Convicção não se troca por dinheiro!

(As palmas recrudescem.)

TRAIADOR — (à Multidão) Então vamos jogar fora a memória e a tradição de nossos avós por uma aventura que não sabemos como vai terminar?

(As vaias diminuem.)

A CABEÇA — (à Multidão) Abaixo os bandeirantes! Fora, todos os portugueses! Estripem os padres e alimentem os cães com as vísceras! Apedrejem os usurários!

(As palmas escasseiam, quase somem.)

TRAIADOR — (à Multidão) Queremos mesmo pôr em risco a tranquilidade da hierarquia por uma Cabeça enfeitada sob as orientações de Satanás?

(Palmas ainda tímidas começam a apoiar o Traidor.)

A CABEÇA — (à Multidão) É urgente abolir essa ordem falida! Que venham todas as pessoas de boa-fé na construção da nova sociedade!

(Ninguém mais demonstra apoio à Cabeça. Uma vaia

tímida.)

TRAIADOR — O sonho acaba quando raia o dia.

A CABEÇA — Mas eu sou a cabeça que fala no meio do sol.

TRAIADOR — Equívoco de sua parte. Repare. (à Multidão) Seremos assim fracos para permitir que um pedaço de carne e osso arre-bente com nosso progresso e extermine nossas famílias?

(As palmas aumentam.)

A CABEÇA — (à Multidão) Pelo fim dos privilégios! Pela extinção da desigualdade! Todo o poder aos necessitados!

(Estouram vaias.)

TRAIADOR — (à Multidão) O caos que ele quer implantar é a sombra da desgraça vindoura! Devemos fugir do absurdo!

(A Multidão vibra com o Traidor.)

A CABEÇA — (à Multidão) Eles sequestraram nossa liberdade, e o preço do resgate é uma ação imediata! Punição aos traidores! Revolução!

(Vaias barulhentas. Em segundo plano, entra, no meio da Multidão, o Mensageiro com um documento.)

TRAIADOR — (à Multidão) Ele vos oferece o abismo da incerteza; eu vos entrego a planície da segurança.

(O Traidor é ovacionado pelos presentes.)

TRAIADOR — (à Multidão) Não deixem que a confusão e a discórdia reinem por milênios nesta terra! Faça nos revolucionários!

(Mais aplausos. O Mensageiro está perdido, tira o monóculo do bolso para ler o que está nos papéis que tem consigo.)

MULTIDÃO — Faca! Faca! Faca!

(O Mensageiro conversa com alguém da Multidão, aponta para o cadafalso, faz algumas perguntas.)

A CABEÇA — Judas! Manipulador!

(O Traidor estende a mão para que o Executor a beije. Curvando-se, este se submete ao gesto com prazer.)

TRAIADOR — O tabuleiro é o mesmo para nós dois. Porém veni, vidi, vici.

(O Mensageiro vai ao pé do cadafalso e chacoalha o documento diante do Executor.)

MENSAGEIRO — Com licença!

(Todos o ignoram.)

EXECUTOR — Grande súdito! (ao Algoz) Pode cortar!

MENSAGEIRO — Um instantinho, por gentileza!

A CABEÇA — A história se lembrará deste momento trágico! Todos hão de pagar pela lama brasileira!

MULTIDÃO — Faca! Faca! Faca!

(O Algoz põe um instrumento de ferro na boca de Tiradentes para abri-la à força. O Mensageiro cutuca o Executor com o documento, mas ele se esquiva.)

MULTIDÃO — Faca! Faca! Faca!

MENSAGEIRO — Um minuto de boa vontade!

(O Mensageiro cutuca de novo o Executor, dessa vez mais forte.)

MENSAGEIRO — Fazendo o favor!

EXECUTOR — Passe mais tarde!

MENSAGEIRO — É assunto de alguma forma respeitante a Vossa Senhoria!

EXECUTOR — Não sei. Quem é o senhor?

(O Algoz puxa a língua da Cabeça e aponta a faca. A língua escorrega algumas vezes. A Cabeça geme.)

MENSAGEIRO — Sou mensageiro da corte e venho de Lisboa dizer-lhe que a rainha exige no palácio régio a presença da/

(O Mensageiro tira o monóculo do bolso e desenrola o documento calmamente.)

EXECUTOR — (ao Algoz) Interrompa o corte!

(O Algoz solta a língua da Cabeça. Vaias da Multidão.)

MENSAGEIRO — (com o monóculo) Como eu ia dizendo, ela reclama a presença da (lendo) cabeça do conspirador Joaquim José da Silva Xavier para com a dita cabeça entreter o padecimento de que é vítima e examinar ela mesma a veracidade de tão extraordinário sucesso que as terras brasileiras mais uma vez proporcionam à metrópole portuguesa.

(O Algoz tira o instrumento que abria a mandíbula da Cabeça.)

A CABEÇA — Prefiro que cortem minha língua!

EXECUTOR — Ordena-se o despacho com ou sem língua?

MENSAGEIRO — (verificando) Não entra nesses detalhes.

TRAIADOR — Sem, por óbvio.

A CABEÇA — Por acaso concordo inteiramente. Cortem!

MENSAGEIRO — Ora, não se entretém padecimento com uma cabeça muda.

TRAIADOR — A bem da verdade, nem falante.

EXECUTOR — Muito menos esta.

A CABEÇA — Só eu, tantas vezes reles e vil, fui convidado pela mocoronga.

MENSAGEIRO — Os reis têm feitios incomuns. Com!

A CABEÇA — Apenas porque agora estou com o povo e quero ter minha língua decepada no Brasil!

MENSAGEIRO — Ele é sempre assim? Do contra?

TRAIADOR — Vossa Senhoria vai ter a oportunidade de descobrir durante a viagem.

A CABEÇA — Eu não sou atração de circo! Eu sou um revolucionário!

MENSAGEIRO — Vou lhe colocar numa gaiolinha.

CENA 4

*(Nos aposentos régios, a Cabeça, penteada, esca-
nhoadá, de gravata-borboleta, está ressonando sobre
uma cômoda. Um Criado traz a Rainha pela mão, faz
um gesto indicando a estranha visita e sai. A monarca
puxa uma pálpebra da Cabeça, que de súbito acorda e
cospe no rosto dela.)*

RAINHA — Cuspiu-me!

A CABEÇA — Pois mande matar quem lhe cometeu essa atrocidade.

(A Rainha toca um sininho, e o Criado entra.)

RAINHA — Cuspiu-me!

A CABEÇA — Eu vi quem foi.

CRIADO — Um crime de lesa-majestade! Vou chamar a guarda!

(O Criado sai, correndo.)

RAINHA — Cuspiu-me!

A CABEÇA — E o perpetrador desse ato bárbaro o faria de novo se tivesse a oportunidade.

(O Criado volta.)

CRIADO — Estão na antecâmara.

A CABEÇA — Fugiu pela janela. Rápido.

CRIADO — (à Rainha) Deixo entrar?

RAINHA — (oferecendo o rosto) Cuspa de novo.

(O Criado desiste e vai embora.)

A CABEÇA — Não.

RAINHA — Agora desse lado.

A CABEÇA — Se me conceder a independência do Brasil.

RAINHA — Concedo-a, pois não. Eu gosto dos brasileiros. (batendo palmas) Os brasileiros estão livres! Viva!

A CABEÇA — Mande as tropas portuguesas saírem do país imediatamente.

RAINHA — Aguarde.

A CABEÇA — E sem indenizações.

(A Rainha toca o sininho. O Criado entra sem demora.)

RAINHA — Anote o que a cabeça vai lhe ditar.

A CABEÇA — Eu, vírgula, (em dúvida) Maria Francisca/

RAINHA — Isabel Josefa (em dúvida) Antónia?

CRIADO — Gertrudes Rita Joana de Bragança.

A CABEÇA — Precisamente. Anote

RAINHA — Anda, anda.

(O Criado, a contragosto, vai à mesa, onde há papel e tinteiro. Lá copia.)

A CABEÇA — Prosseguindo: vírgula, regente do reino de Portugal e plena de minhas faculdades mentais, vírgula, decreto, dois-pontos: o desmembramento e a independência dos territórios continentais e insulares do Brasil até então considerados colônias, ponto e vírgula; a saída total das tropas portuguesas de lá, ponto e vírgula; e, vírgula, por fim, vírgula, a renúncia a indenizações ou

retribuições de quaisquer naturezas, vírgula, incluindo as pecuniárias, ponto.

CRIADO — É tudo?

A CABEÇA — Que a velhaca assine.

CRIADO — Acinte! Intolerável referir-se a Sua Alteza dessa forma!

RAINHA — Dá-me os papéis e deixa de complicações.

CRIADO — Senhora, ousou alertá-la de que não é de seu melhor interesse se submeter ao brasileiro.

RAINHA — A cuspida mais burocrática que já ganhei de um súdito.

(O Criado leva duas folhas e a pena à Rainha.)

A CABEÇA — (puxando catarro) A melhor de vossa existência.

RAINHA — (assinando) Saudade de me cuspirem nas ruas. Não saio mais desta latrina.

CRIADO — Não é sem razões.

A CABEÇA — Avisa a toda a corte! Executem logo as ordens reais!

RAINHA — (ao Criado) Fora, corvo! Fora, pecador!

(O Criado foge com uma folha. Ela dobra o papel que lhe ficou nas mãos.)

RAINHA — Agora cuspa.

A CABEÇA — Chama também João, o regente. Pede que ele faça igual.

RAINHA — Cuspa, porco!

(A Cabeça cospe. A Rainha espalha a saliva pelo rosto. Olha-se no espelho.)

RAINHA — Será que agora me tornei afinal um batráquio?

A CABEÇA — Põe na minha orelha. Quero ver João!

RAINHA — Onde? Papai está no céu ou o inferno pegou?

A CABEÇA — Na orelha. Deus morreu perfurado no peito com um tiro de arcabuz.

(A Rainha tenta ajeitar o documento na orelha da Cabeça, mas a folha não se sustenta.)

RAINHA — Então quem foi aquele que acabou de sair? (enfia-o na boca dele) Ele ainda gosta de peras derretidas com açúcar?

A CABEÇA — É na orelha. Avia.

RAINHA — Ainda tem medo de terremotos?

(A Rainha tenta novamente posicionar a declaração na orelha da Cabeça, mas não consegue.)

RAINHA — Como acontecem os terremotos no céu? (rasgando) Essa atividade é impossível. Fogueira nisso!

A CABEÇA — Não, estúpida!

(A Rainha toca o sininho. Entra o Criado.)

RAINHA — Quero incendiar esse papel! Agora!

CRIADO — (recolhendo do chão) Os professores chegaram, Alteza.

RAINHA — Manda vir se souberem notícia de papai.

CRIADO — Receio que não.

RAINHA — Envia todos à força.

CRIADO — Pois vou trazê-los.

(O Criado sai. Entram o Professor e, no ombro dele, o Papagaio. A Rainha oferece a mão para que o Professor beije, mas ele ignora.)

PAPAGAIO — Em toda a Europa só se fala de vossa beleza e inteligência!

PROFESSOR — Ninguém disse nada disso.

RAINHA — Papai ainda mente?

PAPAGAIO — Peras com açúcar.

RAINHA — Um homem singelamente feliz!

PAPAGAIO — Aquela deve ser a cabeça!

RAINHA — (à Cabeça) Os doutos que vão conduzir o senhor ao quinto dos infernos: o professor de lógica meramente ocidental Eurípides Tupinambá e o psiquiatra Pierre Guignon.

(O Professor e o Papagaio riem.)

A CABEÇA — Mas são um índio e um papagaio!

PROFESSOR — Por acaso isso anula a minha cátedra em Heidelberg?

PAPAGAIO — Um preconceito comum acreditar que os papagaios papagueiam. Além disso, minha mãe é francesa.

RAINHA — Doutor Guignon/

PAPAGAIO — (corrigindo a pronúncia) Guignon!

RAINHA — Guignon!

PAPAGAIO — (corrigindo) Guignon!

A CABEÇA — Que tortura!

RAINHA — Deixe sã a cabeça deste homem como o senhor uma vez deixou a minha.

A CABEÇA — Num bergantim qualquer, que seja, mas exijo voltar ao Brasil já! E quem for brasileiro de verdade que se junte a mim.

PROFESSOR — Não posso voltar, só porque eu ainda não coloni-zei toda a Europa.

RAINHA — Meu prisioneiro! Agora temos tudo!

(A Rainha dá um beijo na boca da Cabeça.)

RAINHA — (sentindo o gosto) Quem foi que lhe deu café?

PAPAGAIO — Impossível obedecer aos seus desígnios, Majestade, sem aportes significativos de recursos financeiros.

PROFESSOR — O objetivo dele é depauperar o erário o máximo possível.

A CABEÇA — Pelo menos eles merecem.

(A Rainha toca o sininho.)

RAINHA — (para fora) Traga ouro! Quero fazer uma fogueira daqueles papéis e das moedinhas!

PAPAGAIO — Melhor entregar pra nós. Nossos serviços são caríssimos, Alteza.

PROFESSOR — De fato. Qualquer centavo pelo que nós vamos fazer é caro.

(O Criado entra com uma cadeira de rodas. Nela, há um boneco sem cabeça em traje de gala estofado com palha — de maneira que podemos ver os fiapos saindo pelas mangas e pela gola.)

RAINHA — (batendo palminhas, à Cabeça) Eu nomeio o senhor o novo embaixador do Portugal! Ânimo!

CRiado — Este será seu meio de transporte às várias cortes amigas de nosso reino.

RAINHA — Professor Eurípides!

PAPAGAIO — A comunidade científica europeia já se encontra em polvorosa!

CRiado — Eu ajudo.

RAINHA — Portugal vai dar ao mundo uma cabeça que fala!

A CABEÇA — Não encostem! Eu morde e cuspo!

RAINHA — (oferecendo o rosto) Aqui! Aqui!

A CABEÇA — Vou me vingar de todos os que estão contribuindo/

PAPAGAIO — Ansiedade notória.

(O Criado e o Professor puxam a Cabeça pelas orelhas e a acoplam no boneco.)

A CABEÇA — /para deturpar minha luta por justiça social. Colaboracionistas! Submissos ao capital estrangeiro!

PAPAGAIO — Desarranjo psicossocial.

CRiado — A comitiva espera os senhores lá embaixo com os valores acordados!

(O Professor começa a empurrar a cadeira de rodas. A

Cabeça rola pelo chão.)

A CABEÇA — Ai! Não vou me subjugar!

(O Criado corre para apanhá-la e colocá-la de novo no lugar.)

PAPAGAIO — O senhor está sentindo desamparo e melancolia depois da queda?

A CABEÇA — A causa da independência ecoará nos mais longínquos confins da Terra!

(A Rainha oferece a mão para que o Professor beije, mas este ignora.)

PROFESSOR — Alteza, quando o céu desabar sobre vós, o tempo será ruína e escombros.

A CABEÇA — Eu vou ser o antidiplomata!

RAINHA — (ao Professor) E papai está com as ceroulas lavadas?

A CABEÇA — O destruidor deste reino colonial decadente!

(O Professor segura a Cabeça pela testa e volta a empurrar a cadeira para a saída, mas abalroa em todos os móveis antes de acertar o prumo.)

PROFESSOR — (à Rainha) Não!

PAPAGAIO — Claramente, o paciente demonstra traços de personalidade distorcida.

A CABEÇA — Fogo nos alicerces da nossa tragédia!

RAINHA — (ao Criado) Ouviu? Mande todos os brasileiros à prisão! Caveira podre!

CENA 5

(Uma festa. O Visconde, a Marquesa e a Condessa, junto com todos os outros presentes, batem palmas à chegada da Cabeça, acompanhada pelo Professor e pelo Papagaio, empoleirado no topo dela.)

VISCONDE — Uma palavra!

MARQUESA — Discurso, por favor!

CONDESSA — Abrilhante a noite!

A CABEÇA — (após uma pausa) Os europeus são colonialistas e merecem morrer!

(O Visconde, a Marquesa e a Condessa explodem numa gargalhada.)

VISCONDE — Que grande espírito!

MARQUESA — Uma mente fascinante!

CONDESSA — A cabeça mais invulgar de nossos tempos!

A CABEÇA — Estou há meses nessa ladainha e ganho uma condecoração?

PROFESSOR — Bem feito.

PAPAGAIO — Senhores, a cabeça teve excesso de emoções por hoje.

A CABEÇA — Essa gente é surda. Não importa o que a gente diga. Vamos embora.

PAPAGAIO — De modo algum. Vou receitar champanhe e canapé com caviar para nós!

VISCONDE — Champanhe!

MARQUESA — Canapé!

CONDESSA — Caviar!

(Um Garçom entra trazendo os pedidos. O Professor, que segura a bandeja, ajuda a Cabeça e o Papagaio a degustar os quitutes.)

A CABEÇA — O que significa essa bebida deliciosa? E essa comida divina? Querem me destruir!

PROFESSOR — (rindo) Será?

VISCONDE — Nossa maneira de agradecer a sua fibra alemã, /

MARQUESA — /a sua elegância britânica, /

CONDESSA — /a sua eloquência francesa!

PAPAGAIO — Como explica a ciência médica, o júbilo da gratidão se expressa de demasiadas maneiras nos seres humanos.

A CABEÇA — Eu não estou (bebendo) agradecido (comendo) sob hipótese nenhuma.

VISCONDE — Sinto o senhor como praticamente um de nós.

MARQUESA — Alguém cuja origem nobre é dada pela fortaleza do caráter.

CONDESSA — Homem que fará grande serviço às magnânimas propriedades que ganhou em Cintra.

A CABEÇA — Quem?

VISCONDE — Mas não lhe disseram?

MARQUESA — Que desrespeito com vossa importância!

CONDESSA — Nunca imaginei que tivesse eu a primazia em lhe revelar tamanho gesto de amor.

A CABEÇA — Não sou suscetível a esse jogo.

(O Visconde, a Marquesa e a Condessa explodem numa gargalhada.)

PROFESSOR — Continuem.

VISCONDE — Sabemos que o senhor foi galardoado pela Baviera com um palácio em Wurtzburgo.

PAPAGAIO — Com quem é que ele arranja a escritura?

MARQUESA — E quando é que vai visitar seus vinhedos na Alsácia? A CABEÇA — O vinho de lá é bom mesmo?

CONDESSA — Aqueles casarões às margens do mar da Ligúria são de seu agrado?

PROFESSOR — Até que enfim algum lugar quente.

VISCONDE — Chegou-me ao conhecimento que a Sociedade Inglesa para o Progresso das Ciências Mentais fará um convite irrecusável.

MARQUESA — Conta-se que o Reino da Prússia lhe prepara uma recepção munificente!

CONDESSA — O próprio papa deseja conhecer o senhor.

A CABEÇA — Deus me livre. Desde já, não aceito nada que tenham a me dar. Pronto.

PAPAGAIO — Nem as vinícolas?

A CABEÇA — Digamos que exceto as vinícolas.

PROFESSOR — E os verões à beira da praia?

A CABEÇA — O Brasil tem mar também. Aliás, tirem essa condecoração de mim!

(O Professor tira, finge que vai jogar fora, mas põe, sorrateiramente, mais abaixo no boneco.)

VISCONDE — Consinta, então, ao menos em algo mais.

MARQUESA — Só isso que estamos prestes a dizer.

CONDESSA — E, se o senhor recusar, aderimos agora mesmo à sua causa.

A CABEÇA — Hum.

VISCONDE — Admita que o senhor é uma sumidade republicana.

MARQUESA — Um ser inspirado e de aguerrido coração revolucionário.

CONDESSA — Farol anticolonial para os povos do mundo.

A CABEÇA — (após uma pausa) Não posso discordar.

(O Visconde, a Marquesa e a Condessa explodem numa gargalhada.)

PAPAGAIO — Disfunção narcísica!

VISCONDE — Saiba que agora o senhor herdou o paraíso.

MARQUESA — As mais elegantes monarquias se abrem a sua passagem.

CONDESSA — O velho continente se ajoelha perante a cabeça.

A CABEÇA — Nunca.

CENA 6

(Um banquete. O Membro da Ordem ergue um brinde à Cabeça, que está ladeada pelo Professor e pelo Papagaio.)

MEMBRO — A Ordem dos Cavaleiros de Brasões e Escudos outorga a denominação honorífica Partícipe-Mor à cabeça do brasileiro Joaquim José da Silva Xavier.

(Palmas e palmas.)

CENA 7

(Num agitado salão de jogos, o Crupiê levanta-se e aponta para a Cabeça.)

CRUPIÊ — E a vitória mais uma vez vai para a cabeça. E, com isso, ela adquire a ilha de Brettstein.

(Os Espectadores ali se maravilham. O Papagaio abre as asas.)

CENA 8

(O Professor, num mirante da ilha, põe um binóculo nos olhos da Cabeça.)

A CABEÇA — Achei que a ilha fosse maior. E nesse castelinho também mal cabem os trezentos criados.

CENA 9

(O Professor, a Cabeça e o Papagaio, despedindo-se, fecham atrás de si a grande porta de um imenso salão.)

A CABEÇA — Grande homem, o soberano da Rússia! Gostaram da minha piada de brasileiro?

CENA 10

(O Professor abre uma carta.)

PROFESSOR — É um convite de Jorge III, da Inglaterra.

A CABEÇA — Escreva que estou com dor de cabeça.

PAPAGAIO — Nós vamos. Quero pedir financiamentos pras minhas pesquisas.

PROFESSOR — Ele precisa rir de alguém.

CENA 11

(Numa carruagem a toda, viajam o Professor, a Cabeça e o Papagaio.)

A CABEÇA — Eu não caso com a duquesa de Berry, aquela horrórosa. Talvez com a marquesa de Fuiton.

PROFESSOR — Nenhuma das duas quer.

PAPAGAIO — A princesa de Mônaco bebeu demais e virou santo Antônio.

(A carruagem estaca. O Professor põe o torso para fora da janela e olha.)

PROFESSOR — A patrulha revolucionária francesa!

A CABEÇA — Eu adverti lá atrás pra dobrar à direita.

CENA 12

(O Professor, a Cabeça e o Papagaio estão no escritório de Robespierre, que passa os olhos por um relatório.)

ROBESPIERRE — O que o senhor estava fazendo nas terras de França? Traduzam, por favor.

PAPAGAIO — Ele quer saber por que todas as monarquias da Europa lhe concederam títulos nobiliárquicos.

A CABEÇA — Porque sou uma joia, uma pedra rara, num mar de corrupção e degenerescência. Mas meu coração é ódio puro.

PROFESSOR — (a Robespierre) Ele disse que voltávamos da conferência proferida pelo doutor Vico Nigeri na universidade de Bruxelas e nos perdemos.

ROBESPIERRE — A respeito de quê? Traduzam.

PAPAGAIO — Com corrupção e degenerescência, o senhor se referia à França?

A CABEÇA — Não ouvi ele dizer França.

PAPAGAIO — Responda que é pra gente ir logo embora.

A CABEÇA — Jamais, camarada Robespierre! Não é à custa de alguns vândalos que vamos pôr a perder uma reivindicação assim tão legítima.

PROFESSOR — (a Robespierre) O subjetivismo das disjunções exclusivas na Monadologia leibniziana.

ROBESPIERRE — Explique.

PROFESSOR — Leibniz nasceu em/

ROBESPIERRE — Chega. O senhor está querendo me fazer crer em algo de todo diferente do que esclarece o relatório elaborado

pelo serviço de inteligência. Que missão tinha para cruzar território francês em conflito? Como uma cabeça falante, financiada pelas monarquias funestas que cercam as forças populares da nação, fará para acabar com a autodeterminação do nosso povo?

PAPAGAIO — Disseram que o senhor morreu pela república brasileira.

A CABEÇA — Três palavras depois de cinco minutos? E não foi nem uma pergunta.

PROFESSOR — (a Robespierre) Ele disse que é muito idiota pra executar uma tarefa dessa natureza.

ROBESPIERRE — A França está abolindo, um de cada vez, os parasitas sociais da nobreza à qual o senhor pertence.

PAPAGAIO — Daria de novo a vida pela independência?

A CABEÇA — Se ele sabe que eu sou um companheiro revolucionário, está atrasando nossa vida por mero deleite!

PROFESSOR — Ele não come lagosta e bebe espumante por escolha. Está sendo mantido preso pelas potências.

ROBESPIERRE — Um condenado que anda por aí de carruagens e tem conferências com príncipes!

PAPAGAIO — Então prove que compactua com os ideais de mudança.

A CABEÇA — O lema deles é muito brega e atrasado. Mas diga que eu amo.

PROFESSOR — O homem não tem as inteligências mais pungentes. Queira perdoar.

ROBESPIERRE — A justiça não socorre os estúpidos.

PAPAGAIO — O senhor queria o sufrágio universal e o fim da es-

cravidão?

A CABEÇA — O Cláudio fez versos; o Tomás costurou um vestido.

PROFESSOR — Ele promete que da próxima vez fará as viagens de barco.

ROBESPIERRE — No entanto, fiquem tranquilos que nossa prisão será muito mais doce que a dos reis.

PAPAGAIO — E a preservação das florestas? E a proteção aos povos indígenas?

PROFESSOR — Não! Se ele pudesse, já teria voltado ao Brasil para destruir o império português.

A CABEÇA — Esse francesinho não entende nada de revolução. Além de tudo, lá nem existem mais índios.

(O Professor olha para a Cabeça com reprovação.)

A CABEÇA — Mas o senhor não está lá.

ROBESPIERRE — (erguendo os olhos do relatório) Ao Brasil?

(Robespierre solta uma gargalhada.)

ROBESPIERRE — Narrativa inverossímil e estapafúrdia. Todos sabem que a cabeça saiu enxotada do Brasil.

PAPAGAIO — Informação valiosíssima!

PROFESSOR — O senhor não é amado pelo povo das Minas?

A CABEÇA — De todas as formas. Mas como é que a conversa chegou tão baixo?

PAPAGAIO — Não é isso o que ele está nos dizendo.

A CABEÇA — Esse besta não sabe de nada.

ROBESPIERRE — Tentou acordar o povo, mas devido às artes retóricas de um partidário da rainha teve a multidão, na verdade, voltando-se contra si.

PAPAGAIO — Expulsar não é das maiores demonstrações de afeto. A CABEÇA — Defina afeto.

PROFESSOR — Foi pra isso que eu larguei Heidelberg?

A CABEÇA — Demitidos os dois!

PAPAGAIO — Visão da realidade distorcida e delirante.

ROBESPIERRE — A cabeça brasileira, devo ressaltar, não é revolucionária.

PAPAGAIO — Pelo menos nós dois estamos liberados? Ele é que é o nobre. Além disso, minha mãe é francesa.

ROBESPIERRE — Nunca sob o meu comando! Uma lástima à luta anticolonial nas Américas.

(gritando) Calabouço aos conservadores!

(Robespierre carimba o relatório.)

CENA 13

(O Professor, a Cabeça e o Papagaio estão numa cela úmida e escura. Uma gota d'água cai do teto em intervalos regulares.)

A CABEÇA — Sempre preferi os americanos.

PROFESSOR — Será que vão usar uma guilhotininha no seu pescoço, doutor?

A CABEÇA — Ninguém impõe esse instrumento terrível nos Estados Unidos! Não teve uma gota de sangue.

PAPAGAIO — Professor, sua situação não é melhor que a minha.

A CABEÇA — Uma luta limpa.

PROFESSOR — Doutor Pierre Guignon/

PAPAGAIO — (corrigindo a pronúncia) Guignon!

A CABEÇA — O que tinha de justa tinha também de organizada.

PROFESSOR — Deve ser execrável virar um espírito da floresta neste país.

A CABEÇA — Uma festa da democracia liberal!

PAPAGAIO — Um psiquiatra morto se adapta a qualquer clima. Além disso, é a temperatura da minha infância.

A CABEÇA — Mas na França é essa patifaria!

PROFESSOR — Deve ser pior não estar perto dos seus nos minutos derradeiros.

A CABEÇA — Botam a gente num lugar degradante por dias! Buncaneiros!

PAPAGAIO — Espero pelo menos que anunciem nossa morte nas ruas de Paris.

A CABEÇA — Porém na minha trincheira reside a justiça!

PROFESSOR — Sonhei antes de ontem com os meus irmãos. A iridescência da cauda dos pavões é magnífica!

A CABEÇA — E experimenta o terror quem contra mim se insurge. Palúrdios!

(Entra um Soldado, carregando uma lanterna que, ainda assim, deixa o ambiente na penumbra.)

SOLDADO — Atenção! Terceira porta à esquerda. Depressa.

PAPAGAIO — Construíram um mecanismo pro meu tamanho?

PROFESSOR — Que horas a execução?

A CABEÇA — Não têm vergonha de deixar uma pessoa da minha estatura moral nestas condições?

SOLDADO — Já posicionaram a cabeça de Robespierre na luneta. Falta só baixar a lâmina.

(Eles se entreolham. O Professor começa a empurrar a cadeira de rodas.)

PROFESSOR — Antes que a política mude de curso!

A CABEÇA — Quê? É a isso que chamam liberdade? Agora eu quero que tentem me matar.

PAPAGAIO — Segura a boca dele!

A CABEÇA — Não estavam tão sedentos por violência? Pare esta cadeira já! (ao Soldado)
Viva a monarquia!

(O Professor, a Cabeça e o Papagaio saem.)

CENA 14

(No porto da Bahia, a Cabeça começa a descer a rampa do navio acompanhado pelo Professor, que sempre empurra a cadeira, e o Papagaio. Em terra, a Governadora alisa a roupa, nervosa; o Capitão-Mor acena para os dois Funcionários, que abrem uma faixa com os dizeres: BENVINDO TIRADETE.)

A CABEÇA — Cuidado, que a rampa é estreita!

PROFESSOR — Armaram um circo pra sua aparição.

PAPAGAIO — E ele nem merecia.

A CABEÇA — Pois está incompleto. Só estou enxergando os ma-labaristas e os faquires.

CAPITÃO-MOR — Querido Tiradentes, sinta-se novamente em casa nas terras brasileiras!

GOVERNADORA — Uma presença tão ilustre acende as chamas da esperança na América.

(O Capitão-Mor e a Governadora estendem a mão, mas o Professor não se mexe.)

A CABEÇA — Dê licença, dê licença.

(O Capitão e a Governadora saem da frente para que a Cabeça veja a faixa.)

GOVERNADORA — Uma singela homenagem.

A CABEÇA — (após uma pausa) Quem é Tiradete?

CAPITÃO-MOR — Algum incompetente que será punido com a severidade máxima esqueceu um "n".

GOVERNADORA — Quanto constrangimento! Mil perdões.

PROFESSOR — Faltou a vírgula do vocativo também.

PAPAGAIO — Bem-vindo não é com hífen?

(O Capitão acena, e os Funcionários recolhem a faixa.)

A CABEÇA — Não conheço nenhum Tiradete.

GOVERNADORA — É uma situação totalmente vexatória e massacrante para o povo da Bahia!

CAPITÃO-MOR — Prezado alferes Joaquim Xavier, reforço: o senhor nos desculpe.

A CABEÇA — Quem? Meu filho, eu sou conde de/ (ao Papagaio) Vai! PAPAGAIO — Ottignies-Louvain-la-Neuve!

A CABEÇA — Corrijam a faixa, eu volto pro navio e a gente recomeça.

CAPITÃO-MOR — Soletrando, melhora.

PROFESSOR — Em nenhuma hipótese eu empurraria essa cadeira pra dentro do navio de novo.

A CABEÇA — E a banda marcial? E a música pra receber um homem/

PROFESSOR — Cabeça.

A CABEÇA — /que fez tanto por esta colônia?

GOVERNADORA — O dinheiro foi todo com a recepção da família real. A CABEÇA — (olhando ao redor) Logo se vê.

GOVERNADORA — Em compensação a acolhida calorosa virá da cidade inteira.

A CABEÇA — Professor, nunca mais me separe dos maiores desta

terra. Meu destino é ser supremo.

CAPITÃO-MOR — Reservamos uma charrete para irem lhe ace-
nando enquanto o senhor passa.

A CABEÇA — Não.

GOVERNADORA — Pensamos que vossa Graça/

A CABEÇA — Os brasileiros estão irreconhecíveis!

CAPITÃO-MOR — (ao Papagaio) Talvez uma timidez!

PAPAGAIO — Só se for recém-adquirida nos trópicos.

GOVERNADORA — Entendo perfeitamente. Trata-se de um su-
jeito recluso e discreto.

PROFESSOR — É medo de gente verdadeira.

A CABEÇA — Não titubeio diante de nada!

CAPITÃO-MOR — (chamando) Então charrete!

(Entra a charrete, com o Charreteiro e os cavalos.)

A CABEÇA — Tragam o mesmo veículo que usaram com dom
João.

GOVERNADORA — Pois é este.

A CABEÇA — Incluindo o charreteiro?

CHARRETEIRO — (cumprimentando) Eu!

A CABEÇA — Esses cavalos são pangarés desprezíveis! Quanto
desaforo à Alteza!

CAPITÃO-MOR — Mas são os melhores do Brasil!

A CABEÇA — O problema é essa indústria nacional.

(Os cavalos se alvoroçam e relinçam.)

PROFESSOR — Deixa de frescura. Sobe.

GOVERNADORA — O lauto jantar já esfria nas travessas.

A CABEÇA — Quero zarpar de pronto para o Rio de Janeiro!

PAPAGAIO — A Bahia não são as Minas, palonço. Ninguém conhece o senhor aqui.

CENA 15

(O Professor, a Cabeça e o Papagaio desfilam na charrete já pelas ruas do Rio de Janeiro. A Multidão, com bandeirinhas em punho e acenos, saúda os três.)

A CABEÇA — É que o povo defende rico e europeu. E eu sou os dois agora!

(O Professor acena de volta e sorri. O Papagaio grasna.)

CENA 16

(A Cabeça discursa, grandiloquente, para um salão cheio de Nobres.)

A CABEÇA — O populacho não sabe como é difícil a vida do latifundiário no Brasil! NOBRES — Bravo! Bravíssimo!

(Todos os Nobres se levantam, aplaudindo. O Professor dá as costas para eles.)

CENA 17

(Às margens do riacho do Ipiranga, o Professor, ao lado da Cabeça e do Papagaio, estende uma carta a dom Pedro, que recusa.)

DOM PEDRO — Estou com preguiça. Não vou ler.

A CABEÇA — Dona Leopoldina já disse sim.

DOM PEDRO — O que é que o senhor acha de eu berrar “Independência ou Morte”?

A CABEÇA — Péssimo.

CENA 18

(Num escritório, dom Pedro cofia a barba. O Professor empurra a cadeira de rodas com a Cabeça para fora.)

A CABEÇA — É a última vez que eu exijo de vossa Majestade mandar José Bonifácio pra Cuba!

CENA 19

(A Cabeça — inclusive o boneco sentado à cadeira —, o Professor, mais velho, e o Papagaio estão vestidos em trajes militares diante de um Pelotão no campo de batalha. Ao fundo, os sons da guerra.)

A CABEÇA — (ao pelotão) Acabem com o Paraguai! Encontrem Solano López e esquartejem!

INIMIGOS — (ao longe) ¡Esclavistas!

A CABEÇA — Quem disse isso?

PROFESSOR — Os paraguaios. INIMIGOS — (ao longe) ¡Libertad!

A CABEÇA — Querem minar o espírito combativo e patriótico das tropas!

PAPAGAIO — Com mentiras?

PROFESSOR — Com verdades. I

INIMIGOS — (ao longe) ¡Fuera!

A CABEÇA — (gritando) Fora, invasores!

PAPAGAIO — Mas a gente está no Paraguai.

A CABEÇA — Ainda não cruzamos a fronteira.

PROFESSOR — Há muitos quilômetros.

A CABEÇA — Hein?

INIMIGOS — (ao longe) ¡Imperialistas!

A CABEÇA — Provas!

(O Professor tira um mapa do bolso e o estende diante da Cabeça.)

PROFESSOR — Aquele rio lá atrás é o Paraguai. Já passamos Passo da Pátria.

INIMIGOS — (ao longe) ¡Colônia de Inglaterra!

A CABEÇA — Você não entende nada de estratégia militar! Guarde esse mapa!

PAPAGAIO — Acho que os paraguaios estão se aproximando.

A CABEÇA — Mais um desorientado! Você mal entende de ciência!

INIMIGOS — (ao longe) ¡Racistas!

A CABEÇA — (ao pelotão) Não vamos embora pra casa!

(Um ruído de canhão irrompe no início da frase. O pelotão começa a se dispersar.)

PROFESSOR — Ouviram que era pra ir.

A CABEÇA — (ao pelotão) Voltem todos! Já!

PAPAGAIO — Sua dicção é deplorável. É o maior esforço da nossa parte.

PROFESSOR — Falta arrebanhar alguma vantagem pra eles. Nem o turismo.

A CABEÇA — E alforria não é um bem maior do que qualquer filigrana material?

PAPAGAIO — Eu devia ter me aposentado há quinze anos. Estou velho demais pra isso.

PROFESSOR — Se vivos. Mas promessa nos dias de hoje não é mais dívida.

A CABEÇA — A esperança basta pra alimentar o homem!

PAPAGAIO — Os paraguaios ficaram ainda mais próximos!

A CABEÇA — É que vocês dois estão mancomunados. Torcem contra o Império do Brasil.

PROFESSOR — Precisa?

A CABEÇA — Esse comportamento daninho pode ser considerado crime de guerra!

PROFESSOR — Aquiete esse facho.

PAPAGAIO — Não foi por nós que o senhor foi jogado à morte de propósito.

PROFESSOR — Deram um cargo pomposo pra que a queda parecesse subida! Rebaixado por quem mais defendeu!

PARAGUAIOS — (ao longe) ¡Imbéciles!

PROFESSOR — Virou o indivíduo que não lê um mapa.

PAPAGAIO — Continua do jeito que acordou: um condenado à morte.

CENA 20

(Transcorre a cerimônia em homenagem ao Exército no salão imperial. O Imperador, acompanhado da Imperatriz, segura uma medalha para a Cabeça, que está exultante. O Professor, ao lado, traz consigo uma bengala.)

IMPERADOR — Em honra a este bravo combatente, que concedeu à pátria os mais belos exemplos de intrepidez e justa beligerância militar nas batalhas contra o Uruguai,/

(O Professor ri.)

IMPERADOR — /O império do Brasil contempla com a grande medalha do Cruzeiro do Sul o conde de Ottignies-Louvain-la-Neuve, que é também conde das Beiras Interiores e Exteriores, o senhor Joaquim José da Silva Xavier!

(O Imperador põe a medalha no peito do boneco e estende a mão para o Professor, que não retribui.)

IMPERADOR — Sentimos muito pela trágica perda do doutor Pierre Guignon!

IMPERATRIZ — Papagaio imenso em generosidade e sabedoria! Com tanto desvelo cuidou da saúde mental de toda a nossa família.

PROFESSOR — Ele comeu.

IMPERATRIZ — E não foi tiro? PROFESSOR — Foi faca.

A CABEÇA — Os víveres tinham acabado. Mas coloquei sal e pimenta, que eu não sou um bruto.

IMPERATRIZ — Para onde foi o carregamento de tâmaras e damascos que o império enviou?

PROFESSOR — Comeu porque quis.

IMPERADOR — Ah.

A CABEÇA — O professor envelheceu. Está caducando. Fiz tudo o que eu pude pra sobreviver.

IMPERATRIZ — É verdade que os paraguaios temperam a salada com sangue de criançinha?

A CABEÇA — O que me manteve vivo foi saber que vossa Majestade vai me dar um ministério.

PROFESSOR — (à Imperatriz) Não.

IMPERADOR — O Brasil se orgulha de ter nomes como o seu integrando nosso panteão de heróis.

A CABEÇA — Serve qualquer um.

IMPERADOR — Sua presença é o sol do nosso firmamento.

A CABEÇA — Então, qual?

IMPERADOR — Adeus.

(A Imperatriz dá o braço ao Imperador, e os dois vão saindo.)

A CABEÇA — Professor!

(O Professor, que a essa altura já estava ressonando, acorda e começa a empurrar a cadeira, impedindo a passagem do casal real.)

A CABEÇA — Não se restrinja aos conservadores. Pode ser num gabinete liberal também.

IMPERADOR — Consulte o visconde do Rio Branco.

A CABEÇA — Foi orientação dele vir aqui lhe rogar.

IMPERATRIZ — Já conversou com o major Tavares Tavares?

(O Professor ri.)

IMPERADOR — Ótima lembrança.

A CABEÇA — Desconheço.

IMPERATRIZ — Mas é um verdadeiro gladiador, o homem.

IMPERADOR — É de admirar que o senhor nunca tenha visto nem ouvido das proezas do oficial.

A CABEÇA — De que batalhão?

IMPERATRIZ — Alguém desatento pode até achar que o senhor não participou da guerra.

A CABEÇA — Se fui eu o brasileiro mais devotado às armas!

IMPERADOR — Nenhum telegrama do campo em seu nome. Fato.

A CABEÇA — (ao Professor) Você não me assinou nos textos que eu ditei?

PROFESSOR — Não ditou.

IMPERATRIZ — Também uma cadeira de rodas!

A CABEÇA — Nunca me impediu de nada. E o professor me empurra.

IMPERADOR — Confio inteiramente no seu valor. Mas primeiro você precisa encontrar o major Tavares Tavares.

IMPERATRIZ — Ele virá até nós semana que vem, se o senhor for rápido.

IMPERADOR — Aproveite e avise que traga o pote de mel da serra que ele me prometeu.

A CABEÇA — Em que é que propriamente o major vai ser útil a um general? Meu ministério! Agora!

(O casal sai.)

A CABEÇA — Eu vou canibalizar o senhor com sal e pimenta!

PROFESSOR — (rindo) Major major.

CENA 21

(O Matador está com as mãos para trás, cabisbaixo. A Cabeça, altiva.)

A CABEÇA — Era pra ter colocado o veneno no café! Quem bebe chá é a mulher do visconde de Paranaguá! Energúmeno!

CENA 22

(Uma Dama da Corte toma chá com a Cabeça. O Professor cochila.)

A CABEÇA — Que cabeça maligna mandaria dar um tiro no Barão de Cotejipe?

CENA 23

(O Professor e a Cabeça estão circundados pela densa vegetação da floresta. Grilos cricrilam.)

A CABEÇA — Preferível a prisão perpétua na cidade. O problema foi eu ter dito isso.

CENA 24

(Com dificuldade, arrastando a bengala, o Professor entrega um cofre ao Carregador.)

PROFESSOR — Infelizmente é frágil, mas não comente com ninguém.

(A Cabeça pigarreia dentro do cofre.)

PROFESSOR — Deixe bem guardado que eu volto para pegar ano que vem.

A CABEÇA — Você me prometeu duas semanas!

CENA 25

(Nas ruas, a comemoração do Povo transborda felicidade. Ouvem-se fogos de artifício.)

POVO — Viva a liberdade!

CENA 26

(Apinham-se vários Militares ao redor do cofre. O Professor o destranca, revelando a Cabeça, que olha para todos ainda assustada.)

A CABEÇA — Quero conhaque!

CENA 27

(É noite alta. A Cabeça já espera num descampado; ao lado dela, o Professor, às portas da morte, está sentado no chão de terra batida, escorado à cadeira de rodas.)

A CABEÇA — Deodoro era contra, mas o convenci de que o melhor pro país não espera momento.

PROFESSOR — Somente anos depois é que eu percebi seu maior defeito.

A CABEÇA — Os militares ganhamos migalhas, mesmo depois de tudo. E eu!

PROFESSOR — O senhor é um dromedário.

A CABEÇA — E ainda vêm com abolição!

PROFESSOR — Corcovas e puro deserto!

A CABEÇA — As bênçãos científicas de Benjamin Constant nos guiam no positivismo!

PROFESSOR — O doutor Pierre, que nunca foi doutor, cansou de bater asa.

A CABEÇA — Por outro lado nossa pátria será o berço do maior experimento liberal das Américas!

PROFESSOR — Nossos sinais eram claros como a lua.

A CABEÇA — Nem os Estados Unidos serão tão livres e libertinos!

PROFESSOR — Mas eu permiti. Abandonei tudo nas mãos que o senhor não tem.

A CABEÇA — Cada um por si e o Diabo contra todos!

PROFESSOR — Que é que há no seu cuspe? Eu bebi todo ele.

A CABEÇA — O Brasil agora é dos militares. E de alguns civis de intenções. Não sabemos quais.

PROFESSOR — A saliva podre da cabeça envenenou nossos rios.

A CABEÇA — Vamos virar a nação do avesso! Como eu sempre quis!

PROFESSOR — E assim os que ainda não nasceram não têm outro caminho senão o esquecimento.

A CABEÇA — Aliás, como eu sempre tenho querido nos últimos anos!

PROFESSOR — As minhas expectativas foram esmagadas pela crueldade do tempo.

A CABEÇA — Por isso estão em cólicas para me homenagear em todas as cidades!

PROFESSOR — Fracassei em tudo o que tentei com o senhor!

A CABEÇA — Querem criar bustos. Estátuas inteiras com pé e mão.

PROFESSOR — Desgraça! O senhor me obriga à desesperança.

A CABEÇA — Pelos vistos eu sou um símbolo de liberdade capital.

PROFESSOR — Mas meus ouvidos estão bons.

A CABEÇA — O Dia da Paixão de Tiradentes!

PROFESSOR — Eu ainda consigo escutar, vindo do fundo da floresta,/

A CABEÇA — Ressurgi dos mortos para jogar todos nas caldeiras da retidão moral e da fé cristã.

PROFESSOR — /um rugido de onça.

A CABEÇA — E seguramente serei presidente em breve.

PROFESSOR — Um fremito brota do fundo da terra.

A CABEÇA — Todos se articulam no Rio de Janeiro para isso.

PROFESSOR — São milhares, milhões de bocas em perfeito uníssono.

A CABEÇA — O esforço é nítido. Meus apoiadores são íntegros.

PROFESSOR — E também há o estalar das juntas e das articulações.

A CABEÇA — E meus planos são a destruição.

PROFESSOR — O preciso embate entre as cabeças.

A CABEÇA — Destruir como quem constrói.

PROFESSOR — Aí, nessa hora, não restará nada ao senhor também, a não ser a memória.

A CABEÇA — Matar como quem dá vida.

PROFESSOR — A lembrança dolorosa daquelas palavras que caíram em desuso/

A CABEÇA — E queimar como quem apaga.

PROFESSOR — /e estão num cofre, numa caixa que o senhor dominava facilmente.

A CABEÇA — Essa é a minha língua brasileira.

PROFESSOR — Que o tempo não coma o tempo! Que ainda seja possível!

A CABEÇA — Você fala brasileiro?

(O Professor morre.)

A CABEÇA — Um professor de filosofia não deve entender nada de política.

(O Professor se metamorfoseia num pavão, abre sua bela cauda de muitas cores e foge dali.)

A CABEÇA — Um professor de filosofia é aquele que não entende nada. Só filosofia. (pausa) Portanto, eu prefiro que você desapareça. (pausa) Seu lugar é nas catacumbas, embora eu até goste de sua presença. (pausa) Mas você se tornou rapidamente um homem do passado, apegado demais à história, um objeto atravancando o progresso! (pausa) Meu Brasil é anti- histórico.

(Entra Antônio Conselheiro com uma Ajudante, munida de peixeira na cintura.)

A CABEÇA — A guerra vai terminar agora.

CONSELHEIRO — Que guerra?

A CABEÇA — Os termos são os seguintes: você se rende; botamos umas algemas no seu pessoal; e dou um jeito de não lhe matarem.

CONSELHEIRO — O que é que são algemas?

A CABEÇA — Não. O Rio de Janeiro não negocia com ninguém.

CONSELHEIRO — Janeiro.

A CABEÇA — Como representante do Brasil, dou por encerrada nossa reunião. Pense. Volte daqui dois dias.

CONSELHEIRO — Ter mais dois dias nessa vida é um mistério que a Providência não revela.

A CABEÇA — Pois daqui um. No mesmo horário. Por enquanto a refrega está suspensa. Vá.

CONSELHEIRO — Não lhe entendi em nada.

A CABEÇA — Me disseram que Canudos é terra de gente aluada e eu ainda quis discordar!

CONSELHEIRO — Aqui só tem chão. O chão que o povo pisa. Não existe essa conversa de Rio de Janeiro.

A CABEÇA — Acabe com essa desobediência!

CONSELHEIRO — Eu obedeco a Nosso Senhor Jesus Cristo.

A CABEÇA — Ah, querido Antônio, eu estou há mais tempo neste mundão e sei muito mais dos homens! O império acabou.

CONSELHEIRO — (rindo) Que império?

A CABEÇA — É o momento da república. Calha bem aceitar o estado das coisas.

CONSELHEIRO — Comandante, sua voz é engraçada, com palavra de enganação e perfídia. Nem tenho sentimento por império, nem por república.

A CABEÇA — Já fui como o senhor. Mas as criaturas precisam seguir à maturidade.

CONSELHEIRO — Aqui em Belo Monte ninguém passa fome. Estamos abençoados pela mão divina. Não me interessa mais nada.

A CABEÇA — Então sua escolha é matar todos eles? E assassinar a si mesmo?

CONSELHEIRO — A alternativa à morte no sertão é o quê?

A CABEÇA — Virar capataz em fazenda! Virar empregada! Capinar lote!

CONSELHEIRO — A gente daqui não vai morrer em vida. A morte é na morte. Quem puder que desafie!

A CABEÇA — Não sei se lhe informaram, mas eu já morri uma vez. E vou confessar que não tem graça nenhuma.

CONSELHEIRO — Eu vi a cabeça cair do céu como um relâmpago! Ela me falava de penúria e dor, mas pisei sobre cobras e escorpiões e sobre todo o poder do inimigo. E nada me poderá causar dano.

A CABEÇA — Pois ajude Deus, que ele é onipotente, mas não pode tudo. Deixe meu pelotão entrar e acabar com esse sofrimento.

CONSELHEIRO — Estava Deus em cima do monte e me chamou para contar do senhor.

A CABEÇA — Lisonjeiro deve ter sido, porque eu sou o único fa-cho luminoso deste país.

CONSELHEIRO — E lá do alto eu consegui avistar toda a sua de-sonra.

A CABEÇA — Então é guerra, Conselheiro! Se é sangue e bala o que você me pede, será entregue.

CONSELHEIRO — Onde é que caiu sua aliança? Por que, tendo visto o caminho, o senhor se desviou? Cadê aquela sua palavra que no início era entendida por todo o povo?

A CABEÇA — Como todo brasileiro, eu sou católico também. Você não me sabota com esses símbolos!

CONSELHEIRO — É o próprio Deus quem pergunta através da minha boca: o que vai ganhar o homem que tirava dentes depois de ter esquecido o ofício?

A CABEÇA — Mas eu não me esqueci. Infelizmente lembro tudo. É preciso destruir o que tiver gosto de passado. Feito sua pessoa.

CONSELHEIRO — Eu lhe confundo de um jeito que nem adianta a viagem. A vivença também parece que não lhe vale, porque pra certa gente seu olho é cego.

A CABEÇA — Professor, que entre para os autos: este cidadão assinou o próprio atestado de óbito.

CONSELHEIRO — Então solte seu bando de cidadãos que eu solto o meu de homens e mulheres.

A CABEÇA — Eu tenho exército, meu filho!

AJUDANTE — Milícia armada!

CONSELHEIRO — Quem perder vai ao paraíso; quem vencer carrega os mortos!

CENA 28

(A Cabeça, a partir de agora com um tapa-olho, e dois Assistentes fitam uma grande fornalha. Numa placa imensa atrás deles está escrito: SOLENIDADE PARA A ELIMINAÇÃO DE TODOS OS ARQUIVOS REFERENTES À ESCRAVIDÃO NO BRASIL.)

A CABEÇA — Tragam Custódio. Ele precisa ver sumirem as marcas da tristeza.

CENA 29

(O Coronel, sentado na poltrona de sua ampla sala de fazenda, ouve a admoestação da Cabeça.)

A CABEÇA — Coronel, desculpe lhe dizer, mas o senhor não fraudou direito essas eleições. Quem é Tenório?

CENA 30

(Na ponta de uma grande mesa, o Organizador tira o último voto de uma caixinha.)

ORGANIZADOR — O partido decide por unanimidade que a cabeça será candidata à presidência. Parabéns a todos!

(Os Partidários levantam-se e batem palmas em direção à Cabeça.)

CENA 31

(Conchita, vestida de noiva, e a Cabeça, em roupas de gala, posam para um Fotógrafo. Ela segura a mão do boneco, que tem no dedo o anel de casamento.)

FOTÓGRAFO — Fala alguma coisa bonita pra ela. Aí eu disparo.

(O Fotógrafo ajeita a lente da câmera e mira.)

FOTÓGRAFO — Um, dois/

A CABEÇA — Eu odeio Getúlio Vargas!

(Conchita ri, falsamente. Um flash espoca, encandecendo os dois.)

CENA 32

(Militares — entre eles, a Cabeça — confabulam ao redor de um grande mapa mostrando o campo de batalha.)

A CABEÇA — Veja bem, eu até compreendo a ideia de combater o fascismo. Mas tem de ser um exercício meramente intelectual.

CENA 33

(A Cabeça tenta ajeitar o tapa-olho, que está levemente fora do lugar. Conchita ensaia diante de uma partitura, soltando um longuíssimo agudo. Ouve-se um tiro ao longe.)

CONCHITA — Quebrei outra janela?

A CABEÇA — Foi tiro, Conchita. E veio do Catete!

CENA 34

(Conchita empurra a cadeira de rodas da Cabeça na passeata. Ao lado deles, Manifestantes empunham cartazes onde se pode ler: PELO FIM DA CORRUPÇÃO; A MORAL VEM DE DEUS; XÔ, COMUNISTAS.)

A CABEÇA — Que é que está achando?

CONCHITA — Puro esgoto. Odiei.

CENA 35

(Conchita, sonolenta, deita-se na cama e se cobre, enquanto a Cabeça berra.)

A CABEÇA — Conchita, eu tenho certeza que eu vi um corrupto se escondendo embaixo da cama!

CENA 36

(Conchita ergue a mala e vai em direção à porta da casa. A Cabeça está de costas para ela.)

CONCHITA — Chore.

A CABEÇA — Não.

CENA 37

(O Interrogador, desatento, apontando um lápis, e a Cabeça estão atrás de uma mesa.)

A CABEÇA — Tragam a terrorista!

(As portas se abrem e surgem dois Guardas, que carregam Conchita, macilenta, em trajes rasgados. Ela e a Cabeça se encaram.)

A CABEÇA — Chore. CONCHITA — Não.

CENA 38

(A Cabeça come um pedaço de bolo, enquanto gritos de dor reverberam pela sala. Uma luz intermitente provém dos outros cômodos.)

CENA 39

(A Cabeça e alguns Militares se reúnem ao redor de uma grande mesa.)

MILITAR A — E o Tomilho Mandrágora?

MILITAR B — Safenado. Não dura duas semanas.

MILITAR C — O Pécora Alabastro é um quadro!

MILITAR A — Outro comunista! Ontem mesmo a gente foi comer fora, e ele não pagou a conta.

MILITAR D — Eu tenho o melhor nome: Canhestro Calado.

MILITAR B — Já me disse que não quer.

MILITAR A — A pátria precisando é o bastante!

MILITAR B — A mulher tem gota.

MILITAR D — Não foi o que eu soube.

MILITAR C — E depois o Calado é um homem muito estúpido. Ele lê.

MILITAR A — Esgotaram-se os generais do Brasil. Chegamos a essa conclusão.

MILITAR B — Vamos baixar as patentes!

MILITAR D — Chame logo o lixeiro da rua, então!

MILITAR C — Todas as profissões são dignas!

MILITAR A — Agiotagem, por exemplo?

MILITAR C — Jogo do bicho, por exemplo?

A CABEÇA — Senhores, a situação está saindo do controle.

MILITAR B — O país é uma Brasília desgovernada.

A CABEÇA — Eu, a propósito, teria um nome.

MILITAR D — Um veículo de primeira qualidade!

A CABEÇA — Generais!

MILITAR B — Então eu fui o único que não ganhou esse carro?

A CABEÇA — Devo colaborar com uma proposta!

MILITAR C — Quando vocês quiseram defender o Geisel, eu disse: não!

A CABEÇA — Sem vacilações, vou surpreender a todos nesta sala!

MILITAR A — Retrospectivamente é fácil prever.

MILITAR B — Estive aqui avaliando que/

A CABEÇA — Eu sou o melhor nome pra assumir a presidência. E quem discorda é antipatriota, stalinista e incréu.

(Os Militares entreolham-se, considerando.)

MILITAR D — Esteve na guerra.

A CABEÇA — Até na do Paraguai.

MILITAR A — Trabalha pela nação há séculos!

A CABEÇA — E apesar de o Brasil ser cansativo, como todos sabem.

MILITAR B — Uma inteligência realmente fulgurante.

A CABEÇA — O epítome das Forças Armadas brasileiras.

MILITAR B — Mas, veja, não se pinta meio-fio com troféu.

MILITAR A — Por isso ele tem de estar num lugar de honra.

MILITAR B — A lama.

MILITAR C — O executivo nacional lá é cloaca. Vamos com o melhor!

MILITAR B — (à Cabeça) É caso de preservar sua reputação. Aliás, me agradeça.

A CABEÇA — Quando eu for presidente, você vai ser exilado como criminoso!

MILITAR D — Estou convencido!

MILITAR C — A surpresa é termos ignorado essa sumidade até agora.

MILITAR A — É que ele esteve recluso por um tempo.

A CABEÇA — Na verdade não.

MILITAR B — De quem é a fazenda que a construtora doou?

MILITAR C — A capital federal inteira está pensando que é sua.

A CABEÇA — Olhos no futuro, amigos.

MILITAR D — Por mim começamos a arquitetar a campanha hoje.

MILITAR A — “Uma cabeça pelo Brasil”!

A CABEÇA — Pode melhorar.

MILITAR D — “A cabeça do Brasil”!

MILITAR C — “O cabeça do Brasil”!

A CABEÇA — Não é obrigatório ter cabeça.

(Entra o Fantasma do Professor, na verdade o Pavão, e ronda a mesa. A Cabeça o vê e se assusta.)

MILITAR A — “Com o Brasil da cabeça aos pés”!

MILITAR B — Pelo amor de Deus, general!

MILITAR D — (rindo) “Tiradentes pra presidentes”!

MILITAR B — Está na hora de contratar um profissional da propaganda.

MILITAR A — É tudo tão ruim que o candidato até empalideceu.

MILITAR C — “O cabeça do Brasil” tem certo vigor militar! Não descartaria.

MILITAR D — É assim que se referem ao chefe do Estado comunista na União Soviética.

MILITAR B — Vamos ficar no que nos concerne mais propriamente: arma e dinheiro.

A CABEÇA — Professor Eurípides Tupinambá, cadê os dobrões de ouro que eu lhe emprestei em 1798?

(O Fantasma sorri, balançando a cabeça negativamente.)

A CABEÇA — Ponha os juros. Contabilize todos os juros!

MILITAR A — Que memória!

A CABEÇA — Volte pro sepulcro!

(O Fantasma se aproxima.)

MILITAR D — Já fala como presidente!

A CABEÇA — O seu plano carnicheiro foi inútil!

MILITAR C — Estamos só numa confabulação prévia!

MILITAR B — Ninguém aqui está percebendo?

A CABEÇA — Não toque em mim! Tropas! Tropas!

(O Fantasma cospe na careca do Militar D.)

MILITAR D — (limpando o cuspe, à Cabeça) Como é que o senhor faz isso num apoiador de primeira hora?

A CABEÇA — Foi esse demônio! Fora daqui, pústula!

MILITAR A — Botem o louco na reserva!

A CABEÇA — Professor, você está morto!

MILITAR C — Com uma aposentadoria generosa que é pro Exército não ser processado!

A CABEÇA — Por favor, o senhor está morto! Eu imploro!

MILITAR B — Eu avisei. É um comunista!

(A Cabeça chora alto. O Fantasma sai.)

MILITAR D — Faço questão de lhe enxotar pessoalmente.

(O Militar D empurra para fora a cadeira de rodas, que desaparece desgovernada.)

CENA 40

(A Cabeça está diante de três Jovens.)

A CABEÇA — A bomba tem que explodir quando eles estiverem saindo do show. Compreenderam?

CENA 41

(A Cabeça defronta-se com vários Repórteres, que estão de microfone em punho.)

A CABEÇA — Meu imorredouro agradecimento ao presidente por esse ministério.

CENA 42

(A Cabeça defronta-se com vários Repórteres, que estão de microfone em punho.)

A CABEÇA — Deposição constitucional!

CENA 43

(A Cabeça defronta-se com vários Repórteres, que estão de microfone em punho.)

A CABEÇA — Meu imorredouro agradecimento ao presidente por esse ministério.

CENA 44

(A Cabeça defronta-se com vários Repórteres, que estão de microfone em punho.)

A CABEÇA — Meu imorredouro agradecimento ao presidente por esse ministério.

CENA 45

(A Cabeça defronta-se com vários Repórteres, que estão de microfone em punho.) A CABEÇA — Meu imorredouro agradecimento à presidenta por esse ministério.

CENA 46

(A Cabeça defronta-se com vários Repórteres, que estão de microfone em punho.)

A CABEÇA — Deposição constitucional!

CENA 47

(A Cabeça defronta-se com vários Repórteres, que estão de microfone em punho.)

A CABEÇA — Meu imorredouro agradecimento ao presidente por esse ministério.

CENA 48

(Dentro do helicóptero — enquanto lá fora giram hélices ensurdecedoras —, a Cabeça confabula com um Político.)

A CABEÇA — (olhando para baixo) Se a gente desalojar esse povo, debaixo da terra é tudo cloroquina.

CENA 49

(Eletrodos descendem da Cabeça e se ligam a vários celulares sobre uma bancada. A Cabeça, cigarro cheio de cinzas penduradas na ponta dos lábios, fala para uma tela de computador.)

A CABEÇA — Porque não há quem traga à luz uma única prova robusta de que a Terra não é plana. Nenhuma! Nem Sir Isaac Newton, que é um farsante plagiador, nem Einstein, cuja teoria fracassou em todos os quesitos, nem o pulha do Carl Sagan, um macaco de auditório muito bem treinado pela Nasa. Não é? E o motivo é simples: a planicidade do mundo terrestre é assunto de complexidade tal que as maiores mentes da humanidade — e estou falando das maiores, não desses idiotas famosos — levantaram, veja bem, as maiores mentes da humanidade levantaram ao longo de tantos séculos dúvidas vigorosas sobre o consenso científico, mostrando como o senso comum dos que se acham a elite acadêmica se sustenta, não é?, sobre bases muitíssimos fracas, muito débeis e, em essência, corruptas, não é? Para reverter esse cenário dantesco, com o perdão à referência a Dante, que era um verdadeiro gênio, temos que quebrar a espinha dorsal das universidades. Isso se faz com perseguição. Contemporizar é tudo o que eles querem e precisam. Assim, nosso trabalho é esmagar reputações como a gente puder e de todas as formas. Nada de debater ideias; arruinar pessoas! Essa é minha plataforma de governo, compreendeu? Qualquer imbecil sabe meu número decorado.

CENA 50

*(De um trio elétrico, a Cabeça, cercada pelos Corre-
ligionários, discursa para um gigantesco séquito de
Apoiadores, homens e mulheres, armados.)*

A CABEÇA — E mancomunadas com os jornais! Hienas cadavé-
ricas! Complô!

(Os Apoiadores se agitam.)

A CABEÇA — Meu sangue puro jamais vai jorrar por essas larvas
medonhas!

*(Enquanto vibram, Apoiadores batem o pé na rua ao
mesmo tempo, numa repetição militar.)*

A CABEÇA — Desejam minha morte impossível! Inferno de soli-
dão e desassossego! Mas eles não podem contra objetivos ele-
vados e inexpugnáveis! Eu tenho diante de mim, sempre tive, o
projeto da liberdade; meus adversários preferem a servidão!

(Gritos de apoio.)

A CABEÇA — Por isso o maior aglomerado urbano do país será
agraciado hoje com o início da autonomia integral, máxima! É o
fim dos interventores! Dissolução imediata do governo central!

CENA 51

(No salão da gerência, a Cabeça escuta atentamente o Assessor, que traz à mão um arquivo cheio de páginas. Na parede, que é toda ela a imensa bandeira do Brasil sem estrelas e deformada, um quadro mostra a Cabeça com a faixa presidencial; no tapa-olho está gravada a nova bandeira.)

ASSESSOR — (lendo) Quarenta e três mil, setecentos e vinte e cinco quilômetros, doze metros e alguns centímetros. É o consolidado.

A CABEÇA — Muito bem.

ASSESSOR — Guarnecido por mais de vinte mil homens ao longo do trajeto.

A CABEÇA — Eu dei dinheiro dos meus negócios a esses patifes pra isso!

ASSESSOR — É uma média.

A CABEÇA — Mande um ofício pra esses mercenários.

ASSESSOR — São seis metros de largura, dezoito de altura.

A CABEÇA — Diga que vou fuzilar todo mundo se deixarem um único daqueles esfaimados invadir as células austrais. E os lugares mais baixos?

ASSESSOR — Não chega a catorze.

A CABEÇA — Pois escreva logo! A situação é crítica.

ASSESSOR — As falsificações de salvo-conduto estão perto de zero, gestor.

A CABEÇA — Me dê uma notícia boa, pelo menos!

ASSESSOR — Faltam só três quilômetros quadrados pra cimentar o restante do matagal imprestável!

A CABEÇA — Não gosto dos seus conceitos exóticos. Adeus.

ASSESSOR — Meus filhos podem presenciar?

A CABEÇA — Não.

(O Assessor, arrasado, deixa o arquivo sobre a mesa e sai. De imediato entra Outro Assessor, que pega os papéis.)

OUTRO ASSESSOR — Onde paramos?

A CABEÇA — Quando você saiu pra ser enforcado.

OUTRO ASSESSOR — Ah, lembrei. Tutu morreu.

A CABEÇA — Não tenho tempo para códigos.

OUTRO ASSESSOR — O último que pertencia às células gestoras.

A CABEÇA — Espero que seja bicho das águas.

OUTRO ASSESSOR — E é.

A CABEÇA — A garrafa está atrás da mesa.

(O Outro Assessor revela, de detrás da mesa, duas taças e a garrafa de champanhe enfiada num balde de gelo; tenta, atabalhoadamente, abri-la.)

A CABEÇA — Por que é que lhe contrataram se você é um estúpido também?

OUTRO ASSESSOR — Eu incendiei o que tinha sobrado de gramíneas nas células setentrionais!

A CABEÇA — Mérito nenhum!

(A rolha estoura. O Outro Assessor despeja o líquido na taça.)

OUTRO ASSESSOR — Eu negocio fitossanitários!

A CABEÇA — Tintim.

OUTRO ASSESSOR — Tintim.

(O Outro Assessor serve champanhe na boca da Cabeça.)

A CABEÇA — Mas naturais?

OUTRO ASSESSOR — Transgressores.

A CABEÇA — Menos mal. Cabeças não?

OUTRO ASSESSOR — Crio. Mas são só cem milhões.

A CABEÇA — É de baixo que se começa. Continue.

OUTRO ASSESSOR — (pegando a papelada) Há rumores de que o preço dos insumos mais elementares vai subir.

A CABEÇA — Safra é assim.

OUTRO ASSESSOR — (lendo) Além disso, o trabalho voluntário nas nossas dependências aumentou mil por cento no último mês.

A CABEÇA — As pessoas não têm brios. Fazem tudo por um prato de comida. Mas isso não interessa.

OUTRO ASSESSOR — Parece que o senhor quer saber mesmo é das bombas.

A CABEÇA — Claro.

OUTRO ASSESSOR — (folheando) Pelo que estou vendo, já foram

colocadas em todas as grandes conurbações do antigo território. A partir das maiores geramos um efeito cascata.

A CABEÇA — Traga o detonador.

OUTRO ASSESSOR — Talvez esteja numas das gavetas?

(O Outro Assessor revira as gavetas.)

OUTRO ASSESSOR — Onde será que eu esqueci?

*(arremessando o conteúdo para longe)
Papéis de 1502! De 1685!*

A CABEÇA — (ríspido) Por obséquio, pare tudo o que está fazendo e repita o seu cargo.

OUTRO ASSESSOR — Assessor especial da Gerência das Células Diversificadas, lotado na DJ-A3 e estruturado em comissão com remuneração H7.

A CABEÇA — Boa memória. Chame o próximo.

OUTRO ASSESSOR — Eu também, por favor, sou versado em ciências incompreensíveis no estrangeiro!

A CABEÇA — Uma absoluta invenção, eu suponho.

(O Outro Assessor hesita, arrependido.)

A CABEÇA — A verdade vos libertará!

OUTRO ASSESSOR — Concluído do início ao fim. A

CABEÇA — (gritando para fora) Esquartejamento!

(O Outro Assessor sai, desesperado. Entra, dessa vez, uma Assessora com o detonador nas mãos.)

ASSESSORA — (apertando o botão) Célula 67XD-4F!

A CABEÇA — Bravo!

ASSESSORA — (apertando o botão) Célula 92BT-8Y!

A CABEÇA — Excelente!

ASSESSORA — (apertando o botão) Célula 71WV-3P!

A CABEÇA — Maravilhoso!

ASSESSORA — (apertando o botão) Célula 53QL-2A!

A CABEÇA — Incrível! Muito bom!

ASSESSORA — (apertando o botão) Célula 12EJ-7G!

A CABEÇA — Mais! Mais! Mais!

ASSESSORA — Quase tudo já se foi?

A CABEÇA — Não quero comoção pública. Primeiro é preciso saborear o cheiro de pólvora, o odor da poeira de tudo o que foi pelos ares.

ASSESSORA — Qual a sensação?

A CABEÇA — Você, mais até do que eu, deveria saber. Adeus.

(Circumspecta, a Assessora põe o detonador sobre a mesa e sai. Entra a Outra Assessora.)

OUTRA ASSESSORA — O cheiro de gente queimada lhe incomoda? Quer que eu feche a janela?

A CABEÇA — Pólvora, gasolina e carne assada: perfumes da divindade. Amém?

OUTRA ASSESSORA — Amém!

(Ela folheia o arquivo.)

OUTRA ASSESSORA — Agora é a Célula 49VU-6R?

A CABEÇA — Estou com sede! Champanhe, vassala!

OUTRA ASSESSORA — Um homem de Deus não bebe. Ímpio!

A CABEÇA — Venha aqui. Bote a mão no bolso interno do meu terno.

OUTRA ASSESSORA — Eu sou casada.

A CABEÇA — São dólares, tolinha.

OUTRA ASSESSORA — Dos nossos?

A CABEÇA — Ah, sua pútrida! Meu bolso queima se guardar moeda nacional.

OUTRA ASSESSORA — (retirando um grosso bolo de notas) Quanto?

A CABEÇA — Pegue o detonador com uma mão; o dinheiro com a outra. Jogue as notas pra cima e aperte o botão. Aperte, aperte, aperte!

(Antes de obedecê-lo, a Outra Assessora faz suspense.)

OUTRA ASSESSORA — Devo?

A CABEÇA — Já!

OUTRA ASSESSORA — E as pessoas que fazem sexo com metralhadoras?

A CABEÇA — Comi!

(Os dois gargalham e continuam se divertindo, extasia-

dos, histriônicos, explosivos.)

OUTRA ASSESSORA — E a paz?

A CABEÇA — Comi!

OUTRA ASSESSORA — E a guerra?

A CABEÇA — Comi!

OUTRA ASSESSORA — O silêncio/

A CABEÇA — Comi!

OUTRA ASSESSORA — A dor de cabeça/

A CABEÇA — Comi!

OUTRA ASSESSORA — O medo da morte/

A CABEÇA — Não comi.

(Ela aperta o maço de notas e joga para cima o detonador, que, ao cair, rola pelo chão e faz tudo explodir. A Outra Assessora é jogada com o impacto; a cadeira de rodas desloca-se. O mundo chacoalha num salão presidencial que se transformou em destroços.)

A CABEÇA — É agora?

(Partes do teto desabam. A Outra Assessora, desviando dos escombros, vai à mesa e folheia o que sobrou da pasta.)

OUTRA ASSESSORA — (folheando) Demora três dias pra se despregar inteiro da América do Sul e deslizar pro fundo.

(Gritaria lá fora. Pedras e paus são arremessados pela janela. A Outra Assessora corre para ver, escondida.)

OUTRA ASSESSORA — Zumbi!

A CABEÇA — Compre armas! Atire na cabeça!

OUTRA ASSESSORA — (olhando para fora) O dos Palmares.

A CABEÇA — Ora, nunca existiu!

OUTRA ASSESSORA — (olhando para fora) E está acompanhado de Luís Gama!

A CABEÇA — Quem?

OUTRA ASSESSORA — (olhando para fora) Daqui a pouco o senhor vai ter a chance de se apresentar a ele!

A CABEÇA — Ninguém mais entra. Eu é que saio pras minhas propriedades em Cintra.

OUTRA ASSESSORA — (olhando para fora) Muitos animais! As árvores andam!

A CABEÇA — Motosserra!

OUTRA ASSESSORA — (olhando para fora) E pessoas, uma multidão, legiões e legiões!

A CABEÇA — Balas nesses vândalos!

OUTRA ASSESSORA — Conseguiram entrar! Cadê a garrafa?

(Em desespero, a Outra Assessora encontra a bebida num canto e bebe o que resta.)

A CABEÇA — É o champanhe presidencial! Bandida! Vomite de volta!

(A Outra Assessora se atira pela janela, gritando na queda. Outra explosão estoura a parede, furando a bandeira do Brasil; e a Cabeça se desatarraxa do corpo.)

Entram a Mulher de Bolsa, Conchita, Zumbi e o Professor — agora como Pavão —, plenos, tranquilos.)

PAVÃO — O senhor tem força no pé?

A CABEÇA — Conchita! Me salve! ZUMBI — Tenho.

BOLSA — Não.

(Zumbi faz menção de aproximar-se da Cabeça para chutá-la, mas a Mulher de Bolsa o retém.)

A CABEÇA — Professor, sua ajuda/ (à Mulher de Bolsa) Você! Você!

BOLSA — Então era isso desde o princípio?

A CABEÇA — Não. Eu fui mal interpretado. Ninguém compreendeu o que eu tinha a dizer.

ZUMBI — Agora estamos aqui. Como você queria.

A CABEÇA — Nunca desejei o que todo mundo imaginou. É tudo inverdade, navalha cega, traça.

BOLSA — Uma música bem bonita, por favor!

(Conchita começa a cantar.)

A CABEÇA — A paisagem conta a minha história. Eu venci: não sobrou nada! Este é o fim do Brasil!

(A Mulher de Bolsa se prepara para dar um chute na Cabeça.)

**A VERDADEIRA CANTORA CARECA, A BOMBA ATÔMICA E O
CONTADOR CHEGAM AO TERCEIRO MILÊNIO**
uma tragicomédia para exportação

PERSONAGENS:

- **A CANTORA CARECA**
- **MADAME FROSSARD**
- **FILÓSOFO COXO**
- **O CONTADOR**
- **GÊMEA A**
- **GÊMEA B**

O SOBRINHO

ATO UM

(Duas casas, duas salas. À esquerda, o Sobrinho olha pela janela enquanto segura um sino; à direita, o Filósofo Coxo observa a rua, alarmado.)

O FILÓSOFO COXO — (para dentro) São eles! Estão vindo!

(O Sobrinho, mudo, inexpressivo, toca o sino. Simultaneamente: à esquerda, surge, de dentro da casa, o Contador, com duas malas, e a Gêmea A, grávida, logo atrás; à direita, entram, também de dentro de sua residência, a Cantora Careca, mostrando uma mala ainda aberta, e Madame Frossard, na cadeira de rodas, conferindo uma bolsinha. As conversas se intercalam.)

A CANTORA CARECA — E se eu cantasse pra eles?

MADAME FROSSARD — Mas você é careca!

O FILÓSOFO COXO — Alopecia!

GÊMEA A — Os nossos passaportes!

O CONTADOR — Que passaportes? A gente vai pra outro bairro!

(A Gêmea A sai. O Contador tira uma garrafinha de uísque do bolso e bebe.)

A CANTORA CARECA — (cavoucando a mala) O papai!

(Ela corre para dentro. O Contador abre as duas malas e começa a procurar.)

O FILÓSOFO COXO — (olhando para fora) Ao que parece, houve um esgarçamento total nas forças de segurança estatais!

MADAME FROSSARD — Deixa o velho aí pra assustar esse povo!

A CANTORA CARECA — (de dentro) Achei!

(A Gêmea B, também grávida, completamente diferente da Gêmea A, aparece na casa da esquerda.)

GÊMEA B — Achei! O grampeador estava dentro da geladeira, vocês acreditam?

O CONTADOR — Que geladeira? Meu Deus do céu!

(A Gêmea B joga o grampeador numa das malas; o Contador arruma um lugar para o objeto. A Cantora Careca volta, abraçada à urna funerária com as cinzas do pai.)

A CANTORA CARECA — Por que é que a senhora enfiou o papai no fundo da privada?

MADAME FROSSARD — Como é que você sabe que fui eu? Eu sou uma inválida!

O FILÓSOFO COXO — (olhando para fora) Há a intensa probabilidade de que nossos esforços conduzam ao infinito nada da existência!

A CANTORA CARECA — Pois agora a senhora vai levar na mão!

MADAME FROSSARD — (apontando o Filósofo Coxo) E esse menino não faz nada?

(A Cantora Careca entrega a urna a Madame Frossard, que imediatamente a esconde longe da mala. A Cantora dá por falta de mais alguma coisa e sai. O Contador chega-se ao Sobrinho.)

O CONTADOR — Vá lá no quarto do titio! Traga as duas caixas que iam ficar em cima do guarda-roupa! Entendeu?

O FILÓSOFO COXO — Ontem mesmo, Madame, já forrei a mala

com/

(O Sobrinho confirma com a cabeça ao Contador e sai.)

GÊMEA B — Cadê a irmã?

O FILÓSOFO COXO — /A falsa sutileza das quatro figuras silogísticas, livro de profunda beleza assinado pelo königsberguiano/

O CONTADOR — Foi pegar os passaportes!

O FILÓSOFO COXO — /e, àquela altura também prussiano, Immanuel Kant, além dos Princípios da filosofia do direito, que veio da pena do próprio Georg/

(Enquanto o Filósofo Coxo monologa ainda à janela, Madame Frossard tira da bolsa uma pistolinha prateada e confere se está carregada.)

GÊMEA B — Esqueci o meu também!

O FILÓSOFO COXO — /Wilhelm/

O CONTADOR — Não!

(Madame Frossard treina a mira por um tempo. Depois guarda a arma. Acende um cigarro.)

O FILÓSOFO COXO — /Friedrich/

(A Gêmea B sai, correndo, antes que o Contador possa impedi-la. Imediatamente, a Gêmea A entra com um caderninho.)

GÊMEA A — (guardando numa mala) Achei meu diário da quinta série. O FILÓSOFO COXO — /Hegel!/

O CONTADOR — E os passaportes?

O FILÓSOFO COXO — /E alguns tratados iluministas,/

GÊMEA A — No dia 14 de maio de 2002, eu beijei o Pedrinho da oitava atrás da igreja. É verdade: os passaportes!

(Ela tenta sair, mas o Contador a segura pelo pulso. O Filósofo Coxo deambula durante a fala, encontra a urna funerária e devolve-a a Madame Frossard. Quando ele se distrai, ela esconde de novo.)

O CONTADOR — Não, por favor, olha: tem pistola, revólver, AK-47, granada, tanque de guerra. Sente o cheiro da pólvora! Deixa tudo pra trás.

O FILÓSOFO COXO — /especialmente os volumes doze e treze da enciclopédia de Diderot e D'Alembert.

(O Sobrinho entra com duas caixas de uísque. O Contador toma das mãos dele. Percebe de pronto que estão leves demais.)

O CONTADOR — Não eram essas! Terminem de arrumar!

(O Contador corre para dentro com as garrafas na mão. O Sobrinho e a Gêmea A ignoram as malas e vão à janela observar. Ele beija a testa dela. Madame Frossard conta as poucas notas de dinheiro que carrega consigo.)

GÊMEA A — Me abraça! (o Sobrinho abraça) Estou com medo. Se eles chegarem antes de a gente conseguir sair e você desencarnar e for para o plano espiritual, depois de ser todo furado de bala, quem sabe até castrado, (acariciando a barriga) eu juro que boto o nome dele em homenagem ao nosso cachorro!

(A Cantora Careca regressa, trazendo num cabide um vestido longo, cheio de brilhos e pérolas. Mede-o em si mesma, por cima da roupa.)

MADAME FROSSARD — Anda logo, ridícula!

A CANTORA CARECA — (ao Filósofo Coxo) Eu já contei? Já contei do Municipal?

O FILÓSOFO COXO — Já.

A CANTORA CARECA — E do Metropolitan?

O FILÓSOFO COXO — Já.

(O Filósofo Coxo nota, mais uma vez, a urna funerária escondida e devolve-a a Madame Frossard, que desiste e segura.)

A CANTORA CARECA — E da Staatsoper?

O FILÓSOFO COXO — Já.

A CANTORA CARECA — E do Teatro Colón?

O FILÓSOFO COXO — Bom, já.

(Madame Frossard perde a paciência, puxa o vestido das mãos dela e arremessa-o na mala.)

MADAME FROSSARD — Louca! O que é que tem pra contar? (ao Filósofo Coxo) Você. Feche. Leve. (à Cantora Careca) Você. Cale a boca. Me empurre.

(Rapidamente, o Filósofo Coxo pega a mala e acompanha a Cantora Careca, que conduz a cadeira de rodas de Madame Frossard.)

A CANTORA CARECA — (cantando) Estou triste, muito triste!

(Eles saem. O Contador volta com as garrafas de uísque.)

O CONTADOR — Um dia, um companheiro me disse: a gente tem que preservar a nossa única razão de viver. Não estavam em cima do guarda-roupa.

(Ele põe uma garrafa em cada mala.)

O CONTADOR — Ela ainda não voltou?

GÊMEA A — (olhando para fora) Não, mas o que é aquilo?

O CONTADOR — O fim!

(O Contador ergue as duas malas e sai. A Gêmea A toma a mão do Sobrinho e o carrega junto. Já na rua, afundados na confusão total, Madame Frossard, a Cantora Careca e o Filósofo Coxo quase correm em sentido contrário ao que vêm o Contador, a Gêmea A e o Sobrinho. As conversas se intercalam.)

MADAME FROSSARD — Mais pra frente tem um ponto de táxi!

O CONTADOR — Está vendo uma van?

A CANTORA CARECA — E a gente lá tem dinheiro pra táxi!

GÊMEA A — Quem?

MADAME FROSSARD — Trinta e cinco reais levam a gente pra onde? O CONTADOR — Uma van! Um carro!

O FILÓSOFO COXO — As senhoras não leem jornal? Não há carros de aluguel nessa parte da cidade! Fugiram todos!

GÊMEA A — Que carro?

MADAME FROSSARD — Ratos! Abutres! Mestres do capitalismo!

O CONTADOR — Um camarada dos tempos do futebol! Ele ficou de vir resgatar a gente!

O FILÓSOFO COXO — Tecnicamente, também estamos fugindo, Madame.

(Os grupos se cruzam. Madame Frossard reconhece o Contador, que, por sua vez, também se lembra dela, mas disfarça.)

MADAME FROSSARD — (à Cantora Careca) Você viu?

GÊMEA A — Ficou até sóbrio?

A CANTORA CARECA — Estou tentando achar pelo menos um ônibus nessa desgraça!

MADAME FROSSARD — O demônio morava perto de nós!

O CONTADOR — Cuide da sua vida!

A CANTORA CARECA — O demônio morreu.

GÊMEA A — (acariciando a barriga) Totó não pode se estressar!

(O Sobrinho apenas olha para o Contador, indignado.)

MADAME FROSSARD — Eu vi o demônio.

A CANTORA CARECA — Esclerosou!

O CONTADOR — Pois procure uma van. Uma van azul/

O FILÓSOFO COXO — A conversa está críptica entre as senhoras.

O CONTADOR — /com umas baratas pintadas na carroceria!

MADAME FROSSARD — (virando-se para enxergá-lo) Canalha! Miserável!

(As duas famílias somem e imediatamente reaparecem; agora em casas invertidas. À esquerda, o Filósofo Coxo observa a rua pela janela, como antes; na residência da direita, o Sobrinho aproxima-se do caixilho com um sino.)

O FILÓSOFO COXO — Madame Frossard! Madame Frossard!

(O Sobrinho toca o sino. De um lado, Madame Frossard entra carregando a mala no colo; do outro, o Contador, ainda sonolento, traz as bagagens — em cada axila, uma garrafa de uísque — e as coloca no centro da sala.)

O CONTADOR — Parece que colocaram pedra.

MADAME FROSSARD — Que é que você inventou de guardar dessa vez?

(O Filósofo Coxo pousa a mala no chão e abre-a. Daí transbordam muitos livros antigos e empoeirados. O Contador também abre a bagagem deles, e de cada uma escorrem vários pesos de porta. As conversas se intercalam.)

O CONTADOR — Estavam arrumadas ontem à noite!

O FILÓSOFO COXO — Que mais a senhora acha que eu ia fazer nessa vida senão acumular livros?

O CONTADOR — E nem tem tanta porta assim nessa casa.

MADAME FROSSARD — Vou buscar o álcool e o fósforo! O

FILÓSOFO COXO — Não! Quatro!

O CONTADOR — Escuta o titio: entra em todos os quartos, acorda as meninas e pega o que conseguir de roupa!

(O Sobrinho sai, às carreiras, ao passo que o Contador tenta se livrar de todos os pesos de porta jogando-os para dentro da casa. A Gêmea B aparece com um ralador de cozinha.)

MADAME FROSSARD — Dois!

GÊMEA B — Você desarrumou a mala!

(A Gêmea B coloca o ralador dentro da mala, em meio aos pesos de porta; ele tira. Madame Frossard acende um cigarro.)

O FILÓSOFO COXO — Três!

O CONTADOR — Um ralador de cozinha?

MADAME FROSSARD — Dois e meio!

GÊMEA B — Pra ralar.

O FILÓSOFO COXO — Jamais.

O CONTADOR — Agora você me diz pra mim: peso de porta?

MADAME FROSSARD — Cadê aquela ridícula?

GÊMEA B — Pra segurar as portas.

O FILÓSOFO COXO — Se é de mutilá-los perto, que fiquem íntegros longe.

O CONTADOR — A gente foge, foge, e vocês duas ainda não entenderam que é só o essencial?

MADAME FROSSARD — Três, então!

GÊMEA B — A gente não sabe pra onde vai. Lá pode ter muitas portas.

(O Filósofo Coxo tenta distribuir o máximo de livros dentro das calças. O que não consegue guardar deixa ao lado, despedindo-se com um beijo.)

GÊMEA B — (lembrando-se) Deixei o café no fogo!

(A Gêmea B sai; a Gêmea A entra logo em seguida com

um desentupidor de sanitário. A Cantora Careca traz pilhas de roupa, além de perucas, caderninho, porta-retratos, outros pertences da família, e vai arrumando tudo na mala com a ajuda do Filósofo Coxo. As conversas se intercalam.)

GÊMEA A — Minhas malas! Desarrumadas!

A CANTORA CARECA — Nunca vi tanta terra!

(À janela, Madame Frossard confere, cuidando para não ser vista pelos outros, se a pistolinha continua carregada.)

O CONTADOR — Onde é que você colocou as calças? E as calcinhas? E as meias?

A CANTORA CARECA — Parece até que enfiaram nossas roupas dentro de um vaso cheio de terra. Impregnou.

GÊMEA A — Joguei fora.

(A Cantora Careca sacode um vestido de festa, finíssimo. Cheira-o, nostálgica. Ao fim, mete-o na bagagem.)

MADAME FROSSARD — Deu um vento. E a terra subiu no quintal.

O CONTADOR — Que é que você fez?

O FILÓSOFO COXO — Não há terra num quintal cimentado, Madame.

GÊMEA A — Não era essencial.

MADAME FROSSARD — A verdade é que nunca pensei que o Geraldo fosse fazer tanta poeira.

(A Gêmea A guarda o desentupidor na mala. O Sobrinho entra com montes e montes de panos de chão que quase lhe cobrem o rosto. O Contador pega os trapos

sem acreditar. A Cantora Careca ergue-se, enfurecida.)

A CANTORA CARECA — (cantando) Mamãe!

O CONTADOR — Não é possível! (ao Sobrinho) Olhou tudo?

(O Sobrinho balança a cabeça em sinal positivo. Estático, ele continua com a pilha de andrajos, sem saber o que fazer.)

MADAME FROSSARD — Pra você é Madame Frossard!

(O Contador vai à janela. Volta, alarmado. A Cantora Careca chora, mas continua arrumando.)

O CONTADOR — (para dentro) Por favor, pelo amor de Deus! Nossas roupas! O FILÓSOFO COXO — Isso é uma agressão descomunal!

(Lá dentro apita uma chaleira.)

GÊMEA A — Chá de capim santo!

MADAME FROSSARD — Até morto esse homem dá trabalho, mas agora acabou o sofrimento.

(A Gêmea A sai; a B surge com passaportes.)

GÊMEA B — Pronto. Peguei os passaportes. Podemos ir.

O CONTADOR — É um complô contra mim!

(O Contador começa a enfiar todos os trapos dentro das malas; depois as garrafas. A Gêmea B ajuda.)

A CANTORA CARECA — A senhora é cruel. Mulher perversa! Sempre foi assim! (cantando)
Bruta! Maléfica!

GÊMEA B — (acariciando a barriga) Ui, Totó chutou!

MADAME FROSSARD — Me segurei décadas e décadas só por sua causa.

O CONTADOR — Já discutimos esse assunto! Isso é nome de bicho!

A CANTORA CARECA — Sumiu com a urna também? Teve pelo menos a decência?

GÊMEA B — Mas combinei com a irmã. Ela quer dar o nome no dela em homenagem ao cachorro. E eu, em sua homenagem!

MADAME FROSSARD — (tirando cédulas da bolsa) Agora a gente tem cento e trinta e cinco reais pra pegar o táxi! Ingrata!

(O Filósofo Coxo para diante de Madame Frossard, grave, e estende a ela um livro que tirou das calças.)

O FILÓSOFO COXO — (ralhando) Ética a Nicômaco!

(Tiros estouram na rua. Madame Frossard nem questiona e enfia o livro na bolsa.)

GÊMEA B — (acariciando) Chutou de novo!

O CONTADOR — Segura a criança.

(A Gêmea B reboca o Sobrinho pela mão. O Contador e a Cantora Careca, cada um em sua casa, fecham as malas de qualquer jeito — algumas coisas acabam ficando esquecidas. O Filósofo Coxo empurra a cadeira de Madame Frossard.)

MADAME FROSSARD — Vocês deviam estar furiosos é com esses marginais que põem a cidade inteira no bico da espingarda! Mas eu é que sou a ruim!

O CONTADOR — Totó precisa aprender a correr agora.

(A Cantora Careca com a mala e o Filósofo Coxo empurrando Madame Frossard abandonam a casa. O Contador com as duas malas, a Gêmea B e o Sobrinho também deixam sua residência para trás. Na rua, em meio ao caos completo, as famílias vêm em sentidos contrários, esbaforidas e distraídas uma da outra. Já estão no meio de algum assunto. As conversas se intercalam.)

O FILÓSOFO COXO — Mas uma debilidade motora perfeitamente observável me impede de ir mais rápido!

O CONTADOR — O mais longe possível!

MADAME FROSSARD — Eu digo isso para o seu bem.

GÊMEA B — Vou sentir saudade do gato.

A CANTORA CARECA — (a Madame Frossard) O macaco devia olhar o próprio rabo.

O CONTADOR — A gente liga outro na nova casa.

MADAME FROSSARD — Que rua é essa? Pra onde é que você está levando a gente, animal?

GÊMEA B — Casa nova? É pra onde a gente vai?

O FILÓSOFO COXO — Discutimos a rota de fuga previamente, Madame.

O CONTADOR — Vou comprar. Daqui uns dez anos. Já comecei a fazer uns bicos. (olhando para trás) Que silêncio!

MADAME FROSSARD — Quando eu morrer, parece mesmo que não vai sobrar nada de vocês: dois idiotas!

GÊMEA B — (acariciando a barriga) Totó precisa descansar urgentemente!

(O Sobrinho, a Gêmea B e o Contador param, e ela senta-se no meio-fio. Nesse momento, a Cantora Careca, Madame Frossard e o Filósofo Coxo quase trombam com eles. Madame reconhece instantaneamente o Contador, que também a percebe. De supetão, ele pega as malas e puxa a Gêmea B, com o Sobrinho, para longe. As conversas se intercalam.)

MADAME FROSSARD — É ele! É ele!

O CONTADOR — Chega. Acabou o descanso!

A CANTORA CARECA — Quem?

MADAME FROSSARD — Tratante!

GÊMEA B — Mas o Totó ainda está chutando.

MADAME FROSSARD — Bandido!

O CONTADOR — É vontade de fugir.

MADAME FROSSARD — Salafração!

GÊMEA B — Acho que aquela mulher estava falando com você.

(Madame Frossard tira a pistolinha de dentro da bolsa e atira várias vezes contra o Contador. Ele desvia, e nenhuma bala o acerta. Esquivando-se, o Sobrinho, a Gêmea B e o Contador somem, em disparada, de um lado.)

A CANTORA CARECA — Mamãe!

O FILÓSOFO COXO — Madame, pelo que meus órgãos sensoriais puderam depreender dos acontecimentos, a senhora não acertou nada, nem ninguém.

MADAME FROSSARD — Claro, você empurra muito mal a cadeira.

A CANTORA CARECA — Escuta aqui: eu proíbo a senhora de usar

arma!

MADAME FROSSARD — Cala a boca! Proíbe agora porque eu não acertei. Se ele tivesse morrido, você estava emocionada.

(A Cantora Careca, o Filósofo Coxo e Madame Frossard desaparecem do outro lado. De imediato, esta última, bolsinha no colo, reaparece agora na casa da direita, olhando a moradia da frente com muita curiosidade e agitação.)

MADAME FROSSARD — (para dentro) Terminaram?

A CANTORA CARECA — (de dentro) Quase. Ele está escolhendo o último livro.

MADAME FROSSARD — Ninguém saiu.

A CANTORA CARECA — (de dentro) Que foi?

MADAME FROSSARD — Uma tranquilidade assim total. Terminaram já?

O FILÓSOFO COXO — (de dentro) Heidegger!

(O Filósofo Coxo, carregando a mala, entra na sala, seguido da Cantora Careca. Ambos parecem já estar prontos para fugir.)

A CANTORA CARECA — E os remédios?

MADAME FROSSARD — (mostrando um maço de cigarros) Estão aqui/

(A Cantora Careca aproxima-se da mãe para levá-la, mas Madame Frossard puxa-a pelo braço.)

MADAME FROSSARD — Olha: parece que todo mundo morreu lá dentro.

A CANTORA CARECA — Eu não me interesso por gente ruim, mãe. Eu sou superior. Sou uma estrela.

MADAME FROSSARD — Exatamente. Você não é uma estrela. Isso precisa ficar muito claro. E quem é o responsável? Afora a sua falta de talento!

O FILÓSOFO COXO — Senhoras, o tempo, que não é matéria mas puro estado do sonho, vai nos devorar. Talvez literalmente. Vamos!

MADAME FROSSARD — Nós estamos completamente falidas. E você, logo você, perdeu, e continua perdendo, todas as oportunidades de vingança/

A CANTORA CARECA — Que mesquinharia!

MADAME FROSSARD — Me desculpe! Justiça! Não dá pra comprar cigarro com sangue de estelionatário. Mas dá pra infernizar.

O FILÓSOFO COXO — Não agora!

MADAME FROSSARD — Capaz de terem saído mais cedo e deixado tudo pra trás. A gente consegue recuperar uns dois ou três tostões num vaso, numa faca, numa roupa.

O FILÓSOFO COXO — O rapaz é o dobro do meu tamanho!

A CANTORA CARECA — Eu lá quero vestido desses cafonas!

MADAME FROSSARD — Pois fiquem esperando a morte. Eu vou até lá.

A CANTORA CARECA — De jeito nenhum!

(Madame Frossard gira a cadeira para sair. A Cantora Careca fica na frente, impedindo.)

A CANTORA CARECA — Está me ouvindo?

(Madame Frossard tira a pistola de dentro da bolsa e a aponta para ela.)

MADAME FROSSARD — Sai da frente! Está carregada!

A CANTORA CARECA — Madame Frossard!

MADAME FROSSARD — Agora!

A CANTORA CARECA — (liberando a passagem) Deixa de ser doída!

(A Cantora Careca lança um agudo imenso que ecoa no instante em que Madame Frossard sai, empurrando a própria cadeira.)

O FILÓSOFO COXO — Atentado descabido contra a própria vida! Já é possível ouvir os tiros de longe. Desta vez sucumbiremos!

(A Cantora Careca e o Filósofo Coxo acompanham a mais velha. Madame Frossard reaparece na casa vizinha; os outros vêm logo atrás. Eles reparam em tudo, ainda se ambientando. A cadeirante fuça o que pode; já a Cantora Careca está visivelmente com nojo.)

A CANTORA CARECA — A gente já viu o que tinha de ver.

MADAME FROSSARD — Recolham tudo o que vocês puderem. Vamos lavar a burra às custas desses trombadinhas!

O FILÓSOFO COXO — Como se suspeitava, não existe um único item de valor, nem factível de transporte. Estamos aqui só perdendo tempo.

A CANTORA CARECA — Ouviu a pessoa com discernimento?

(A cadeira de Madame Frossard se dirige para o quintal.)

MADAME FROSSARD — Sirvam pelo menos pra me dar uma mão

que aqui tem um batente.

A CANTORA CARECA — Só ajudo se for pra lhe levar embora.

MADAME FROSSARD — Pois então fique aí que eu me viro.

(O Filósofo Coxo ajuda e sai com ela para o quintal.)

O FILÓSOFO COXO — (à Cantora Careca) O confronto deve ser evitado quando se lida com os ferrenhamente obstinados.

MADAME FROSSARD — Minha audição ainda é boa!

(Os três chegam ao quintal. Lá há um imenso contêiner com a porta metálica entreaberta.)

MADAME FROSSARD — Um cofre!

A CANTORA CARECA — Dá pra sentir a fedentina daqui.

MADAME FROSSARD — É disfarce.

A CANTORA CARECA — É um contêiner.

O FILÓSOFO COXO — Só porque estamos perto do porto: um cemitério! E a porta está aberta.

MADAME FROSSARD — Muito cuidado na hora de me empurrar pra dentro.

A CANTORA CARECA — Não! A gente vai é sair daqui. Sabe-se lá o que é que tem nessa imundície.

MADAME FROSSARD — (ao Filósofo Coxo) Rápido, por favor.

O FILÓSOFO COXO — Madame!

MADAME FROSSARD — Eu vou nem que seja me rastejando. Empurre.

(O Filósofo Coxo e a Cantora Careca se entreolham. Ele escancara a porta e vai empurrando Madame Frossard lentamente para dentro.)

A CANTORA CARECA — Uma lixeira gigante! Além de tudo, o homem ainda era acumulador!

MADAME FROSSARD — (ao Filósofo Coxo) Agiliza!

A CANTORA CARECA — Isso não é coisa de gente sã. Vai ser internada no asilo de velhinhas.

MADAME FROSSARD — Tenha vergonha! De alma eu sou mais nova do que você. E estou tentando salvar nossa família!

A CANTORA CARECA — Isso é destruição!

(Entram no contêiner: uma espécie de sala, com pequena mesa e banquinhos, calendário de 1982 na parede, duas portas improvisadas. Parece vazio e abandonado. Os três examinam o lugar.)

O FILÓSOFO COXO — (à Cantora Careca) Com licença, a senhora certamente não vai gostar do que eu tenho a dizer, mas preciso expressar minha análise sobre as condições atuais/

MADAME FROSSARD — Diga logo.

O FILÓSOFO COXO — As aparências são de um auspicioso abandono/

A CANTORA CARECA — Não! Outro maluco! Estou cercada de pirados!

MADAME FROSSARD — Puxou a mim! Gênio!

O FILÓSOFO COXO — Só enquanto eles brigam mais agudamente lá fora.

A CANTORA CARECA — Bom, então pra sempre. E como é que a

gente sai depois?

MADAME FROSSARD — Ora, a gente dá um jeito. Como sempre. Tem pra mais de vinte anos, quase trinta, que nossa vida é dar um jeito.

O FILÓSOFO COXO — Confesso duas coisas: minha ideia é mesmo estapafúrdia/

MADAME FROSSARD — É linda!

O FILÓSOFO COXO — /Mas fui de todo acometido por indizíveis terror e tremor, enfim, pelo desespero existencial kierkegaardiano diante da morte.

(De um dos dois cômodos, o Contador sai e assusta-se com a presença inesperada. Madame Frossard tira a pistolinha da bolsa e mira contra ele.)

O CONTADOR — Amigas queridas! Que saudade eu estava de vocês!

MADAME FROSSARD — Um dia a gente ia poder acertar as contas, não é, canalha?

O CONTADOR — Estou meio sem condições no momento, mas para o ano prometo que pago tudo.

A CANTORA CARECA — Ninguém quer seu dinheiro, demônio!
MADAME FROSSARD — Eu quero, sim.

(A Gêmea A entra e não entende o que vê. Em seguida, surge o Sobrinho e afasta a grávida para trás de si.)

MADAME FROSSARD — Então quer dizer que tem uma família inteira de guabirus vivendo aqui nessa lataria?

GÊMEA A — (ao Contador) E você chamou dedetizadora?

(O Contador, titubeante, mete a mão no bolso da cal-

ça.)

MADAME FROSSARD — Levanta a mão!

O CONTADOR — Calma, amiga! Eu vou só umedecer a garganta!

(O Contador consegue tirar a garrafinha de uísque, bebe.)

MADAME FROSSARD — Passe pra cá!

O CONTADOR — Do Paraguai. Comprei parcelado. Ainda estou pagando.

(O Contador estende a garrafa, e o Filósofo Coxo transfere-a a Madame Frossard, que cheira antes de dar um grande gole.)

GÊMEA A — (ao Contador) Quem são eles?

O CONTADOR — Gente de altíssima categoria/

MADAME FROSSARD — O uísque é caro.

O CONTADOR — /mas que já está de saída porque não tem espaço pra todo mundo. (a Madame Frossard e à Cantora Careca) Como vocês podem ver!

A CANTORA CARECA — A gente não faz a menor questão de ficar nesse chiqueiro.

GÊMEA A — (a Madame Frossard) Onde foi que a senhora viu os ratos?

A CANTORA CARECA — Era só a vontade de que você/

MADAME FROSSARD — Sofresse!

O CONTADOR — Mesmo depois de tantos anos? Aquilo foi um desencontro sem importância! Achei até que vocês tivessem es-

quecido!

A CANTORA CARECA — Eu não costumo esquecer da fisionomia de quem destrói a minha vida.

(Tiros na rua. Carros zunindo.)

O FILÓSOFO COXO — A porta ficou aberta!

(O Contador lança um olhar furioso para a Gêmea A.)

GÊMEA A — Eu tive que subir pra pegar quatro cabides coloridos. Foi urgente.

O CONTADOR — (a Madame Frossard) A gente combina o seguinte: vou assinar dois cheques pré-datados pra daqui a dois anos.

(O Contador finge procurar o talão de cheques em todos os bolsos.)

O CONTADOR — (ao Sobrinho) Pega o talão pra mim, por gentileza!

GÊMEA A — (ao Sobrinho) Ainda preenchem cheque hoje em dia? (O Sobrinho dá de ombros, imóvel.)

O CONTADOR — Aí ficamos quites por essa e pela outra vida.

GÊMEA A — Todos nós vamos reencarnar!

A CANTORA CARECA — Pilantra, olha pra mim! Eu ainda guardo o álbum com as fotografias. Os vestidos já estão desbotando de tanta lavagem pra tirar o cheiro de naftalina. Sabia que os panfletos que eu paguei não têm um vinco, uma dobrinha? Choro todo dia doze de sete/

MADAME FROSSARD — Minha filha, aí já é humilhação demais! A CANTORA CARECA — Ele precisa saber.

(Mais tiros. Vozes altas na rua.)

O FILÓSOFO COXO — Estão entrando na casa! Vão chegar no quintal!

(O Sobrinho faz menção de sair para fechar a porta, mas o Contador o segura.)

O CONTADOR — Não! Elas já se apresentaram e estão com pressa!

GÊMEA A — Vocês não querem ver a cafeteira elétrica? Só estão faltando as cápsulas de café.

O FILÓSOFO COXO — (reza) Ave, Maria, gratia plena, Dominus tecum/

(Tiros e mais tiros na rua, e sempre mais próximos.)

A CANTORA CARECA — (vidrada) Depois que a gente raspou as contas do banco, pedi dinheiro emprestado à vizinha pra comprar as passagens do ônibus. Eu deveria ter notado logo aí, mas, jovem, esperançosa, ingênua como eu era/

MADAME FROSSARD — Burra mesmo!

A CANTORA CARECA — Mamãe! (ao Contador) Achei que você fosse me pegar na rodoviária, me levar pra passear na Paulista, conhecer os restaurantes caros da Oscar Freire! Eu era a atração principal!

O FILÓSOFO COXO — Uma outra hora/

A CANTORA CARECA — Mas eu só descobri quando a bilheteira do Municipal gargalhou na minha cara. Nenhuma linha nos jornais, em nenhum jornal. Nenhum cartaz também. Me senti massacrada. Pior: anônima. Sei nem como foi que eu voltei. Qual é teu nome de verdade?

O CONTADOR — Escuta: eu queria continuar ouvindo essa história bacana, mas é que vocês vieram me visitar num horário em que

eu estou bem ocupado. Se puderem fazer o favor de ir/

MADAME FROSSARD — Não!

A CANTORA CARECA — O que é que você fez com o nosso dinheiro? Crápula!

O FILÓSOFO COXO — Eu não sou niilista! Não sou! Eu tenho medo da morte! (ao Contador)
Senhor, a situação é periclitante!

O CONTADOR — Não admito vocês aqui! Fora!

*(Madame Frossard dá um tiro para cima. Todos estreme-
cem. Mais tiros, mais vozes lá fora.)*

MADAME FROSSARD — Admite! Claro que admite! (indicando o Filósofo Coxo) Você deve isso pra ele, que era uma criança e por causa do trauma, depois de grande, virou filósofo.

A CANTORA CARECA — Minha vontade era te esganar e te es-
quartejar, agora que estou remembering tudo! Parece que foi on-
tem!

O CONTADOR — Grandes acordos de paz da humanidade!

MADAME FROSSARD — E deve pra mim também, que fiquei mais
pobre do que já era.

A CANTORA CARECA — E a mim? A mim principalmente, que
desperdicei meu talento trabalhando pra sustentar uma mãe mo-
coronga e um filho alienado.

O FILÓSOFO COXO — Como? Se eu sou o único com valores
ilustrados dessa família!

A CANTORA CARECA — Eu nem deveria lhe dar esse privilégio
da minha presença. Só vamos fazer o esforço de ficar pra você se
redimir consigo mesmo!

(Mais vozes; agora passos reverberam. Eles ouvem os risos e se alarmam. O Contador fica calado, parado, encarando-as. O Sobrinho corre e lacra a porta por dentro. O volume das pegadas e das vozes diminui, embora continue audível. O rapaz volta e puxa um banco para se sentar.)

O CONTADOR — Então é assim: estou preso com a mulher que quer me matar a tiros e com a mulher que quer me matar esquartejado.

GÊMEA A — Ela vai enforcar antes.

A CANTORA CARECA — Onde é que vão ser os nossos aposentos?

O CONTADOR — Foi avisado que não tinha. Que durmam no salão.

MADAME FROSSARD — (apontando uma porta) Eu quero esse!

GÊMEA A — É a despensa.

(Madame Frossard guarda a pistolinha, vai até lá e, da porta, perscruta o interior.)

MADAME FROSSARD — Ótimo. Mais do que suficiente. E depois a gente controla os mantimentos, que é pra ninguém comer além do que deve nesse abrigo, a partir de hoje.

O CONTADOR — Quanto tempo é que esse suplício vai durar?

A CANTORA CARECA — (ao Contador, cantando) Vida bandida não compensa!

O CONTADOR — Mais baixo!

(Batidas nas paredes, golpes na porta, vozes inapreensíveis, tiros. Ninguém se mexe, esperando o pior. Silêncio por alguns instantes. Então, o contêiner chacoalha violentamente, e eles são arremessados de seus luga-

res.)

MADAME FROSSARD — Essa corja está tirando a gente do chão!

O CONTADOR — Descobriram o esconderijo por culpa de vocês!

O FILÓSOFO COXO — Nietzsche, valei-me nesta hora de precisão!

A CANTORA CARECA — (cantando) Eu avisei!

(O mundo inteiro balança.)

ATO DOIS

(O lugar tem ainda mais lixo por toda parte. O Contador e a Gêmea A trazem um cesto, estendem a cordinha e penduram duas ou três peças de roupa. Agora está traçada uma linha dividindo não apenas o espaço, mas até mesmo a mesa em duas metades iguais: um dos lados do esconderijo virou moradia da Cantora Careca e família, o outro do Contador e seus respectivos. O Sobrinho baixa-se para que o Filósofo Coxo lhe suba nos ombros e olhe para fora através do furo que o tiro de Madame Frossard deixou no teto. Deste momento em diante, o calendário perde suas folhas, periodicamente, sem ordem cronológica: às vezes, segue a 1996, depois volta a 1973, pula para 2002, mas nunca corre em direção ao futuro distante — ou não por enquanto.)

O FILÓSOFO COXO — Vi tudo. Pode descer.

(O Filósofo Coxo desce dos ombros do Sobrinho. O Contador puxa uma banquetta e senta-se, como se fosse assistir a um filme. A Gêmea A vai até a linha divisória.)

GÊMEA A — (alto, à despensa) Ele já desceu!

(Madame Frossard e a Cantora Careca entram, animadas. Esta última puxa um banquinho também. O Sobrinho senta-se no piso. A grávida se aninha em seu colo. O Filósofo Coxo pigarreia, inchando o peito, pronto ao discurso.)

O FILÓSOFO COXO — Senhoras e senhores,/

MADAME FROSSARD — Ah, meu Deus, lá vai!

O FILÓSOFO COXO — (ao Contador) O senhor me permite?

(O Filósofo Coxo aponta a metade do Contador no abrigo.)

O CONTADOR — Fique à vontade!

O FILÓSOFO COXO — Muito obrigado! (andando livre pelo abrigo) Senhoras e senhores, agradeço a presença em mais uma palestra descritiva sobre o modus operandi da organização criminosa/

O CONTADOR — Essa história aí de operandi ele criou hoje.

O FILÓSOFO COXO — /que nos mantém não diria presos,/

GÊMEA A — Quem é que está preso?

O FILÓSOFO COXO — /muito menos afirmaria encarcerados,/

A CANTORA CARECA — Mas eu estava no meio do meu treino de gargarejo.

O FILÓSOFO COXO — /jamais declararia enclausurados,/

MADAME FROSSARD — Ele acha que a gente gosta.

O FILÓSOFO COXO — /mas, antes de todos esses termos genéricos e fartamente empregados no universo exterior, podemos classificar que estamos, em verdade, subjugados por eles à rotina degradada das impossibilidades da linguagem,/

(A Gêmea A aplaude enfaticamente.)

GÊMEA A — Bravo! Bravo!

MADAME FROSSARD — (à Gêmea A) Não aplaude, senão ele só termina amanhã.

O FILÓSOFO COXO — Obrigado, obrigado! (pigarreia) /como bem nos ensinou Wittgenstein (tira um livro das calças) em seus portentosos tratados (tira outro livro das calças) que em certo sentido se vituperam mas não se anulam. Dessa maneira, diante da barbárie e do nefando que é a pura violência, há algo que apenas nos põe num estado de clarividente mudez. Simplesmente cala-

mos.

(O Filósofo Coxo faz uma pausa dramática.)

O CONTADOR — Cadê o que interessa?

O FILÓSOFO COXO — (continua) Mas ainda assim é preciso que brademos nossas vozes perante as iniquidades do mundo. E é exatamente isso a que procederei agora, de modo frontalmente corajoso, sucinto e simples.

(Tomada de súbita emoção, a Cantora Careca se levanta e canta o coro da música O Messias, de Georg Friedrich Händel.)

A CANTORA CARECA — Hallelujah! Hallelujah! Hallelujah! Hallelujah! Hallelujah!

MADAME FROSSARD — Dois loucos!

GÊMEA A — (acariciando a barriga) Totó se assustou, coitado. Agora está chorando.

O FILÓSOFO COXO — Pois bem: circunda essas faces jovens e macilentas não apenas um pesado armamento militar que só pôde chegar às mãos deles com convivência e intenso trabalho das autoridades estatais brasileiras, mas também uma aura de mascates,/

A CANTORA CARECA — Mascates?

O FILÓSOFO COXO — /desses que se aventuram em sabidos perigos para auferir lucros estupendos, o mais das vezes às custas da própria vida.

O CONTADOR — Uma perguntinha.

O FILÓSOFO COXO — Depois de concluir o raciocínio.

(O contêiner desliza de um lado a outro, no balanço do mar, e com ele as figuras escorregam também. Uma

garrafa vazia de uísque rola pelo assoalho.)

O FILÓSOFO COXO — Prosseguindo: seria melhor falar em verdadeiros marujos, lobos do mar cujas vozes ecoam as de seus antepassados em tempos imemoriais./

MADAME FROSSARD — Chega já em Pedro Álvares Cabral.

O FILÓSOFO COXO — /Diferem dos antigos, no entanto, apenas por seus métodos atualmente mais abrasivos. Porém abastecem cidades inteiras de preciosas especiarias, as quais, de sua vez, são responsáveis por alterar os fluxos vitais de quem as consome e são provenientes de lugares distantes e desconhecidos; mas, para isso, as figuras esqueléticas que operam a comercialização e a distribuição dos, digamos, condimentos têm de passar ao fio da navalha ou ao risco da baioneta/

A CANTORA CARECA — Baioneta nem existe.

O FILÓSOFO COXO — /as populações que, indefesas, simplórias, padecem do mais cruel destino devido a uma guerra insana e despropositada. Estas somos nós.

O CONTADOR — Uma perguntinha.

O FILÓSOFO COXO — Preciso concluir o raciocínio antes!

O CONTADOR — Ah, não acabou?

O FILÓSOFO COXO — Preste atenção. Como eu ia dizendo, descrevo o que vejo. E o que vejo são círculos ora concêntricos, ora intervalados que funcionam em esquema de profunda interconexão.

GÊMEA A — (sonolenta) Sobre o que é que ele está falando?

(A Gêmea A pega no sono no colo do Sobrinho.)

O CONTADOR — Não tenho a menor ideia. (ao Filósofo Coxo) Mestre, o círculo é do marujo ou do mascate? Não entendi um

pouco essa parte.

O FILÓSOFO COXO — Ou seja, a hierarquia desse organismo econômico, pois, sim, podemos chamar o que se passa a nossa volta de organismo e de econômico, produz um elemento que não deveria ser classificado de outra forma a não ser como complexo./

A CANTORA CARECA — Antes era simples e agora virou complexo?

O FILÓSOFO COXO — /porque, reparem, está às raias da própria implosão total, vedando ao bisbilhoteiro insolente ter completa ciência das relações que são tecidas internamente, e mesmo externamente, a essa empresa do crime./

(O Filósofo Coxo para sob o buraco, e de lá lentamente cai um pó branco na cabeça dele.)

O FILÓSOFO COXO — (ininterrupto) Por isso, após tantas considerações ponderadas sobre o assunto em tela, reafirmo o que reiteradamente tenho registrado durante todo o tempo em que estamos enfurnados neste latíbulo/

O CONTADOR — Quê?

O FILÓSOFO COXO — (pigarreia) /neste esconderijo: (muda de tom) continua todo mundo lá fora; não tem como sair.

(Mais uma vez, o contêiner desliza para um lado e depois para o outro, na dança do mar. A Gêmea A acorda, sobressaltada.)

GÊMEA A — A gente já pode sair?

MADAME FROSSARD — Duas horas pra ouvir de novo tudo o que eu já sei. (à Cantora Careca) O menino está cheio de caspa! Tem que botar aquele veneno de rato!

A CANTORA CARECA — Gente inteligente tem caspa.

(O Filósofo Coxo passa a mão no cabelo e experimenta com a língua.)

O FILÓSOFO COXO — É pó! É pó!

A CANTORA CARECA — Pó!

O CONTADOR — É pó, Brasil!

GÊMEA A — (acariciando a barriga) Totó vai comer popó!

(Todos exultam. Sem perder tempo, a Cantora Careca sai para a despensa, e o Sobrinho corre para o quarto: ambos regressam com baldes e os colocam sob a cachoeira de pó. O Filósofo Coxo derrama o que pousou na cabeça e na roupa dentro do balde que a Cantora Careca trouxe. Então Madame Frossard segue à despensa também.)

MADAME FROSSARD — Ótimo! Até porque se acabou a farinha também. Nosso jantar vai ser caspa dos deuses!

A CANTORA CARECA — Que é que vocês estão com vontade de comer?

GÊMEA A — Bolinhos de pó empanados!

O CONTADOR — Panqueca de pó!

O FILÓSOFO COXO — Podendo escolher, eu diri/

A CANTORA CARECA — Pois hoje vou cozinhar pra todo mundo! Peguem os talheres, preparem a mesa!

GÊMEA A — Usei esse balde no banheiro!

(Madame Frossard volta com uma Bíblia e sua bolsa. O Sobrinho ajeita o balde de sua família, até mesmo ultrapassando um pouco a fronteira, para que nada cai fora dele.)

O CONTADOR — Rezar de novo? A décima vez só hoje.

MADAME FROSSARD — O único prazer de uma idosa doente! Partife!

A CANTORA CARECA — Mamãe, vá rezar ali no cantinho enquanto a gente prepara a mesa do banquete!

(Desafiadora, Madame Frossard, soltando uma risadinha irônica, acerca-se da mesa, abre a magra Bíblia aleatoriamente e arranca algumas páginas, com as quais faz um rolinho. Tira um isqueiro da bolsa e acende o cigarro improvisado.)

GÊMEA A — É caso de obsessão.

MADAME FROSSARD — Estou experimentando o Novo Testamento, porque o Antigo estava me dando uma coceira na goela. Não recomendo Deuteronômio.

A CANTORA CARECA — Eu tive um sonho noite passada.

(O Contador, sem ninguém reparar, transfere um tanto de pó do balde da Cantora Careca para o seu.)

O FILÓSOFO COXO — Fale mais sobre isso. De onde estiver, Freud escuta atentamente.

A CANTORA CARECA — Era assim: eu me apresentava durante horas, eles achavam meu canto divino/

O CONTADOR — Coitados!

A CANTORA CARECA — /e deixavam a gente ir embora! Nós éramos salvos pela arte e pela beleza da vida!

(Ouvem-se risadas vindo de fora. Eles silenciam brevemente, olhando para as paredes.)

MADAME FROSSARD — Arte lá salva ninguém. Nunca salvou. Só Jesus salva! (oferecendo o cigarro improvisado) Aliás, quer?

O CONTADOR — (olhando a parede) Parou!

(A Cantora Careca examina os baldes e percebe que há mais naquele da família do Contador.)

A CANTORA CARECA — Que foi que aconteceu aqui?

GÊMEA A — Vou pegar os pratos.

O CONTADOR — Você colocou o balde num lugar ruim.

(A Gêmea A faz menção de atravessar a fronteira em direção ao lado da Cantora Careca. As conversas se intercalam.)

MADAME FROSSARD — (à Gêmea A) Volte! Se você atravessar, eu lhe dou um tiro.

A CANTORA CARECA — Não estava assim antes. Vocês roubaram!

GÊMEA A — Sua autorização, por favor!

O CONTADOR — Síndrome de vítima!

MADAME FROSSARD — Hum, não.

A CANTORA CARECA — Dois segundos, dois segundos que eu viro as costas!

O FILÓSOFO COXO — (à Gêmea A) Eu pego.

(O Filósofo Coxo sai para a despensa.)

O CONTADOR — Acho melhor cada um cozinhar pra sua família.

(O Contador entrega o balde ao Sobrinho, que atraves-

sa a fronteira.)

MADAME FROSSARD — Volte agora!

(O Sobrinho para, hesitante. Volta para seu lado do abrigo.)

O CONTADOR — É pra cozinhar!

A CANTORA CARECA — Então estamos proibindo. A gente não aceita mais imigrante!

O CONTADOR — Não era esse o trato!

GÊMEA A — Que maldade! Tem criança com fome desse lado!

A CANTORA CARECA — O combinado não envolvia vocês rouba-rem nossa comida!

(O Filósofo Coxo traz os pratos, talheres e copos.)

O FILÓSOFO COXO — Os pratos!

(Ele e o Sobrinho põem a mesa para o jantar, cada um em seu lado.)

MADAME FROSSARD — Essa barriga deve ser outro golpe!

GÊMEA A — Cada um tem seu tempo de desabrochar.

O CONTADOR — Amigas queridas, vocês não estão sendo razoáveis. Como sempre.

A CANTORA CARECA — Dividam o pó igual, então.

O CONTADOR — São seis aqui; e só três aí.

MADAME FROSSARD — Não sabe nem contar mais.

(A Gêmea A lembra-se de alguma coisa e sai para o

quarto.)

O CONTADOR — Claro que estou certo. Eu sou contador.

A CANTORA CARECA — O larápio aposentado pelo INSS. Quero ver.

O CONTADOR — Não. Eu conto dinheiro pra quem clona cartão. Esse é meu business agora. Os caras me contrataram quando eu virei coach.

MADAME FROSSARD — Mas continua pobre e enrolão.

O CONTADOR — (olhando para dentro) Minha prova está vindo aí.

(O contêiner desliza para um lado e para o outro, no balanço do mar. A Gêmea B entra e assusta-se com a quantidade de pessoas.)

MADAME FROSSARD — Quem é essa criatura? GÊMEA B — Eu moro aqui. Quem são vocês?

O CONTADOR — Nem precisei chamar!

(O Contador e a Gêmea B trocam um beijinho miúdo.)

GÊMEA B — (acariciando a barriga, estendendo a mão) Totó: muito prazer.

A CANTORA CARECA — O seu nome é Totó?

GÊMEA B — Não. (apontando a barriga) O dele. Minha irmã gêmea e eu que escolhemos.

O FILÓSOFO COXO — Então duas mulheres gêmeas terão filhos de nomes iguais, mas de dois pais diferentes? É soberbamente fascinante!

MADAME FROSSARD — Você estava amarrada?

GÊMEA B — Me desculpem. Fui fazer café e me esqueci de apare-

cer na sala. A CANTORA CARECA — Por três anos?

O FILÓSOFO COXO — Dois, três meses e nove dias.

GÊMEA B — Estava procurando as cápsulas.

O FILÓSOFO COXO — Quanta obstinação!

GÊMEA B — Aí desisti da cafeteira nova. Depois fui atrás do pano, e depois do pó, e depois da água e depois do fogão. Mas não temos fogão. Lembrei agora que o fogareiro fica ali.

(A Gêmea B aponta a despensa.)

O CONTADOR — Querem tirar comida do Totó!

GÊMEA B — De qual?

O CONTADOR — De todos os Totós.

A CANTORA CARECA — Mentiroso!

O CONTADOR — Querem matar nossos Totós de fome.

MADAME FROSSARD — Depois que o uísque acabou, você ficou um porre ainda mais!

GÊMEA B — Por que essa ruindade?

(A Gêmea B começa a chorar e cai na banquetta. O Contador consola-a como pode, beija sua testa, limpa o rosto dela etc.)

A CANTORA CARECA — Também não é pra tanto. Passar raiva faz mal ao bebê. Ele vai nascer já com cara de viciado.

MADAME FROSSARD — Isso é choro de estelionatária! Eu reconheço de longe!

O CONTADOR — Ela só queria alimentar o filho.

O FILÓSOFO COXO — Vamos assinar logo o nosso tratado de paz de Vestfália, firmar de uma vez nosso acordo de Schengen. E acabar com essa agonia.

GÊMEA B — Não ouvi nada do que você falou, porque fiquei muito abalada. Preciso tomar uma xícara de café pra relaxar. Com licença.

(A Gêmea B sai para o quarto. Imediatamente a Gêmea A entra com uma flor artificial num jarrinho, que posiciona no centro da mesa.)

GÊMEA A — Agora sim: vida! (ao Contador) Não está pronto ainda?

O CONTADOR — A artista teve surtos de estrelismo. Ofendeu sua irmã.

A CANTORA CARECA — Eu só queria a partilha correta. Mas vocês têm seis bocas! Dois fetos!

MADAME FROSSARD — Não, senhora. O menino está em fase de crescimento. E eu como por três. Minha filha, ou a justiça ou nada.

O FILÓSOFO COXO — De cada um, segundo sua capacidade; a cada um, segundo suas necessidades.

MADAME FROSSARD — Você devia me defender. Eu tenho uma arma!

(Madame Frossard acende outro cigarro com as páginas da Bíblia.)

GÊMEA A — Será que a gente pode decidir quando já estiver preparado?

O FILÓSOFO COXO — Sugestão sensatíssima! Estamos todos morrendo de fome! A CANTORA CARECA — Me passem o balde. Eu cozinho. Está decidido.

MADAME FROSSARD — Ridícula!

(O Sobrinho entrega o balde à Cantora Careca, que sai para a despensa. Ela imediatamente retorna com uma garrafa e seis bolinhas brancas numa travessa. Postam-se todos à mesa, mas cada família de seu lado da fronteira.)

MADAME FROSSARD — (à Cantora Careca) Nem parece minha filha: falta firmeza, pulso. Você cede por qualquer coisa.

A CANTORA CARECA — Seis bolinhos de pó. Dois pra cada grávida. E um gole de água salgada que eu bombeei hoje de manhã. Satisfeitos?

(A Cantora Careca distribui as bolinhas no prato de cada um. O Contador vai servindo a água. Madame Frossard, o Sobrinho e o Filósofo Coxo já começam a devorar — e cheirar.)

O CONTADOR — Faz tempo que a gente não come tão bem!

GÊMEA A — Ui! Totó chutou de emoção!

O FILÓSOFO COXO — Chame sua irmã pra compartilhar conosco esse momento de congregação universal das almas por meio do alimento.

O CONTADOR — Ainda tem espaço na mesa.

(A Gêmea A sai para o quarto. A Gêmea B entra, em seguida, com uma flor artificial num jarrinho.)

GÊMEA B — Quem foi que teve a mesma ideia que eu?

A CANTORA CARECA — Sua irmã.

GÊMEA B — Por que ela não está aqui? (para dentro) Irmã!

(A Gêmea B dá meia-volta e entra no quarto, sem que o

Contador consiga impedi-la. Agora a Gêmea A reaparece, sentando-se à mesa.)

GÊMEA A — Sumiu.

O CONTADOR — Ah, coma logo. O Totó não pode esperar.

(Todos comem, lambuzam-se; e o que escapa ou esfrela no prato esfregam na gengiva ou cheiram. O ambiente fica totalmente em silêncio, cortado apenas pelo barulho dos talheres. De fora, ouvem-se passos agitados, risadas, batidas nas paredes. O contêiner desliza de um lado para o outro, no balanço do mar, enquanto eles tentam segurar a louça que está sobre a mesa. Madame Frossard termina primeiro sua bolinha.)

MADAME FROSSARD — Engraçado: por que é que as gêmeas nunca estão juntas no mesmo lugar e ao mesmo tempo?

(Ela toma um gole d'água e deixa que se instale o desconforto entre os presentes.)

MADAME FROSSARD — Não é possível que, fora eu, todo mundo tenha resolvido deixar o cérebro no quintal quando entrou aqui.

O FILÓSOFO COXO — As deduções são cruéis, Madame.

O CONTADOR — É melhor a senhora não continuar.

MADAME FROSSARD — (à Gêmea A) Pilantra! Forjou uma irmã pra enganar a gente.

(A Gêmea A se ergue num salto e lança um grito de dor, enquanto segura a barriga.)

GÊMEA A — Vai nascer!

(Ela escorrega para trás da mesa, deitando-se bem na linha de frente. O Sobrinho e o Contador aproximam-se das pernas dela para fazer o parto.)

O CONTADOR — Me ajudem aqui, pelo amor de Deus! Podem passar! Estão autorizados!

(A Cantora Careca, Madame Frossard e até mesmo o Filósofo Coxo apinham-se sobre a Gêmea A. O Sobrinho, desorientado, pega uma das roupas estendidas e usa-a como toalha para enxugar o próprio suor. Ele segura a mão da esposa, que uiva de tanta dor.)

A CANTORA CARECA — Dá pra ver daqui. Parece que já está saindo.

MADAME FROSSARD — É uma cabeça imensa!

O CONTADOR — E está meio cinza. Ou é impressão?

O FILÓSOFO COXO — Não há relatos de um bebê com essa circunferência de crânio na historiografia médica. É algo de um ineditismo extraordinário!

MADAME FROSSARD — (ao Filósofo Coxo) É maior que a tua! A

CANTORA CARECA — Força! Mais um pouco!

MADAME FROSSARD — Vocês têm certeza que isso é gravidez?

A CANTORA CARECA — Vai! Empurra!

(A Gêmea A esforça-se mais. Explode ainda num outro grito. O Sobrinho espicha-se para ver o nascimento. De repente faz-se um silêncio sepulcral, sem choros de bebê. Ninguém se mexe. Tudo fica em suspenso por algum tempo até que Madame Frossard solta uma estrondosa gargalhada, afastando sua cadeira de rodas. O Contador sarrupia a roupa que está na mão do Sobrinho e limpa o recém-nascido. O Filósofo Coxo afasta o jarro do centro da mesa, liberando espaço para que o Contador coloque o que acabou de sair da barriga da Gêmea A: um walkman. Ele aperta um botão e a tampa

se abre.)

O CONTADOR — Está vazio.

MADAME FROSSARD — A menina parece que engravidou de um micro system.

(O Sobrinho toma a Gêmea A, já sem barriga, nos braços e a conduz ao quarto. O Contador abre a parte inferior do walkman e constata a presença de uma bateria. Madame Frossard acende outro cigarro bíblico.)

O CONTADOR — A senhora tem respeito por alguma coisa? (olhando o walkman) É à bateria.

MADAME FROSSARD — Me diga: por que é que não nasceu um rádio? Todo mundo ia aproveitar bem mais.

O FILÓSOFO COXO — Se a gestação de um walkman demorou quatro anos, a de um rádio ultrapassaria os dez tranquilamente.

A CANTORA CARECA — O silêncio também é a melhor música que existe. Um minuto que seja, por favor.

MADAME FROSSARD — (baforando) Ora, por quê? Ninguém morreu!

(O Sobrinho entra e desaba num banquinho. A Cantora Careca o abraça.)

A CANTORA CARECA — Olha: a gente vai encontrar um CD que ele consiga tocar sem saltar nem arranhar. E com muita música.

(Ela começa a cantar a Ária, das Bachianas Brasileiras nº 5, de Villa-Lobos. Retorna ao seu lado da fronteira.)

MADAME FROSSARD — No meu minuto de respeito, não!

A CANTORA CARECA — Isso é uma espécie de abraço pra quem está assim destruído, catatônico. Não diz uma palavra.

MADAME FROSSARD — Também nunca disse. Deve ser surdo.
(ao Contador) Ele é mudo?

O CONTADOR — É preguiça.

O FILÓSOFO COXO — (ao Contador) Se o senhor me permitir, gostaria de ir aos seus aposentos para conversar com a genitora, a fim de tentar compreender que fenômenos naturais ou mesmo filosóficos podem ter ocasionado fato de tão rara extração.

(O Contador larga o walkman na mesa e vai até a linha de fronteira.)

O CONTADOR — Antes a gente precisa resolver um problema prático. Em que parte da despensa vocês vão guardar a criança?

MADAME FROSSARD — Não funciona?

O CONTADOR — A molinha está com defeito.

O FILÓSOFO COXO — A adoção é uma decisão que compete aos pais do rebento. O senhor é apenas um parente.

O CONTADOR — Talvez. Mas, sabe, ele nasceu desse lado aí da fronteira/

MADAME FROSSARD — Que lorota! E a cara nem treme.

O CONTADOR — A superlotação estraga nosso prazer de viver.

A CANTORA CARECA — Você não sabe a dificuldade que é dar banho numa pessoa reclamando.

MADAME FROSSARD — Você quer me deixar suja!

O CONTADOR — Olhem pra questão humanitária.

O FILÓSOFO COXO — Mais apropriado seria o termo tecnológica.

MADAME FROSSARD — Fronteira não é nem um lado nem o outro. Esse inútil não tem pátria. Vamos abrir a porta e jogar lá fora!

O FILÓSOFO COXO — Dupla cidadania? Guarda compartilhada? Uns dias cá e outros lá.

O CONTADOR — Pois a gente resolveu entregar à adoção internacional.

A CANTORA CARECA — Eu não ouço CD tem quinze anos, porque a moda agora é vinil, embora eu também não ouça vinil, porque vinil é caro.

O CONTADOR — Mas ele vai atravessar a fronteira de qualquer jeito. A vida é assim mesmo. Nem sempre acontece como a gente quer. Se virem.

(O Contador pega o walkman e faz menção de arremessar do lado contrário.)

MADAME FROSSARD — Terrorista!

(Madame Frossard, o Filósofo Coxo e a Cantora Careca desviam-se. O Sobrinho levanta-se para tentar conter o Contador, mas não chega a tempo. O walkman espatifa-se no pavimento do abrigo. O Sobrinho cai de joelhos. A Gêmea B, sem barriga, entra com um walkman e fones de ouvido. Madame Frossard acende outro cigarro improvisado.)

O CONTADOR — Nasceu também?

GÊMEA B — (tirando os fones) Quê?

(O Filósofo Coxo e a Cantora Careca ajudam a recolher os restos do walkman. O Sobrinho chora, sempre calado, vendo a cena.)

O CONTADOR — Meu Totó funciona!

GÊMEA B — Por acaso, você nem acompanhou o parto.

MADAME FROSSARD — (baforando) Ora, minha filha, foi trabalhoso se livrar do sobrinho.

O CONTADOR — (puxando os fones) Agora a gente tem música!

GÊMEA B — Furacão 2000. A irmã disse que serviram o jantar.

O CONTADOR — É que deu um problema intestinal nela.

(O contêiner desliza mais uma vez no balanço do mar. Sem se incomodar, a Gêmea A senta à mesa e começa a comer uma das bolinhas. O Sobrinho, ainda mais abalado com a felicidade do tio, esbarra-se no Contador e atravessa a fronteira, em disparada. Encolhe-se num canto e envolve os joelhos. Madame Frossard puxa a arma.)

MADAME FROSSARD — Volta agora, peste! A gente não autorizou a entrada! Aliás, estou proibindo!

GÊMEA A — (com os fones, comendo) Ficou um pouquinho mas-senta.

O CONTADOR — Se suicidou!

A CANTORA CARECA — Claro, está fria. Mas é deliciosa!

MADAME FROSSARD — (ao Contador) Prove que ele não é mouco.

O FILÓSOFO COXO — Claramente trata-se de um quadro de estresse pós-traumático, que pode ser composto por apatia e desânimo extremos, pensamentos atentatórios contra a própria vi/

(Então, o Sobrinho transforma-se num enorme arquivo de metal. Apenas a Gêmea B continua ouvindo música nos fones e comendo a bolinha, alheia ao que se passa na sala. Pé ante pé, o Filósofo Coxo dirige-se ao móvel, abre a primeira gaveta e tira de lá uma pasta suspensa de escritório para olhar o que há dentro.)

A CANTORA CARECA — O que é?

O FILÓSOFO COXO — (mostrando) São boletos.

MADAME FROSSARD — Pagos?

O FILÓSOFO COXO — Espero que seja débito automático.

MADAME FROSSARD — Faltava a gente ter que pagar água e luz dos outros. O FILÓSOFO COXO — (lendo) Bartolomeu Basílio!

A CANTORA CARECA — É ele!

O CONTADOR — Nunca usei esse nome.

A CANTORA CARECA — (ao Contador) Você é que não se lembra. Foram tantos.

O FILÓSOFO COXO — Um homem que se metamorfoseia numa barata é algo comum em todas as democracias ocidentais do mundo, mas um tímido que se transforma num gaveteiro antiquado é um episódio extremamente brasileiro.

(A Gêmea B repara só agora no arquivo de metal.)

GÊMEA B — A cor não combina com a sala. Por que é que não colocam no depósito?

(Madame Frossard abre a gaveta de baixo e bisbilhota.)

O CONTADOR — (a Madame Frossard) Que é que tem de interessante aí?

A CANTORA CARECA — (à Gêmea B) Mal tem espaço suficiente pra nós, que dirá depósito.

MADAME FROSSARD — (ao Contador) Nada. (tirando algumas cédulas, escondendo) Só papéis.

GÊMEA B — (apontando a despensa) Nesse espaço aí, que está

cheio de comida ainda! O CONTADOR — O dinheiro é meu!

A CANTORA CARECA — Não! A comida acabou!

MADAME FROSSARD — Ele veio virar arquivo desse lado do abrigo! A gente vai usar pras despesas do funeral!

O CONTADOR — Mas eu sou família!

A CANTORA CARECA — Ele me reconhecia como uma grande artista. Me dizia, mudamente, apenas com a emoção toda em mim. Caráter imenso!

O FILÓSOFO COXO — E o que é que haveria nessa gaveta do meio?

MADAME FROSSARD — Se for dinheiro, me entregue.

(O Filósofo Coxo abre a gaveta do meio. Começa a fugir.)

O FILÓSOFO COXO — Papel picado, papel picado, papel picado! Precisamos investigar uma maneira de reverter esse quadro tenebroso.

MADAME FROSSARD — Todas as pessoas que conheci que viraram gaveteiros de metal hoje estão no fundo de uma repartição do Ministério da Saúde. É irreversível!

(A Cantora Careca começa a cantar.)

MADAME FROSSARD — Por que é que você acha que tudo se resolve com música?

A CANTORA CARECA — Ele vai voltar à vida com a minha perseverança artística!

MADAME FROSSARD — E eu paguei um curso de datilografia pra essa idiota!

GÊMEA B — Quem morreu?

O FILÓSOFO COXO — O cunhado e o teu sobrinho.

(A Gêmea B corre para o quarto. Imediatamente a Gêmea A entra.)

GÊMEA A — A irmã me contou tudo.

(De seu lado da fronteira, ela para diante do arquivo de metal.)

GÊMEA A — A cor não combina com nada da sala! E o walkman?

MADAME FROSSARD — (aponta os pedaços) Por dentro é mais feio do que por fora!

O FILÓSOFO COXO — Talvez eu tenha sido muito impreciso conceitualmente! Quem sabe ainda seja possível reverter ambos os casos!

(Então, a Gêmea A se transforma numa credência. Um grito agudo explode do quarto. O Contador vai, às pressas, ver o que está acontecendo. Imediatamente, ele volta trazendo um caderno e arrastando outra credência.)

O CONTADOR — (mostrando o caderno) Meu filho agora é um caderno de dez matérias com a foto de um casal loiro que nunca passou pelo Brasil/

MADAME FROSSARD — Ah, bem melhor! Não quebra.

A CANTORA CARECA — Parece que a gente está numa loja de móveis!

O CONTADOR — /E minha mulher é uma mesinha igual a irmã!

MADAME FROSSARD — Não tem ninguém realmente útil nessa família!

O FILÓSOFO COXO — Não são mesinhas, são credências à Luis XIV!

MADAME FROSSARD — Muita criatividade sua!

O FILÓSOFO COXO — (tirando o dicionário das calças) Demonstrarei que a palavra se encontra no (lendo o título) Dicionário de língua portuguesa, recopilado dos vocábulos impressos até agora e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado, por Antonio Moraes da Silva, de prolífica circulação no Brasil a partir de 1813.

(O contêiner desliza longamente.)

A CANTORA CARECA — O que é que está acontecendo, meu Deus? É vírus?

O CONTADOR — A gente precisa sair daqui.

O FILÓSOFO COXO — (folheando, lendo) Achei! “Aparador onde se provavam os pratos preparados para o rei ou para outros dignitários da corte, a fim de verificar se não continham veneno.”

A CANTORA CARECA — Faz tempo que não ouço nada lá fora.

MADAME FROSSARD — Pois Bartolomeu Basílio vai ser nosso experimentador oficial de veneno a partir de agora!

O CONTADOR — Eu vou embora! (ao Filósofo Coxo) Mestre, olhe de novo!

O FILÓSOFO COXO — (dando batidinhas no arquivo) Meus ombros são metálicos e estão muito longe do buraco!

O CONTADOR — Pois eu mesmo vou!

O FILÓSOFO COXO — Receio que seja impossível!

O CONTADOR — Quem tem olho olha.

(O Contador arrasta a mesa e põe uma credência em cima.)

O FILÓSOFO COXO — O trabalho requer uma profunda acuidade interpretativa. Não se reduz apenas à capacidade de plena execução das propriedades retinoides e das funções cérebro- visuais.

(O Contador usa uma banquetta de escada para subir na mesa e ajoelha-se na credência. Olha. O Filósofo Coxo vai de um lado ao outro, baratinado.)

O FILÓSOFO COXO — Repito que é um equívoco brutal acreditar que o senhor chegou a um estado conceitual que/

O CONTADOR — Não dá pra ver nada! Nada! A CANTORA CARECA — Ele avisou!

O CONTADOR — (ao Filósofo Coxo) Você enganou todo mundo!

A CANTORA CARECA — Você também!

(O Contador desce.)

O FILÓSOFO COXO — Esse é o maior xingamento que um filósofo pode receber em toda a vida!

O CONTADOR — Por que é que você quer manter a gente aqui, sendo despachado pra um lugar que não chega nunca?

MADAME FROSSARD — Para de atormentar o menino! Pulha!

A CANTORA CARECA — Está possesso porque todo mundo do lado dele é ruim. E gente podre vira decoração de quinta.

O CONTADOR — Eles mandaram a gente embora do Brasil!

MADAME FROSSARD — Graças a Deus! Mesmo sem bagagem, as passagens estavam pela hora da morte.

A CANTORA CARECA — Maravilha! Eu nasci pra carreira interna-

cional!

(O Filósofo Coxo para na entrada do contêiner.)

O CONTADOR — Capanga deles! Traidor!

O FILÓSOFO COXO — Acusação infundada e sem sentido! Totalmente inconce/

(Então, o Filósofo Coxo se transforma num espelho ricamente emoldurado que cobre toda a porta de saída. A Cantora Careca expressa seu desespero numa exclamação entre o grito e o entoar de uma nota musical. Ela tenta puxá-lo, mas ele não se mexe. O Contador também empurra, em vão.)

O CONTADOR — Está chumbado!

A CANTORA CARECA — (olhando no espelho) Mamãe, ele tinha nós duas dentro dele!

MADAME FROSSARD — É um espelho, estúpida! Reflete qualquer um.

A CANTORA CARECA — Eu devia estar triste, com ódio, mas isso foi uma declaração de amor!

MADAME FROSSARD — (apontando a pistolinha contra o Contador) Você transformou o menino num espelho! Bandido!

O CONTADOR — Eu acreditei nele!

MADAME FROSSARD — São só os juros da sua dívida!

A CANTORA CARECA — Como é a sensação da humilhação?

O CONTADOR — Vamos quebrar o espelho! A gente acerta as credências nele até destruir pedaço por pedaço!

A CANTORA CARECA — Como é se sentir aniquilado?

O CONTADOR — Pode ser que a gente consiga atravessar o fundo da moldura e fugir sem virar produto! Estão me entendendo?

MADAME FROSSARD — Nessa hora, eu já meti três balas nas suas costas! Tente!

O CONTADOR — Eu não tenho mais família. Eu tenho coisa.

(Ele se vira e ergue o mais alto que consegue uma das credências. Madame Frossard atira. O Contador grita a plenos pulmões, solta a credência e pega nas costas.)

MADAME FROSSARD — Droga: errei!

O CONTADOR — Que jeito na coluna!

(A duras penas, ele puxa uma banquetta e senta-se, entretado, com a coluna dura, perto da linha de fronteira. Mexe só a cabeça, levemente.)

MADAME FROSSARD — Você prefere no peito ou na cara?

O CONTADOR — Na cara. Pra pensarem que eu sou coisa também.

A CANTORA CARECA — No peito!

MADAME FROSSARD — Então vai no peito!

(Madame Frossard aperta o gatilho, mas nada sai da pistolinha. Ela confere o cartucho. As balas acabaram. A arma escorrega das mãos dela e desce ao piso. O Contador gargalha.)

MADAME FROSSARD — Eu ainda vou me vingar de você sendo uma grande atriz do teatro francês um dia!

A CANTORA CARECA — A senhora queria ser atriz do teatro francês? Desde quando?

(Madame Frossard fita a Cantora Careca longamente nos olhos, sem dizer palavra. Então, transforma-se numa chaise longue clássica, entalhada. A Cantora Careca solfeja algumas notas de desespero, enquanto passa a mão pelo estofado do móvel. Senta-se nele.)

O CONTADOR — Frossard, Frossard! E o dinheiro sumiu.

A CANTORA CARECA — Pela primeira vez, mamãe é uma pessoa confortável. Uma mulher cara, toda decorada de veludo.

O CONTADOR — Mas na hora que tem menos gente pra aproveitar.

A CANTORA CARECA — É minha mãe. Não é banco de igreja.

O CONTADOR — A gente está na mesma desgraça. Mais igual só se você tivesse uma dor nas costas também!

A CANTORA CARECA — Eu sou uma artista! Artista não tem dor nas costas. (puxando um banquinho, sentando-se perto da frente) Aquele pó estava estragado!

O CONTADOR — Muita mistura, não é? Pra render, eles colocam no liquidificador com tudo. Não é assim puro, porque os puros ficaram nos anos oitenta. Quando é que vai ser nossa vez de virar móvel?

A CANTORA CARECA — Eu queria ser um piano de cauda ou um oboé!

O CONTADOR — Eu sou uma touca de natação!

(De agora em diante, o calendário na parede chega a 2020 e vai mostrar a sucessão dos anos numa velocidade vertiginosa — até mais rápida que a dos milissegundos — para um futuro fatalmente desconhecido e, portanto, assustador.)

A CANTORA CARECA — Engraçado você mencionar os anos oitenta. É que agora nós somos os habitantes da fronteira.

O CONTADOR — Que é que tem a ver?

A CANTORA CARECA — Os puros ficaram nos anos oitenta. Nós agora somos um oboé e uma touca de natação.

O CONTADOR — Você não está sentindo cheiro de pólvora?

A CANTORA CARECA — De pólvora não!

O CONTADOR — Quem é que está colocando dinamite na cabeça do século?

A CANTORA CARECA — Não parece dinamite.

O CONTADOR — E é o quê?

A CANTORA CARECA — Fissura atômica.

(Bombas atômicas explodem.)

O CONTADOR — Que é que você entende disso?

A CANTORA CARECA — O menino me explicou um dia.

O CONTADOR — E você aprendeu?

A CANTORA CARECA — Tudo que me falam eu decoro.

O CONTADOR — Não sabia que o governo brasileiro contrabandeava esse tipo de armamento.

A CANTORA CARECA — Todo mundo tem uma hoje em dia! Meu vizinho da época que a gente morava na praia, por exemplo, tinha duas!

(A pele deles começa a se dissolver. Todo o contêiner vai se liquefazendo também.)

O CONTADOR — (olhando a própria mão) Acho que a gente está se desfazendo por causa da bomba.

A CANTORA CARECA — É o tempo. Olha o calendário.

O CONTADOR — Gostaria muito, mas o torcicolo vai de uma ponta à outra e chega no cocuruto!

A CANTORA CARECA — Que bonito ver o tempo passar!

O CONTADOR — (rindo) Eu já não tenho as mãos!

(Eles descarnaram por inteiro. Os móveis reduzem-se a nada, exceto os banquinhos onde estão sentados.)

A CANTORA CARECA — (rindo) Nem eu. Nem meus pés, nem meus ombros. (pegando no cabelo) Fiquei careca!

O CONTADOR — De novo?

A CANTORA CARECA — Foi de preocupação e desgosto, mas agora é de felicidade!

O CONTADOR — Como? Você está feliz?

A CANTORA CARECA — E você não?

(Eles agora são dois esqueletos que se mexem.)

A CANTORA CARECA — Eu não sinto nada!

O CONTADOR — A felicidade vem de não sentir nada, é?

(A Cantora Careca tenta cantar, mas não consegue.)

A CANTORA CARECA — Não consigo mais cantar. (rindo) Não tenho cordas vocais!

O CONTADOR — Que vazio é não ter nenhum talento pra perder!

(O calendário chega ao terceiro milênio.)

A CANTORA CARECA — Finalmente, chegamos no terceiro milênio!

O CONTADOR — Então deve ser aqui que a gente renasce num tempo de esperança.

(Eles olham ao redor.)

A CANTORA CARECA — Mas está tudo igual!

(Os dois esqueletos se levantam e se desintegram.)



Miolo impresso em papel avana 80g, na cor preta e
capa impressa em papel cartão 250g, 4 cores.
Fonte: Família Figtree.

SINOPSE

"Imersão no coração da decadência imperial, este livro é uma sátira corrosiva que desvenda a hipocrisia e a corrupção da elite brasileira em seus últimos suspiros. Em um salão de luxo em chamas, convidados de alta estirpe se debatem entre a elegância e a selvageria, enquanto a monarquia rui e a República espregueira nas sombras. Com um tom ácido e absurdamente hilário, a narrativa mergulha nas entranhas da ambição desenfreada, da busca por poder e da transição caótica de uma era. Prepare-se para uma leitura incômoda, mas inesquecível, que desnuda a face oculta da história."

O AUTOR

Alan Norões é escritor e revisor de textos. Publicou *Os senhores repararam que a viscondessa de Mataburros é uma porca?* (La Lettre, 2021) e *A lua de Ur num prato de terra* (7Letras, 2009). Colaborou para *O Povo*, *Folha de S.Paulo* e *Rascunho*.

Avalie nosso projeto.



ISBN 978-65-5422-102-3



9 786554 221023 >



MINISTÉRIO DA
CULTURA

